

**UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA  
PROGRAMA DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

**ELEIÇÕES EM VASSOURAS:  
A DINÂMICA ELEITORAL LOCAL ENTRE 1980 E 2000**

**por  
CRISTIANE SEABRA**

**Vassouras, 2007**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA  
PROGRAMA DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

**ELEIÇÕES EM VASSOURAS:  
A DINÂMICA ELEITORAL LOCAL ENTRE 1980 E 2000**

**por  
CRISTIANE SEABRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História da Universidade Severino Sombra (USS) pela Mestranda Cristiane Seabra, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre.

Orientadora: Professora Doutora Surama Conde Sá Pinto.

**Vassouras, 2007**

SEABRA, Cristiane.

Eleições em Vassouras: A dinâmica eleitoral local entre 1980 e 2000. \_\_\_\_ Vassouras: USS, 2006. 167 p.

**Bibliografia**

1. História do Brasil – República – Vassouras. 2. Eleições municipais – elite política – estatísticas eleitorais

Trabalho I. Título. II. Surama Conde Sá Pinto (ori.)

**UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA  
PROGRAMA DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

**ELEIÇÕES EM VASSOURAS:  
A dinâmica eleitoral local entre 1980 e 2000**

Dissertação de Mestrado elaborada por **Cristiane Seabra**, apresentada à Comissão Julgadora, como requisito parcial para a obtenção do título de

**MESTRE EM HISTÓRIA**

**Banca Examinadora**

Dra. Surama Conde Sá Pinto

**Presidente**

Dr. Ivo Coser

**1º Examinador**

Dra. Ana Maria da Silva Moura

**2º Examinador**

**Vassouras, 12/ 07/ 2007.**

## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe, meu irmão e meu marido, que são fundamentais para a minha existência e realizações.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter permitido que eu chegasse à conclusão desta nova fase de minha vida, pois se não fosse por sua presença e força, jamais teria conseguido.

Agradeço a Roselene Martins, amiga e colega de classe, por ter me incentivado a me inscrever na prova de seleção para ingresso no Mestrado, bem como toda a força e apoio nas matérias distintas de minha graduação.

Ao meu marido, André, que desde o primeiro dia foi incansável. Não só pelo fato de providenciar toda a documentação necessária para inscrição, como por todo incentivo dado durante o curso.

À minha mãe, que agüentou todo o tumulto causado em casa, devido ao amontoado de jornais e demais meios de pesquisas, e por seu incentivo constante. E ao meu irmão que teve que se privar do computador, para que eu pudesse preparar todos os trabalhos e por fim esta dissertação.

À minha orientadora, Prof Surama, que, antes de tudo, foi amiga e compreensiva com o meu jeito de ser, mostrando-me o quanto é maravilhoso o estudo da história política, pela sua constante presença, zelo profissional, paciência e dicas sem as quais seria impossível construir esta dissertação.

Aos professores do Mestrado, que contribuíram de sobremaneira para o crescimento e aprendizado para conclusão de nossa dissertação. E aos meus colegas de turma, em especial Gilciléia, que convivi durante todo o período de aulas compartilhando muitas experiências.

Aos funcionários do Mestrado que durante todo o curso foram sempre solícitos em nos atender.

À viúva de Severino Dias, Ângela, que forneceu todo material que dispunha sobre a trajetória política de Severino, para que a pesquisa fosse realizada.

Ao proprietário do jornal Tribuna do Interior, Marlos Elias de França, que disponibilizou todo seu acervo concernente ao trabalho para realização das pesquisas.

Ao Cartório Eleitoral, que franqueou o acesso a todas as informações necessárias para construção do aspecto formal da política vassourense.

À viúva de Carlos Eugenio Mexias, Maria Cristina, que disponibilizou um manuscrito sobre a biografia dele que ainda será publicada.

Aos funcionários do Arquivo Municipal que fraquearam o acesso às fontes primárias que utilizamos nesta dissertação.

Aos meus trinta e oito entrevistados, que se dispuseram a conceder entrevistas, que em sua grande maioria duravam mais de uma hora e meia, e em momento algum negaram ou colocaram obstáculos para dispor do que conheciam, abrindo suas casas ou comparecendo ao lugar marcado, permitindo assim que fosse possível a construção deste trabalho.

A todos meus amigos que compreenderam as ausências e falta de tempo, em especial àqueles que trabalham comigo que estavam sempre prontos a ouvir as etapas do curso, deram palpites, sempre me incentivando. À Daniela Rocha que mostrou-se atenciosa e prestativa.

A conclusão desta tese em muito me enriqueceu, pois permitiu conhecer aspectos que ficam por trás dos bastidores da política e entender o porque de tantas articulações.



*“O historiador é sempre de um tempo, aquele em que o acaso o fez nascer e do qual ele abraça, às vezes sem o saber, as curiosidades, as inclinações, os pressupostos, em suma, a ‘ideologia dominante’, e mesmo quando se opõe, ele ainda se determina por referência aos postulados de sua época.”*

(REMOND, René. *Por uma história política*) .

## RESUMO

Esta dissertação tem como objeto as eleições municipais na cidade de Vassouras – RJ- no período de 1980 a 2000. No enfoque desta temática visa-se analisar as estatísticas eleitorais dos pleitos locais ocorridos nesse período traçando um paralelo com a política estadual e nacional, os processos de articulação política e o perfil da elite política local.

Dois momentos em particular da política vassourense foram privilegiados: as eleições de 1988 que representaram a vitória de um candidato que não pertencia à elite política que tradicionalmente dominava a política municipal e a de 2000, marcada pela expressiva votação de um candidato que não figurava nas pesquisas de opinião como favorito. Ao interpretar o resultado das urnas nesses pleitos procurou-se mostrar que:

- a vitória nas eleições municipais de 1988 de Severino Dias ao invés do simples reflexo do repúdio da população aos outros candidatos foi antes produto da subestimação dos seus próprios adversários políticos;
- nas eleições municipais de 2000, a expressiva votação (mais de cinquenta por cento dos votos válidos) obtida pelo candidato vitorioso e não-favorito, Altair Paulino de Oliveira Campos, denota que grande massa da população ansiava por mudanças na política local.

Para a elaboração deste trabalho foram utilizados registros eleitorais, a imprensa e trinta e oito entrevistas realizadas com políticos e eleitores, no intuito de descortinar os bastidores da política local, entender as alianças políticas e identificar os personagens que estiveram à frente do Poder Executivo e Legislativo de Vassouras no período proposto.

Da correlação entre a política local, a estadual e a nacional foi possível depreender características semelhantes, como o significado que assume o voto, a pouca identificação dos políticos com as plataformas políticas de seus partidos, refletida na falta de fidelidade partidária e na utilização de práticas de natureza clientelística.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1. História do Brasil – República – Vassouras. 2. Eleições municipais – elite política – estatísticas eleitorais.

## ABSTRACT

The objective of this thesis is the municipal elections in the city of Vassouras - from 1980 to 2000. The focus on this theme is aimed to analyse the election statistics of the dispute that took place during the referred period of time, making a connection between the national and state politics, the political artifices' process and the profile of the political elite.

Two specific moments in the city politics were pointed out: the election of 1988, which represented the victory of a candidate who did not belong to the political elite that traditionally ruled the municipal politics; and the election of 2000, which stood out by the significant voting for a candidate who was not the favourite one in the pools. By interpreting the results of these disputes, there is an attempt to demonstrate that:

- the victory of Severino Dias in the 1988 municipal election, instead of simply reflecting the population disclaim against the other candidates, it was really produced by the underestimated view of his own political opponents.
- The 2000 municipal election had an massive voting (more than fifty per cent of valid votes) for the winning and not favourite candidate, Altair Paulino de Oliveira Campos, which shows that most people were anxious for changes in the local politics.

By means of election records, the printing press and thirty-eight interviews with politicians and voters, there is an effort to uncover the local politics backstage and to understand the political alliances, as well as to identify the characters who ran the Executive and the Legislative Houses, during the period of time indicated in this research.

It is possible to gather similar characteristics by comparing the local and the state and national politics, such as the the meaning of voting, the poor identification among the politicians and the ideologists of their parties, which reflected in the lack of faction identity and the implement of the patronage.

**KEY WORDS:** 1. History of Brazil – Republic – Vassouras.  
2. municipal elections – political elite – election statistics.

## ÍNDICE

<b>Introdução</b>	14
<b>Capítulo I - Vassouras e os cenários políticos nacional e estadual</b>	27
1.1 - Os cenários políticos nacional, estadual e municipal	27
1.2 – Eleições em Vassouras	35
1.3 – Desempenho nas urnas: partidos políticos, coligações, filiados, candidatos	52
<b>Capítulo II - Os bastidores da política vassourense</b>	75
2.1 – Severino Ananias Dias e Altair Paulino de Oliveira Campos: esboço de uma biografia	75
2.1.1 – Severino Ananias Dias: de cozinheiro a prefeito	75
2.1.2 – Altair Paulino de Oliveira Campos	85
2.2 – Alianças e bases políticas	90
2.3 – A imagem pública dos eleitos sob a visão dos eleitores	139
<b>Conclusão</b>	154
<b>Referências Bibliográficas</b>	162
<b>Anexos</b>	168
Anexo 1: Carta de Sarah Kubitschek à Severino Dias	169
Anexo 2: Carta de Sarah Kubitschek à Severino Dias	170
Anexo 3: Resultado oficial das eleições municipais de 2000, composto de quociente eleitoral, relatório de distribuição de médias, relatório de resumo de vagas, relatório de distribuição de médias, relatório de quociente partidário, relatório de resultado da votação dos candidatos por município.	171

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Nº</b>	<b>Relação de quadros</b>	<b>Pág.</b>
1	Prosopografia	42
2	Cálculo do quociente eleitoral (QE)	53
3	Cálculo do quociente partidário (QP) e número de vagas do Partido	53
4	Partidos vitoriosos nas eleições estaduais e municipais (1982 a 2002)	55
5	Eleições para o Executivo municipal (1982)	56
6	Eleições para o Legislativo municipal (1982)	58
7	Eleições para o Executivo municipal (1988)	60
8	Eleições para o Legislativo municipal (1988)	61
9	Eleições para o Executivo municipal (1992)	63
10	Eleições para o Legislativo municipal (1992)	64
11	Eleições para o Executivo municipal (1996)	66
12	Eleições para o Legislativo municipal (1996)	67
13	Eleições para o Executivo municipal (2000)	69
14	Eleições para o Legislativo municipal (2000)	70
15	Índices de permanência e de renovação do Legislativo	72
16	Bancadas do Legislativo (1982 a 2000)	72

## ÍNDICE DE SIGLAS DOS PARTIDOS POLÍTICOS\*

ARENA	Aliança Renovadora Nacional
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDC	Partido Democrata Cristão
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PFL	Partido da Frente Liberal

PL	Partido Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMN	Partido da Mobilização Nacional
PP	Partido Popular
PPB	Partido Progressista Brasileiro
PPS	Partido Popular Socialista
PRTB	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSP	Partido Social Progressista
PT	Partido dos Trabalhadores
PT do B	Partido Trabalhista do Brasil
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PV	Partido Verde
UDN	União Democrática Nacional

\* Atualmente existem 29 Partidos Políticos no Brasil. A existência dos Partidos é garantida na Constituição Federal (art. 17) e a Lei Federal 90966/95 regulamentou o referido artigo da Constituição Federal.

## INTRODUÇÃO

O município de Vassouras viveu seu período de opulência na história nacional com a cultura do café no século XIX, sendo a atividade responsável pelo surgimento dos chamados Barões, personagens ativos no cenário político do Império.

Devido “à prosperidade do lugar como pela comodidade para a população de *Sacra Família* que já contava sete eleitores e era mais próxima de Vassouras que o *Pati do Alferes* que continuava com quatro casas e absoluta falta de recursos,”<sup>1</sup> Vassouras foi elevada à vila pelo Decreto de 15 de janeiro de 1833, que extinguiu a vila de Pati do Alferes.<sup>2</sup> Com essa mudança, iniciaram-se os trabalhos da Câmara Municipal, cuja primeira sessão seria realizada em 20 de março de 1833. Duas décadas adiante, em 29 de setembro

<sup>1</sup> RAPOSO, Ignácio. “História de Vassouras”. Niterói, SEEC, 1978, p. 27.

<sup>2</sup> A povoação de Vassouras compreendia as freguesias de Sacra Família do Tinguá e Pati do Alferes.

de 1857, pela lei provincial nº 961, na administração de Caetano Furquim, presidente da Câmara Municipal, Vassouras seria elevada à categoria de cidade.<sup>3</sup>

Segundo Stanley Stein, autor de uma obra de referência sobre a cafeicultura no município, o Vale do Paraíba fluminense, entre 1850 e 1888, abrigava um grande número de fazendas de café estruturadas com base no trabalho escravo e estava inserido no cenário da produção mundial do produto, sendo Vassouras o município mais importante desta região, privilegiado pela sua localização geográfica, solo fértil e belezas naturais. A dinâmica dessa economia impulsionou o surgimento de uma nova aristocracia, os Barões do café do Vale do Paraíba, que se destacavam na vida política local e nacional.<sup>4</sup>

A fase de pujança da economia cafeeira seria seguida, contudo, por um período de declínio dessa atividade. De acordo com Darlan de Oliveira Reis Júnior,

*“após os anos de prosperidade da década de 1850, começaram os sinais que a economia de Vassouras estava em declínio, principalmente quando se constatava que as fazendas malsucedidas eram transferidas aos credores, e os empréstimos não eram mais amortizados, como por exemplo, os feitos para a compra de escravos. Com os preços do café flutuando, os escravos tornando-se caros e dispendiosos, as terras sendo devastadas, os fazendeiros não conseguiam pagar as dívidas acumuladas e nem obter novos empréstimos.”<sup>5</sup>*

Com o declínio do café, a partir do último quarto do século XIX, as fazendas do município, para sobreviverem, iniciaram atividades ligadas à pecuária e à produção de laticínios. Atualmente, a cidade de Vassouras não tem um fator único que defina sua base econômica. A economia gira em torno da Universidade Severino Sombra instalada na cidade no final dos anos 60, do comércio local, de pequenas empresas, do turismo e da agricultura explorada na chamada zona rural. Não existem indústrias instaladas no município.

---

<sup>3</sup> RAPOSO, Ignácio. Op. Cit., p. 115.

<sup>4</sup> STEIN, Stanley J. Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

<sup>5</sup> REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. A decadência do escravismo colonial: Vassouras, 1860-1880, Dissertação de Mestrado. Vassouras, 2001. p.80.

A perda do dinamismo econômico, do status e projeção política de que gozava no Império não alterou, contudo, um quadro marcado pelo domínio de determinadas famílias na política local.

Quando se investiga o perfil das elites políticas de Vassouras, detectamos uma história marcada por administrações exercidas por membros da alta sociedade local, desde a sua elevação à categoria de vila em 1833. Aproximando-nos mais do tema visado por esta dissertação, já no período republicano, evidencia-se também que, a partir de 1967, a chefia do Poder Executivo municipal ficou praticamente reduzida a um grupo de pessoas. Apenas em 1988, Severino Ananias Dias, candidato do Partido da Frente Liberal (PFL), consegue alterar este quadro, já que não fazia parte da tradicional sociedade de Vassouras. Severino era natural do estado da Paraíba. Antes de ingressar na vida pública fora chefe de cozinha da rede de televisão Manchete, na cidade do Rio de Janeiro. Casado com uma vassourense, Ângela Maria Nogueira de Paula, com quem teve dois filhos, fixou residência em Vassouras apenas cinco anos antes das eleições municipais.

O mesmo movimento de quebra do revezamento das elites locais observado nas eleições de 1988 se verificou no pleito de 1992, no qual Renato Antonio Ibrahim, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), candidato à sucessão, apoiado pelo então prefeito Severino Dias, foi eleito. Já a eleição de 1996 seria marcada pela união de dois candidatos até então adversários políticos, Pedro Ivo da Costa e Narciso da Silva Dias, ambos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que acabaram vitoriosos neste pleito. Apesar de aventada a candidatura de Severino Dias, a mesma não se efetivou em função do assassinato do ex-prefeito.

Em 2000, uma nova alteração se processaria no quadro político local com a eleição de forma esmagadora do candidato Altair Paulino de Oliveira Campos, do partido PDT para o cargo de prefeito.

Ao propor a análise das eleições municipais na Cidade de Vassouras, explorando essa dinâmica eleitoral no período de 1980 a 2000, reconstituída brevemente nas linhas anteriores, visamos contribuir, a partir de uma pesquisa empiricamente fundamentada, para



a discussão, entre outros, acerca do alcance da transição que aparentemente ocorreu na elite política local no período assinalado.

Em se tratando do recorte cronológico adotado, as balizas deste estudo estão relacionadas ao fato de que no período escolhido são verificadas importantes mudanças tanto no plano político nacional, com o fim do regime militar e o início do processo de redemocratização, quanto na esfera política local, conforme indica o aparecimento de novos partidos no município e de figuras pouco afinadas com o jogo político local, como é o caso de Severino Ananias Dias, que concorreu pelo PFL, partido fundado em Vassouras em janeiro de 1988.

Nosso foco está basicamente voltado para as eleições municipais em Vassouras, ou seja, para os pleitos para composição do Legislativo e Executivo local, realizados entre 1980 a 2000.

A escolha do objeto não foi fortuita. Apesar do tema eleições em Vassouras, ou o processo eleitoral local suscitar acalorados debates na imprensa municipal, temas de fundo, tais como alianças políticas, alterações de filiação partidária, entre outros, são simplesmente pouco abordados. Essa tendência verificada talvez encontre explicação ou na conveniência política ou no fato do foco dos observadores não-acadêmicos estar voltado para a eleição em si, que sob a ótica dos mesmos se afigura mais importante. Acreditamos que este ponto de vista pode prejudicar a construção de uma visão crítica, razão pela qual a concentração de forças neste trabalho visa preencher algumas lacunas sobre o tema.

Praticamente não existem trabalhos acadêmicos que abordem a temática aqui proposta, apenas a crônica política diária da imprensa local. Este trabalho justifica-se, nesse sentido, em função da lacuna historiográfica observada no que diz respeito à política contemporânea do município de Vassouras.

Os poucos livros editados que se referem à política não analisam questões relativas à política mais recente do município, preferindo explorar outros momentos. Apenas o livro

de resgate e preservação da memória da Câmara Municipal reúne informações sobre o Legislativo vassourense até o ano de 1988.<sup>6</sup>

Da mesma forma, inexistem trabalhos que comparem a política contemporânea local com o cenário político estadual e/ou nacional, ou ainda, que congreguem as estatísticas eleitorais do município.

Em contrapartida, já existe hoje uma ampla bibliografia elaborada por cientistas políticos, porém focadas nos âmbitos nacional e estadual. Com muita propriedade alguns autores destacam que: “*A despeito dessa retomada dos estudos sobre cultura política, no Brasil, esta abordagem, com raras exceções, tem sido praticada basicamente por cientistas políticos.*”<sup>7</sup>

Em 1978, Bolívar Lamounier e Maria D’Alva Kinzo<sup>8</sup> afirmaram que os dados eleitorais eram um campo de estudos que não desfrutavam de tradição no Brasil, pois havia poucas análises desta natureza, utilizando-se critérios metodológicos e padronizados. Mas a partir de 1978 começaram a ser produzidos de forma mais sistemática e crítica textos sobre partidos políticos, eleições e comportamento político, enfocando sua importância histórico-política.<sup>9</sup>

Nos anos noventa, Olavo Brasil de Lima Junior, Rogério Augusto Schmitt e Jairo César Marconi Nicolau também sublinharam a incipiência no Brasil de estudos voltados para a análise do sistema partidário e do comportamento eleitoral: “*Freqüentes são os estudos de cunho eminentemente ensaístico, e até mesmo puramente opinativos; freqüentes são os estudos que se utilizam apenas de material partidário e referências legais.*”<sup>10</sup>

Esses autores destacaram que alguns temas (partidos e sistemas partidários específicos, o funcionamento do sistema político como um todo) e determinados recortes

---

<sup>6</sup> MARTINS, Antônio. *Vereadores de Vassouras do Império à Nova República*. Vassouras: Edição Particular, 1993. Esta obra será melhor especificada na revisão bibliográfica.

<sup>7</sup> PINTO, Surama Conde Sá. “Descobrimos “novos” caminhos: o historiador e a abordagem da cultura política”. In: Revista PHOÏNIX. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2001, p. 372.

<sup>8</sup> LAMOUNIER, Bolívar; KINZO, Maria D’Alva Gil. “Partidos Políticos, Representação e Processo Eleitoral no Brasil: 1945-1978: In: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. 1978, n° 5.

<sup>9</sup> LIMA JUNIOR, 1992, op cit, pp.3-66

<sup>10</sup> LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de. SCHMITT, Rogério Augusto. NICOLAU, Jairo César Marconi. “A produção brasileira recente sobre partidos, eleições e comportamento político: balanço bibliográfico. In: BIB. Rio de Janeiro, 1992, n° 34, 2° semestre, p.4-5.

cronológicos (o período mais privilegiado é o de 1979 em diante coincidindo com o período de redemocratização do Brasil) são mais frequentes do que outros.

É impossível falar de sistemas eleitoral e partidário sem destacar o esforço de Olavo Brasil de Lima Junior, professor e coordenador de uma série de pesquisas sobre o assunto, que teve como obra pioneira sua tese de doutorado, *Partidos políticos brasileiros: a experiência federal e regional (1945-1964)*, defendida em 1980 na Universidade de Michigan e publicada em 1983. Lima Junior concentra seus estudos no processo de formação de alianças, no declínio dos partidos conservadores e o efeito da lei eleitoral.<sup>11</sup>

Posteriormente, esse autor atuou como organizador de três obras, a saber: em 1990, *O Balanço do Poder: Formas de Dominação e Representação*, em 1991, *O Sistema Eleitoral Brasileiro: Teoria e Prática* e, em 1997, *O Sistema Partidário Brasileiro: Diversidade e tendências – 1982-94*.<sup>12</sup>

A primeira obra, organizada em quatro capítulos, consiste em uma análise do funcionamento do sistema partidário e do regime eleitoral no Brasil desde o Império. Seu ponto de partida é a discussão dos partidos e das eleições, como instrumentos de dominação ou como forma de representação política. O alto grau de elitismo e excludência e o funcionamento intermitente e quase exclusivo para fins eleitorais são mostrados como traços característicos dos partidos políticos no Brasil.

A segunda obra, composta pela contribuição de vários autores, como Antonio Carlos Alkmin e Jairo César Marconi Nicolau, na tentativa de compreender os dilemas contemporâneos das instituições políticas brasileiras, avalia a questão da proporcionalidade sob a ótica da justiça eleitoral distributiva, a desproporcionalidade entre o percentual de votos e o número de cadeiras obtidas pelos partidos, além da competição eleitoral.<sup>13</sup>

Na terceira obra, há uma análise das diversidades e tendências do sistema partidário em oito unidades da federação: Bahia, Ceará, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio

---

<sup>11</sup> LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de. *Partidos Políticos Brasileiros: A experiência federal e regional (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Graal. 1983.

<sup>12</sup> \_\_\_\_\_. *O balanço do poder: formas de dominação e representação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo. 1990.

\_\_\_\_\_. *O sistema eleitoral brasileiro: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

\_\_\_\_\_. *O sistema partidário brasileiro: diversidade e tendências, 1982-1994*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

<sup>13</sup> Op. cit.

Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. O livro é dividido em capítulos, sendo dedicado um capítulo para cada estado e mais dois, um que trata da re-implantação do pluripartidarismo, de autoria de Lima Junior, e outro que traz notas sobre os índices mais utilizados nos estudos eleitorais, de Jairo Marconi Nicolau. Cada capítulo foi desenvolvido por um ou dois autores. Nesta dissertação foi dada maior atenção ao capítulo que trata do Estado do Rio de Janeiro, de autoria de Rogério Augusto Schmitt, intitulado “Rio de Janeiro: multipartidarismo, competitividade e realinhamento eleitoral”, que enfoca a evolução do sistema partidário do estado do Rio de Janeiro, tomando como base quatro eleições estaduais entre 1982 e 1994, e mostra, entre outros, a acirrada luta pelo governo do Estado e alternância da elite política no poder.<sup>14</sup>

Dentre as obras de Maria D’Alva Gil Kinzo, vale citar *Oposição e Autoritarismo: Gênese e Trajetória do MDB*, de 1988, que tenta reconstruir a memória de uma das forças de oposição ao domínio militar no Brasil, o Movimento Democrático Brasileiro – MDB. Conforme destaca a autora, este partido-movimento unificou forças que objetivava o restabelecimento da democracia no país e, mais que canalizar um interesse de classe, questionava a própria existência do regime militar.<sup>15</sup>

Semelhante interesse teve Eli Diniz que, em 1982, escreveu *Voto e Máquina Política: Patronagem e Clientelismo no Rio de Janeiro* para discutir especificamente a trajetória do MDB, partido de expressiva representação na cidade e no estado do Rio de Janeiro.<sup>16</sup>

Vale citar que, em Vassouras, o MDB também manteve certa expressão no período do regime militar através da vitória de dois candidatos à chefia do Executivo municipal nas eleições de 1972 e 1976.

Eli Diniz é autora também da resenha “Crise política, eleições e dinâmica partidária no Brasil: Um balanço histórico”, artigo que discute, a atuação dos partidos políticos

---

<sup>14</sup> Op. cit. O referido capítulo é subdividido em cinco itens: a bibliografia sobre partidos e eleições no Rio de Janeiro, as eleições majoritárias no multipartidarismo, os graus de participação eleitoral, o formato do sistema partidário e blocos ideológicos e padrões de volatilidade eleitoral.

<sup>15</sup> KINZO, Maria D’Alva Gil. *Oposição e Autoritarismo: Gênese e Trajetória do MDB*. São Paulo: Vértice, 1988.

<sup>16</sup> DINIZ, Eli. *Voto e Máquina Política: Patronagem e Clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

brasileiros, subdividido em quatro itens: sistemas partidários, eleições e regime político no Brasil entre 1945-1985; as principais tendências na Nova República; fragmentação e instabilidade partidária na conjuntura atual e considerações finais. Neste último item, a autora defende a tese de que “*em diferentes momentos, as reformas partidárias foram utilizadas como instrumento de luta política para consolidar as bases de uma nova coalizão dominante ou para deter o processo de decomposição de um dado esquema de poder*”.<sup>17</sup>

Bolívar Lamounier também contribuiu bastante para esse debate, sobretudo com a obra *Partidos e Utopias: O Brasil no Limiar dos Anos 90*, publicado em 1989, na qual analisa as eleições municipais de 1988, como determinantes na posição de largada dos diferentes partidos com vistas ao processo sucessório presidencial de 1989.<sup>18</sup> A exemplo da proposta de Lamounier, esta dissertação também apresenta como um dos temas de análise as eleições municipais de 1988.

Aliás, as eleições nas últimas décadas passaram a ser um ponto muito focado pelos pesquisadores. Além dos já citados Rogério Schmitt e Bolívar Lamounier, vale destacar, Joaquim de Arruda Falcão, organizador da obra *Nordeste: Eleições, de 1985*, e Fernando da Silveira Cotrim em *A geografia do voto no Brasil: Eleições 1989*. Nesses trabalhos ambos fazem referências às tendências do eleitorado.

Embora exista um número considerável de estudos acerca das eleições, não existem trabalhos específicos sobre o tema eleições em Vassouras, conforme já assinalamos.

No levantamento bibliográfico realizado sobre os livros que abordam a história de Vassouras verificou-se que em sua grande maioria o período privilegiado é o século XIX e início do século XX.

O livro que mais se aproxima do tema aqui proposto é o de Antônio Martins. Em *Vereadores de Vassouras do Império à Nova República*, publicado em 1983, o autor busca resgatar a formação política de Vassouras desde o período imperial até a República.<sup>19</sup> Neste

<sup>17</sup> DINIZ, Eli. *Crise política, eleições e dinâmica partidária no Brasil: um balanço histórico*. In: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1989, vol. 32, nº 03, p.338.

<sup>18</sup> LAMOUNIER, Bolívar. *Partidos e Utopias: O Brasil no limiar dos anos 90*. São Paulo: Loyola, 1989.

<sup>19</sup> MARTINS, Antônio. *Vereadores de Vassouras do Império à Nova República*. Vassouras: Edição Particular, 1993.

estudo é focalizada a formação das Câmaras, as obras realizadas, a sucessão eleitoral, as permanências. Apesar de atual, o referido trabalho não aborda o elenco de questões priorizado nessa dissertação, pois se preocupa em construir uma memória do Legislativo local, apesar de abordar também a gestão de prefeitos.

Por outro lado, dado o papel central desempenhado pela política na história de um povo, abordar a temática aqui proposta se mostra também relevante do ponto de vista social, porque busca resgatar parte da história conhecida apenas de se ouvir falar.

Ao analisar as eleições municipais em Vassouras no período compreendido entre 1980 e 2000, buscou-se examinar: o desempenho dos partidos nas eleições observadas na quadra indicada, o número de candidatos inscritos a cada pleito, o resultado final dos pleitos, a distribuição de cadeiras na Câmara segundo os partidos, os índices de permanência e de mudança no Legislativo e no Executivo local, traçar um perfil da elite política local, analisar até que ponto a eleição de Severino Dias em 1988 foi um marco da ruptura ou rearranjo na política local, comparar a dinâmica partidária local com a estadual e nacional do período, além de mapear as bases políticas locais dos candidatos ao Executivo municipal.

Dado o recorte de questões priorizadas, bem como o enfoque adotado, esta dissertação se insere no âmbito da história política e da história do tempo presente.

Três pressupostos que têm embasado o trabalho dos historiadores comprometidos com a renovação da história política serão aqui adotados: a idéia de que o político tem consistência própria em relação aos outros componentes da realidade social; o de que as escolhas políticas não são simples decalque das relações de forças entre categorias sócio-profissionais; o de que apesar do político ter características próprias, ele também tem relações com outros domínios, ligando-se a eles por vínculos variados e diversas espécies de laços.<sup>20</sup>

Assim como a história política, outro campo da história que vem conquistando legitimidade nos últimos anos e no qual essa dissertação se insere é a história do tempo

---

<sup>20</sup> REMOND, René. *Por uma História Política*. 2º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.14-36.

presente. Esse movimento, em grande medida, é fruto da percepção cada vez maior por parte dos historiadores de que a história não vive fora do tempo em que é escrita e a história do tempo presente exige o mesmo rigor que qualquer outra modalidade de história.<sup>21</sup> Uma das grandes diferenças talvez seja o fato de que ao escrevê-la os historiadores desempenham o papel de uma espécie de árbitro das controvérsias que dividem a opinião pública<sup>22</sup>. O que em absoluto compromete ou deve comprometer o compromisso com a verdade.

Os historiadores que se dedicam ao estudo do tempo presente procuram estar atentos aos fatos de forma mais profunda, além de uma simples observação, já que seu papel é também construir fatos, sempre cuidando para não perder o cerne da investigação, limitando-se às fronteiras do tempo presente, para que os temas não se tornem do passado.<sup>23</sup>

Estar atento às mudanças processadas à sua volta a fim de propor explicações para elas, trabalhar com diferentes temporalidades e não apenas com a curta duração e ir além da observação dos fatos são orientações observadas hoje pelos historiadores que se dedicam ao estudo do tempo presente e que servem de referência para esse trabalho.

É igualmente importante assinalar, no desenvolvimento dessa dissertação alguns conceitos foram utilizados: os de poder, elite política e partidos políticos.

Embora o conceito de poder seja polissêmico, para fins deste trabalho o entendemos como “*a capacidade de assegurar o cumprimento de obrigações pertinentes dentro de um sistema de organização coletiva em que as obrigações são legitimadas pela sua coessencialidade aos fins coletivos e, portanto, podem se impostas com sanções negativas, qualquer que seja o agente social que as aplicar.*” Esta definição, construída por Talcott Parsons, identifica a “consecução de objetivos” como função específica do sistema político.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> REMOND, René. "Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução." In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 5ª ed., 2002, p.209.

<sup>22</sup> O conceito de opinião pública aqui empregado é entendido como algo fluido e oscilante de afirmação da vontade popular em temas atinentes à condução dos destinos da coletividade politicamente organizada. Ver SILVA, De Plácido e. *Vocabulário Jurídico*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Forense. 2002.

<sup>23</sup> REMOND, 2002, op. cit. p.208

<sup>24</sup> BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11ª ed. Brasília: UnB, 1998, vol. 2, p.941.

Esse estudo pretende mostrar como o poder exercido por membros da elite política local influencia as conjecturas políticas municipais, como filiação partidária, escolha de candidato e o revezamento político.

No que diz respeito ao conceito de elites, outro termo empregado nesta dissertação, a bibliografia também é extensa.<sup>25</sup> Não cabe aqui discutir a produção de diferentes autores e os usos adotados por historiadores brasileiros, como José Murilo de Carvalho, Marieta de Moraes Ferreira, Cláudia Viscardi, em seus trabalhos que, mesmo guardando alguma similaridade, apresentam problemáticas e cortes cronológicos diferenciados.

É importante, contudo, ao indicar a utilização do conceito de elite, definir que o empregamos seguindo a orientação de cientistas políticos norte-americanos que privilegiam os critérios de posição<sup>26</sup> e decisão.<sup>27</sup> Concebemos, assim, por elite política de Vassouras os vereadores e prefeitos que ocuparam o Legislativo e o Executivo local entre 1980 e 2000, independente de terem ou não nascido na cidade.

Sobre a questão dos partidos, concordamos com Rodrigo Pato de Sá Mota, quando esse autor destaca que apesar da história dessas organizações no Brasil ser tumultuada, ela é de grande importância, pois os partidos são essenciais no desenrolar do processo democrático, desempenhando o papel de agentes mobilizadores e organizadores da vontade popular.<sup>28</sup>

Na definição de Max Weber, o partido político é

*“uma associação... que visa a um fim deliberado, seja ele ‘objetivo’ como a realização de um plano com intuítos materiais ou ideais, seja ‘pessoal’, isto é, destinado a obter benefícios, poder e, conseqüentemente, glória para os chefes e sequazes, ou então voltado para todos esses objetivos conjuntamente”<sup>29</sup>.*

---

<sup>25</sup> Ver GRZYNSZPAN, Mário, “A teoria das Elites e sua Genealogia Consagrada”. In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1996, vol. 41.

<sup>26</sup> O critério posição está ligado às pessoas que ocupam posições formais de poder.

<sup>27</sup> O critério decisão está ligado ao exame de decisões concretas, que é o instrumento capaz de detectar o poder em ação e as respectivas pessoas investidas deste poder, independente de ocuparem ou não posições de poder.

<sup>28</sup> MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

<sup>29</sup> BOBBIO, op. cit. pp.898-905.



Embora a definição de Weber seja um referencial importante, na abordagem do tema proposto foi feita a opção em trabalhar com a orientação seguida por Olavo Brasil de Lima Junior e Rodrigo Pato de Sá Mota. Este último define partido político como agrupamentos de pessoas que almejam o poder, que se organizam em um partido em função tanto de motivação ideológica quanto de ambição pelo poder.<sup>30</sup>

No desenvolvimento do tema aqui proposto, trabalhamos com duas hipóteses:

- A vitória nas eleições municipais de 1988 de Severino Dias ao invés do simples reflexo do repúdio da população aos outros candidatos foi antes produto da subestimação dos seus próprios adversários políticos.
- Nas eleições municipais de 2000, a expressiva votação (mais de cinquenta por cento dos votos válidos) obtida pelo candidato vitorioso e não-favorito, Altair Paulino de Oliveira Campos, denota que grande massa da população ansiava por mudanças na política local.

Para testar essas hipóteses lançamos mão dos dados eleitorais existentes no período de 1980 a 2000, procurando extrair toda a riqueza de detalhes, na tentativa de construção de uma análise melhor elaborada.

Foram ainda analisadas as seguintes fontes: imprensa, cadastro de filiação partidária e processos de registros de candidatura, atas de eleições, além de realizadas 38 entrevistas. Dentre os entrevistados estão eleitores, políticos, articuladores e pessoas envolvidas na política da cidade de Vassouras.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> MOTTA, op. cit. p. 11

<sup>31</sup> Os entrevistados foram: Altair Paulino de Oliveira Campos (ex-prefeito), Américo da Silva Carvalho (presidente da USS, ex-candidato a prefeito), Ângela Nogueira de Paula Dias (viúva de Severino Ananias Dias), Antonio Chagas de Araújo (maitre), Arthur de Ávila Freire (ex-vereador), Carla da Silva Dias Valente (dentista, neta de Narciso da Silva Dias), Carlos Roberto da Silva Ganhadeiro (coordenador de campanha eleitoral), César Matoso Furtado (empresário, ex-candidato a prefeito), Célia de Almeida Pereira (funcionária pública municipal), Cláudio Moysés da Silva Figueiredo (ex-vereador), Deoswaldo de Oliveira Ramos (coordenador de campanha eleitoral), Eurico Pinheiro Bernardes Junior (ex-vereador e atual prefeito), Fernando Antônio do Amaral (eleitor), Fernando Mattoso Bittencourt (eleitor), Francisco Sertório Filho (ex-vereador), Gley Geraldo Gonçalves (ex-vereador), Jorge Iberê (ex-vereador), José Maria Vaz Capute (ex-vereador e ex-candidato a prefeito), José Werneck Machado Filho (ex-vereador e ex-candidato a vice-prefeito), Leda Xavier Brandão (eleitora), Lucia Maria Werneck da Silva Dias (viúva de Narciso da Silva Dias), Marcus Pullig Ferreira Gomes (ex-vereador e articulador político), Maria de Lourdes Ribeiro Loureiro (eleitora), Marlos Elias de França (proprietário do jornal Tribuna do Interior e ex-candidato a prefeito), Maximiano Fraga de Souza (ex-vereador), Nair Moraes Jordão (eleitora), Nilo Ricardo Carvalheira (ex-vice-

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, nas entrevistas foram elaborados roteiros de acordo com as indicações de Verena Alberti, no livro *Manual de História Oral*. Optamos por entrevistas temáticas “aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, temas que tem estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, uma função desempenhada ou envolvimento e experiência em acontecimentos ou conjunturas específicas”.<sup>32</sup>

Outro método utilizado foi a análise de discursos, segundo a orientação apresentada por Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas no livro *Domínios da História*.<sup>33</sup>

Para análise do perfil da elite política local lançamos mão da prosopografia, que vem provando ser um instrumento capaz de ajudar a revelar os meandros sócio-políticos que unem um grupo.

Esta dissertação foi estruturada em dois capítulos. No primeiro, analisamos o processo eleitoral em Vassouras, abordando a política formal entre 1980 e 2000, enfocando de maneira especial os cenários políticos nacional, estadual e municipal, as eleições em Vassouras e o desempenho nas urnas de partidos políticos, coligações, candidatos, o quociente eleitoral, a distribuição de cadeiras na Câmara Legislativa, dentre outros.

No segundo capítulo, as eleições de maior impacto na cidade ganham espaço próprio, quais sejam, a de 1988 e a de 2000. Nele foram focalizados como se processaram esses pleitos, bem como as alianças e bases políticas. É realizado também um esboço de biografia dos candidatos vencedores para chefe do Executivo, em cada uma das eleições. Por fim é analisada a imagem pública dos mesmos sob a visão dos eleitores.

---

prefeito), Olganira Espindola Mello Carvalheira (ex-vereadora), Paulo Roberto Arbex (eleitor), Pedro Ivo da Costa (ex-prefeito), Pedro Paulo Andrade dos Santos (vereador), Raul de Ávila Martins (eleitor), Renato Antonio Ibrahim (ex-prefeito), Roberto Rosa (ex-candidato a prefeito e colunista de jornal), Sylvio da Cruz Leal (ex-vice-prefeito), Tânia Rodrigues (eleitora), Waldir Nicolau Marinho (eleitor) e Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal (vereador).

<sup>32</sup> ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.37.

<sup>33</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

## **CAPÍTULO I**

### **Vassouras e os cenários políticos nacional e estadual**

#### **1.1- Os cenários políticos nacional, estadual e municipal**

A década de 80 foi marcada por importantes mudanças no panorama político nacional. Já em dezembro de 1979, o regime militar colocaria um ponto final no bipartidarismo com a extinção da Aliança Renovadora Nacional – ARENA - e o Movimento Democrático Brasileiro - MDB, abrindo espaço para que o país retornasse ao sistema pluripartidário.

A extinção de partidos políticos já havia sido uma medida governamental adotada em três outras ocasiões a partir de 1930: em dezembro de 1937, logo após a implantação do Estado Novo; em outubro de 1965, quando o Ato Institucional nº 02, pôs termo ao sistema pluripartidário, abrindo caminho para a adoção do bipartidarismo; e em novembro de 1979, quando a reforma promovida pelo governo determinou o fim dos dois partidos em

atividade, a ARENA e o MDB, reintroduzindo o pluripartidarismo na vida política brasileira.

Em um estudo no qual faz um balanço histórico sobre a dinâmica partidária brasileira, Eli Diniz destacou que os partidos desfrutaram de prestígio no período do Império e, com o advento da República, passaram por um processo de desvalorização.

*“Valorizados durante o Império, quando se projetaram na política nacional e adquiriram prestígio enquanto garantidores da competição e da alternância no poder, os partidos desapareceriam com o advento da República. (...) Se o Império fora pró-partido, (...) a nascente República era antipartido.”<sup>34</sup>*

De fato, no período da ditadura getulista houve a proibição do livre funcionamento dos partidos políticos, essa foi uma das medidas adotadas na Constituição de 1937, quando da implantação do Estado Novo no Brasil.<sup>35</sup>

A queda do Estado Novo em 1945, segundo Lucília Delgado, foi *“um marco de ruptura que apontou alternativas de transformação do antigo regime político.”*<sup>36</sup> Com o fim da ditadura, houve a implementação do regime democrático, passando vigorar o sistema pluripartidário. Os partidos políticos começaram a ganhar forma, calcados no pluralismo e na abrangência nacional. Ainda segundo a mesma autora:

*“Pela primeira vez na história republicana adotou-se como condição obrigatória para o registro de qualquer agremiação partidária seu caráter nacional. Essa medida rompeu, de forma definitiva, com a velha tradição brasileira de estruturação partidária regional, que durante anos consecutivos alimentou o poder das oligarquias estaduais.”<sup>37</sup>*

Em que pese a mudança de regime político e a reativação dos princípios liberais, dentre outros, o país passava por um momento de crise em vários aspectos, tanto

---

<sup>34</sup> DINIZ, Eli. *Crise política, eleições e dinâmica partidária no Brasil: um balanço histórico*. In: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1989, vol. 32, nº 03, p. 324.

Sobre este assunto ver também CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de Sombras: A Política Imperial*. São Paulo: Vértice/Iuperj, 1988, pp158-9.

<sup>35</sup> Sobre o tema Estado Novo, ver PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed FGV. 1999.

<sup>36</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004, vol. III, p.131.

<sup>37</sup> DELGADO, op. cit. p. 134.

econômicos como sociais e, obviamente, políticos. O sentimento de descrença nos partidos políticos e na classe política estava arraigado na cultura política do país.

Seguindo a mesma linha de análise, Rodrigo Patto Sá Motta destaca que:

*“O esgotamento da ditadura abriu caminho para o retorno às práticas democráticas. De imediato começaram a se organizar os grupos políticos, visando constituir partidos para disputar o pleito eleitoral. Proibidos por quase dez anos os partidos políticos voltavam a ocupar o cenário nacional.”<sup>38</sup>*

Diante das transformações do quadro político-institucional, os agrupamentos que vinham tomando forma, de modo simultâneo com a retomada democrática, a partir de fevereiro de 1945, deram início às providências formais para a obtenção de registro junto à Justiça Eleitoral, capacitando-se assim a concorrer como partidos às eleições.

Os partidos até então não dispunham de legislação específica, eram tratados como associação privada, a despeito do dever de se registrar nos termos do Código Civil para adquirir personalidade jurídica. A lei que definiu os partidos políticos como entidades jurídicas de direito público só foi aprovada em 1950 e, por consequência, tornou-se obrigatório o registro no Tribunal Superior Eleitoral, passando a ser tratados como elementos indispensáveis para o funcionamento das instituições democráticas.

A Constituição de 1946 também foi responsável pela adoção de algumas medidas de cunho democrático como o retorno do voto feminino, a redução da idade mínima para se tornar eleitor de 21 para 18 e também a reimplantação do voto obrigatório.

Mesmo após o desprestígio da ditadura, a herança getulista influenciou três partidos que formaram uma estrutura de disputa pelo poder: o PSD (Partido Social Democrático) e o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), que se vincularam por afirmação e apoio a Getúlio Vargas e a UDN (União Democrática Nacional), que se configurou no maior opositor ao getulismo. Apesar do caráter pluralista do sistema partidário, valendo citar o PCB (Partido Comunista Brasileiro) como integrante legalizado e de cunho relevante deste sistema, a competição eleitoral era dicotômica e polarizada no triângulo partidário PTB e PSD versus UDN.

---

<sup>38</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG. 1999, pp. 81-108

Lucília Delgado aponta que “o período de 1945 a 1964 pode ser considerado, sem sombra de dúvida, como um dos mais democráticos da experiência republicana brasileira”.<sup>39</sup> O regime democrático e o sistema pluripartidário vigoraram no país até a implantação do regime autoritário em 1964, aquele último até outubro de 1965, sobrevivendo mais de um ano ao movimento militar.

O golpe militar ocorrido em abril de 1964 foi promovido após articulação de setores conservadores da sociedade brasileira com os militares, “sob o argumento de estarem agindo para salvarem a democracia”<sup>40</sup>

No período do autoritarismo, foi elaborada a lei 4.740 de julho de 1965, conhecida como lei orgânica dos partidos políticos que, dentre outras mudanças, visava limitar o número de agremiações partidárias no país através de uma série de restrições de funcionamento. Das 13 agremiações políticas em atividade no país, na época, apenas quatro - PSD, UDN, PTB e PSP (Partido Social Progressista) - tinham condições de atender às exigências da nova legislação.

Em continuidade à reforma partidária, o ato institucional nº 2 (AI – 2), de 27 de outubro de 1965, extinguiu todos os partidos políticos então reconhecidos, submetendo e reafirmando a organização às normas da Lei 4.740. Apesar de não conter qualquer disposição quanto à criação de um sistema de dois partidos, era evidente a intenção do governo de institucionalizar o bipartidarismo.

O intento do governo foi confirmado com o Ato Complementar n.º 4 de 20/11/1965, que definiu as regras a serem seguidas para reorganização partidária. Em 1966, foi formalizado o bipartidarismo no Brasil, surgiram os agrupamentos ARENA, que apoiava o governo, e o MDB, que representava a oposição. Estes partidos preencheram o vazio deixado pela extinção das antigas agremiações partidárias.

O governo tinha como objetivo formar um partido forte que servisse de base de apoio, a ARENA. Mas de outro lado, como bem observou Rodrigo Patto Sá Motta, também

---

<sup>39</sup> DELGADO, op. cit. p.151.

<sup>40</sup> MOTTA, op. cit. p.108

*“interessava ao poder a existência de um partido oposicionista, para ajudar a manter uma aparência democrática.”*<sup>41</sup> Daí o surgimento do MDB.

Tanto a ARENA quanto o MDB foram formados por parlamentares dos antigos partidos existentes, sem que houvesse muita coerência. No início do regime militar, o partido governista desfrutou do domínio eleitoral ao passo que o partido oposicionista, além de não ter expressão, não conseguia convencer a opinião pública que estava descrente tanto com a política quanto com os partidos políticos. Segundo Eli Diniz, houve *“alheamento e distanciamento dos eleitores face às novas siglas impostas pelo governo militar.”*<sup>42</sup>

O descrédito da população podia ser sentido nas urnas, houve aumento na abstenção e nos votos nulos e em branco no período. Esta tendência só começou a mudar a partir da eleição de 1974, quando o MDB passou a desfrutar de maior apoio popular, garantido após a adoção de novas posturas da oposição.

Em que pese o arranjo para a formação de um partido que se opunha ao governo, não era desejo deste o crescimento da oposição. A estratégia governamental pautava-se na manutenção do controle do poder e no sentido de encaminhar o processo de abertura política de forma lenta e gradual.

Entretanto, não houve como evitar o fortalecimento da oposição a partir de 1974 e o conseqüente desprestígio e isolamento do grupo no poder, acelerando, desta forma, o processo de redemocratização do país.

Analisando a nova reforma partidária implementada em 1979, Eli Diniz destacou:

*“O temor de perder o controle do processo eleitoral inspirou a nova reforma partidária imposta pelo governo militar em 1979, instaurando o pluripartidarismo. Como é sabido, o objetivo era fragmentar a oposição e impedir a derrota do partido situacionista.”*<sup>43</sup>

Em 22/11/1979, o Congresso aprovou a reforma partidária, que extinguiu a ARENA e o MDB e possibilitava o retorno do pluripartidarismo à vida política brasileira. Em 1980, seis partidos obtiveram registro provisório junto ao Tribunal Superior Eleitoral: o PDS

---

<sup>41</sup> Op. cit. p117.

<sup>42</sup> DINIZ, op. cit. p.328

<sup>43</sup> Ibidem

(Partido Democrático Social), que apoiava o governo, e o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), o PP (Partido Popular), o PDT (Partido Democrático Trabalhista), o PT (Partido dos Trabalhadores) e o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), todos de oposição.

A reimplantação do multipartidarismo no país foi, como pontuou Olavo Brasil de Lima Junior, o “marco institucional legal” da evolução do sistema, que assumiu formatos diferentes nos vários estados do Brasil. Entretanto, os estados comungaram no período de um aspecto comum que foi a adoção e expansão do multipartidarismo.

O voto facultativo para maiores de 16 anos e menores de 18 anos e a expansão do eleitorado além do crescimento demográfico também foram indicativos das mudanças ocorridas.

Vale observar que referidas mudanças ocorreram não somente em nível nacional, mas também no estadual e municipal, quando também foi aberto espaço para o aparecimento de novos atores políticos.

No plano estadual, costuma-se afirmar que o Estado do Rio de Janeiro tem por tradição uma acirrada disputa pelo poder, além de uma tendência oposicionista. É o que aponta Rogério Schmitt:

*“A política carioca e fluminense é essencialmente pluripartidária. A quantidade média de partidos com expressiva magnitude eleitoral dificilmente é inferior a quatro. (...) Desde 1982 que os candidatos ao governo estadual apoiados pelo governador em exercício são sistematicamente derrotados nas urnas. Em 1982, o Rio de Janeiro foi o único estado da Federação que elegeu um governador não filiado nem ao PMDB e nem ao PDS, os dois grandes partidos da época, herdeiros, respectivamente, do MDB e da Arena.”<sup>44</sup>*

O resultado final da disputadíssima eleição de 1982 computou 34,2% dos votos para Leonel Brizola, cujo vice era Darcy Ribeiro, 30,6% para Moreira Franco, do PDS amaralista, 21,5% para Miro Teixeira, do PMDB chaguista, 10,7% para Sandra Cavalcanti pelo PTB e 3% para Lysaneas Maciel do PT.

---

<sup>44</sup> SCHMITT, Rogério Augusto. In: LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de (org). *O Sistema Partidário Brasileiro: Diversidade e tendências, 1982-94*. Rio de Janeiro: FGV. 1997, pp 137-164.



Dois trabalhos significativos sobre as eleições de 1982 (Soares & Silva, 1985; Souza et alii, 1985), mais especificamente o segundo, “*procura interpretar a vitória eleitoral de Brizola a partir da decomposição dos fatores que viabilizam a continuidade de um esquema bipolarizado de forças políticas no Rio de Janeiro, discutindo a hipótese da existência de um realinhamento partidário*”.<sup>45</sup>

Nas eleições estaduais de 1986, o vitorioso foi Moreira Franco, com 49,3% dos votos, que trocou sua filiação partidária para o PMDB, contra 35,9% de Darcy Ribeiro, candidato apoiado pelo então governador Leonel Brizola. Note-se que os votos para o PDT mantiveram a mesma desenvoltura da eleição de 1982. Concorreram também nesse pleito Fernando Gabeira, pelo PT<sup>46</sup>, cujo desempenho foi de 8,6%, o cantor Agnaldo Timóteo, pelo PDS, com 1,8% e outros três candidatos, de partidos inexpressivos, que somaram 4,4%. Vale citar que, na eleição anterior para deputado federal, Agnaldo Timóteo havia sido o candidato mais votado do estado, tendo concorrido pelo PDT.

A eleição que teve característica de menos disputa foi a de 1990, em que novamente Leonel Brizola, pelo PDT, deleitando-se de um grande favoritismo, venceu com 60,9% dos votos, o que lhe garantiu o governo estadual logo no primeiro turno. Os outros candidatos foram: Jorge Bittar (PT) com 18%, Nelson Carneiro (PMDB) com 13,5% e Ronaldo Cezar Coelho (PSDB) com 7,6%.

A primeira eleição para o governo estadual que foi decidida em dois turnos foi a de 1994, polarizada, no segundo turno, por Anthony Garotinho, do PDT, e Marcello Alencar, do PSDB e ex-pedetista, sendo este último o vencedor com 56,1% dos votos contra 43,9% daquele.

Segundo Rogério Schmitt:

*“O balanço das quatro eleições mostra a alternância no poder entre governos pedetistas (ambos liderados por Leonel Brizola) e governos de coalizões anti-PDT. Observadores não-acadêmicos da política no Rio de Janeiro costumam (ou pelo menos costumavam) afirmar que o eleitorado do estado é composto por 1/3 de brizolistas, por 1/3 de antibrizolistas e por 1/3 de eleitores volúveis, e que o tipo de escolha eleitoral deste terceiro grupo acaba por determinar a sorte das eleições. Um modelo tão simplificado*

---

<sup>45</sup> Ibidem

<sup>46</sup> O candidato Fernando Gabeira concorreu às Eleições de 1986 pelo PT porque o PV, partido que efetivamente representava, ainda não tinha obtido registro oficial. Apesar de só ter sido oficialmente fundado em janeiro de 1987, o PV considera que sua primeira participação eleitoral foi nas eleições de 1986.

*como esse parece entretanto ajustar-se com alguma precisão às disputas majoritárias dos anos 80 e 90.*”<sup>47</sup>

Ao contrário dos outros estados brasileiros, que mantiveram características do bipartidarismo, o estado do Rio de Janeiro mostrou-se essencialmente multipartidário, com *“tendência à dispersão das preferências políticas entre vários partidos. De fato, tanto em 1986 como em 1990, nada menos do que 28 legendas partidárias concorreram às eleições no estado. Em 1994, este número cai para 20 partidos políticos nominais disputando o voto do eleitorado.”*<sup>48</sup>

A cidade de Vassouras, município do estado do Rio de Janeiro, no início do período militar foi governada por integrantes da ARENA (1967 a 1970 e 1971 a 1972) e, com o crescimento da oposição no país e no estado, o MDB foi vitorioso nas eleições municipais de 1972 e de 1976.

Anteriormente, nas eleições de 1966, vale citar que o candidato que concorreu pelo MDB, Eugenio Caputi, havia obtido expressiva votação (3.642 votos). Entretanto, naquela época, vigorava no país o sistema das sublegendas<sup>49</sup> e a ARENA lançou dois candidatos à chefia do Executivo municipal, Carlos E. Mexias, pela legenda, que obteve 2.679 votos e pela sublegenda Narciso da Silva Dias que obteve 1.744 votos. A soma dos votos da legenda com os da sublegenda garantiu a vitória da ARENA.

As eleições em Vassouras, as articulações e particularidades são objeto de estudo do próximo item.

---

<sup>47</sup> Op. cit.

<sup>48</sup> Ibidem.

Ainda não existem estudos disponíveis sobre o período de 1998 a 2000. Há apenas um banco de dados que reúne elementos para posterior elaboração de trabalhos acadêmicos. O referido banco de dados pode ser consultado no site da IUPERJ, através do endereço <http://doxa.iuperj.br>.

<sup>49</sup> A Lei 5453 de 14/06/1968 instituiu o sistema de sublegendas, conceituando-as em “listas autônomas de candidatos concorrendo a mesma eleição dentro da organização partidária registrada na forma da lei.” Entretanto, as sublegendas foram instituídas utilizados desde as eleições de 1966, através da Resolução 7902/66. Em 1977, o decreto-lei 1541, também chamada de Lei das Sublegendas, conceituou novamente: “são sublegendas as listas autônomas de candidatos concorrendo a um mesmo cargo em eleição dentro do partido político a que são filiados. As sublegendas foram extintas pela Lei 7551, de 12 de dezembro de 1986.

## 1.2- Eleições em Vassouras

Quando se investiga o perfil das elites políticas de Vassouras, detectamos uma história marcada por administrações exercidas por membros da alta sociedade local, desde a criação do município em 1833.

Evidencia-se também que a partir de 1967 a chefia do Poder Executivo municipal ficou praticamente reduzida a um grupo de pessoas: entre 1967 e 1970 a prefeitura foi ocupada por Carlos Eugênio Mexias, da ARENA<sup>50</sup>; entre 1971 e 1972 por Narciso da Silva Dias<sup>51</sup> (ARENA); entre 1973 e 1976 Carlos Eugênio Mexias (MDB) foi novamente eleito prefeito, porém desta vez no partido da oposição; entre 1977 e 1982 foi a vez de Pedro Ivo da Costa<sup>52</sup> (MDB, e, com a sua extinção, PMDB) e entre 1983 e 1988 retorna à prefeitura Narciso da Silva Dias (PDS). Este cenário começou a sentir mudanças a partir de 1979 com

---

<sup>50</sup> Carlos Eugênio Mexias, nasceu em Vassouras e pertencia a tradicional família vassourense. Em 1945, já ligado a algumas correntes políticas, foi nomeado tabelião do Cartório do 4º Ofício de Justiça da Comarca de Vassouras. Às fls 47, do livro de atas, consta que Mexias obteve 2679 votos e pela sub-legenda da ARENA concorreu Narciso da Silva Dias que obteve 1744 votos. Pelo MDB, concorreu Eugenio Caputi, com 3642 votos. A soma dos votos da legenda com os da sub-legenda garantiu a vitória da ARENA.

<sup>51</sup> Narciso da Silva Dias, nascido em Vassouras e formado em odontologia, foi dentista, professor de matemática e proprietário do Colégio de Vassouras. Seu pai foi um dentista muito conhecido e conceituado.

<sup>52</sup> Pedro Ivo da Costa nascido em Vassouras e formado em Direito, é tabelião do Cartório do Ofício de Justiça da Comarca de Valença. Atualmente é filiado ao PSDB, partido em que assumiu o cargo de presidente do diretório municipal até 2004.

o enfraquecimento e queda do regime militar e a reimplantação do multipartidarismo no país.<sup>53</sup>

Percebe-se claramente que, à época, o partido predominante na cidade era o MDB, partido do Prefeito e também da maior parte dos vereadores da Câmara Municipal. Vassouras seguiu assim uma tendência da política estadual, já que o MDB também havia adquirido grande expressão na cidade e no estado do Rio de Janeiro. No âmbito estadual, o governo era de Chagas Freitas, que foi um dos responsáveis por este crescimento.<sup>54</sup> Conforme destaca Rogério Schmitt “O Rio de Janeiro foi o único estado em que o MDB era amplamente majoritário em relação à Arena”.<sup>55</sup>

A vitória do candidato do MDB ao governo municipal em 1972 já sinalizava a tendência que se consolidou no Estado do Rio de Janeiro a partir de 1974. Dado corroborado na obra de Rodrigo Patto Sá Motta:

*“O mais significativo é que os resultados de 1974 não foram um mero acidente, provocaram uma tendência de crescimento contínuo do apoio popular ao MDB, refletido nas disputas eleitorais dos anos seguintes.”*<sup>56</sup>

À época, circulava na cidade de Vassouras o jornal Tempos, cujo editor responsável era Paulo Branco<sup>57</sup>. Fundado em 01 de abril de 1976, o jornal procurava manter uma regularidade de circulação mensal, tendo havido épocas em que foi semanal e quinzenal. O Tempos demonstrava características bem artesanais, apesar de ser impresso em editora. No cabeçalho, estão impressos a data, o ano de circulação, o número da edição. Na parte de baixo à esquerda da segunda página consta uma quadrícula com o seguinte texto:

---

<sup>53</sup> Para construção deste item foi necessário uma pesquisa criteriosa na única fonte disponível: os jornais da época, já que inexistem livros ou trabalhos acadêmicos que tratem especificamente do assunto, tendo como recorte espacial a cidade de Vassouras.

<sup>54</sup> Chagas Freitas foi governador no Estado do Rio de Janeiro no período de 1979 a 1982. A fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro fundiu também o MDB fluminense (amaralista) com o MDB carioca (chaguista). Para uma discussão sobre esta temática ver: DINIZ, Eli. *Voto e Máquina Política: Patronagem e Clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

Vide análise sobre comportamento eleitoral organizada por Olavo Brasil de Lima Júnior (Lima Júnior, 1986).

<sup>55</sup> SCHMITT, Rogério Augusto. In: LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de (org). *O Sistema Partidário Brasileiro: Diversidade e tendências, 1982-94*. Rio de Janeiro: FGV, 1997. p.140.

<sup>56</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG. 1999. pp. 109-124

<sup>57</sup> Paulo Branco, nascido em Vassouras e já falecido, foi jornalista, era filho de conceituado médico da sociedade vassourense, o Dr. Mário Branco.

“TEMPOS. Uma publicação da Editora Cidade Nova, sob a responsabilidade do jornalista Paulo Branco, com sede à Praça Athayde Parreira, Edifício José Pedroso, sala 211. O jornal TEMPOS era composto e impresso no Rio de Janeiro na Editora Gazeta de Notícias, à rua Leandro Martins, Centro”. Não há informação se o referido jornal foi registrado em algum cartório.

O Tempos apresentava uma postura crítica. As manchetes estampadas na primeira página davam conta do que seria tratado nas outras partes do jornal. A maior parte das reportagens constituía o editorial do jornal, poucas eram as matérias assinadas e também não havia uma regularidade nas colunas de notícias.

Na edição de 15/03/1979, o editorial intitulado “*Odilon vai aderir ao MDB*” afirmava que o político, ex-vereador pela ARENA, detentor de grandes votações em todo o município havia declarado que: “*O MDB através de suas lutas representa (sic) hoje as aspirações do povo brasileiro e nesse momento não posso deixar de me aliar aos companheiros de Vassouras para apoiar também a luta de Pedro Ivo à frente do Executivo municipal*”. Na mesma edição, em outra reportagem, foi entrevistado o vereador Waldir Machado que destacou ter o governo anterior, de Carlos Mexias, encontrado muitas dificuldades para realizar seu programa de governo e atribuía as defecções ocorridas na ARENA à falta de assistência da cúpula partidária “*e isso eu senti na própria carne.*” O mesmo vereador afirmou ainda que não estranhava o total esvaziamento do partido em Vassouras. “*A tendência é de quase todos passarem para o MDB e os que não mudaram de partido não estão negando apoio ao prefeito da cidade*”. E acrescentou: “*Não pode existir trabalhismo sem Getúlio Vargas e aqui em Vassouras a tendência está muito bem definida em ARENA e MDB. Não há mais espaço*”.<sup>58</sup>

O esvaziamento da ARENA em Vassouras, bem como o crescimento do MDB, pode ser interpretado como uma espécie de reflexo do que estava acontecendo no restante do estado. Vassouras acompanhava uma tendência manifestada tanto no plano nacional quanto no estadual.

---

<sup>58</sup> Jornal Tempos, edição de 15/03/1979.

Na edição de 02/08/1979, o Jornal Tempos sinalizou que a reforma já era assunto debatido pelos vereadores. Na reportagem *“Vereadores falam de partidos”* foram entrevistados Jahyr Pardal e Hugo Paes Gomes, representantes do MDB e Ivone Mair Guedes Pinto, representante da ARENA. Jahyr Pardal e Ivone Mair se mostraram favoráveis à reforma, por acharem que haveria maior liberdade de escolha. Hugo Paes Gomes questionou a necessidade da reforma, pois julgava tratar-se de uma manobra do governo para enfraquecer o MDB, acrescentando que só sairia do MDB se o mesmo fosse extinto: *“Nesse caso então, pretendo seguir o mesmo partido que o meu chefe político adotar”*.<sup>59</sup> Sobre a posição assumida pela vereadora Ivone Mair, a matéria afirmava que *“sempre teve como meta participar de um partido que apóie o governo, disse que possivelmente seguirá a mesma decisão do deputado estadual Odair Gama, pois ele adota uma linha política de ação com a que ela concorda e apóia.”*<sup>60</sup>

Segundo Eli Diniz a reforma partidária foi motivada pelo crescimento do MDB que, tornando-se majoritário, ameaçava a estabilidade do regime militar. *“O principal objetivo da reforma foi enfraquecer a oposição, antes aglutinada no MDB, forçando a sua fragmentação ao longo dos cinco novos partidos concorrentes”*.<sup>61</sup>

Na visão de Eli Diniz, há uma tendência do grupo político ser fiel a um determinado líder que se destaque: *“A lealdade ao principal líder do grupo, bem como a unidade em torno da obtenção de vantagens e benefícios pessoais seriam igualmente apontados como elementos definidores ao chaguismo.”*<sup>62</sup> Em Vassouras não foi diferente.

No decorrer desta dissertação, será possível notar que a política implementada pelos governantes de Vassouras procurou estar aliada às diretrizes adotadas pelo governo do estado. Não foi à toa que o prefeito Pedro Ivo da Costa foi à posse de Chagas Freitas. Conforme veiculado na imprensa, Pedro Ivo tinha características de governo que não eram *“bajulatórias”*, entretanto procurava manter a política da boa vizinhança.<sup>63</sup>

---

<sup>59</sup> Jornal Tempos, edição de 02/08/1979.

<sup>60</sup> Idem

<sup>61</sup> Diniz, Eli. *Crise política, eleições e dinâmica partidária no Brasil: um balanço histórico*. In Dados – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. vol 32, nº 3, 1989,p.326.

<sup>62</sup> DINIZ, Eli. *Voto e máquina política*. Patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 204.

<sup>63</sup> As discussões sobre o tema clientelismo serão abordadas no capítulo II.

Os preparativos para as eleições podem ser percebidos algum tempo antes. São consultas, arranjos, diálogos, aproximações. Não foi diferente quando ainda em 1979 foi anunciado no editorial do jornal Tempos (“Novas alianças em Vassouras”),<sup>64</sup> as pretensões de mudanças de siglas dos políticos Pedro Ivo, Carlos Mexias e Narciso Silva Dias, em razão das possibilidades de reforma partidária, já com olhos nas eleições de 1982, tendo como base o cenário estadual. Narciso havia rompido com o ex-deputado José Carlos Vaz de Miranda<sup>65</sup>, porque este não se mostrou empenhado quando da candidatura daquele para a prefeitura, pela Arena, em 1976, o que na sua interpretação teria concorrido para sua derrota. Por sua vez, o ex-deputado não perdoava Narciso, que segundo ele não havia feito força pela sua reeleição em 1978, pela Arena. Considerando que o MDB era o único partido que a rigor existia na cidade, Narciso iniciava aproximações em relação a Newton Campbell,<sup>66</sup> que tinha bom diálogo com Pedro Ivo.

Pedro Ivo da Costa não se mostrava favorável à reforma partidária imposta pelo governo, mas criou um bloco parlamentar na Câmara Municipal no intuito de enfrentar os primeiros momentos da extinção dos partidos, conseguindo a adesão de 16 vereadores, num universo de 17. A única exceção foi a vereadora Ivone Mair, que subitamente desistiu de participar. Em entrevista à edição de 18/09/1979 do jornal Tempos, o prefeito Pedro Ivo informou que não havia nenhum acordo para o futuro e que os vereadores haviam concordado em participar do bloco até que fossem articulados os novos partidos.

Após a implantação do novo sistema partidário, o multipartidarismo, teve início em Vassouras a formação dos diretórios municipais de alguns partidos como o PMDB, PDS, PP, PTB, PDT e PT.

Em agosto de 1981 tais articulações podiam ser sentidas mais de perto, havia uma possibilidade de rearticulação do PDS em Vassouras na intenção de lançar três candidatos a prefeito. Isto era possível, pois a legislação não proibía que nas eleições municipais um mesmo partido lançasse um candidato por sua legenda e mais outros pela chamada sublegenda. Os pretensos candidatos eram o ex-deputado José Carlos Vaz de Miranda, que

---

<sup>64</sup> Jornal Tempos, edição de 15/09/1979.

<sup>65</sup> José Carlos Vaz de Miranda, estabeleceu residência em Vassouras, tendo sido Vereador de 1959 a 1962, foi Prefeito de 1963 a 12/09/1966 e Deputado Estadual de 1967 a 1971.

<sup>66</sup> Newton Campbell, funcionário público, foi Tabelião do 3º Ofício de Justiça da Comarca de Vassouras.

já havia ocupado o Executivo municipal uma vez, no período de 1963 a 1966, Roberto Monte Mor de Avellar<sup>67</sup> e Fernando Carvalheira,<sup>68</sup> figuras ativas da elite política vassourense.

A edição de 10/08/1981, estampou em seu editorial que “*a notícia da rearticulação do PDS em Vassouras preocupou o PP*”, embora o ex-prefeito Carlos Mexias insistisse em dizer: “*Ganho dos três juntos*”. Mexias afirmava que sua preocupação real era o alto custo das eleições: “*Se os homens realmente disputarem a eleição com os recursos que dizem, vou ter problemas sérios. Eu nunca fiz da política profissão e não tenho o que gastar.*”

*“No PP, partido amplamente majoritário em Vassouras – como sempre o partido do governador – com 15 dos 17 vereadores – não definiu sua postura face às eleições embora hoje conte praticamente só com Carlos Mexias, que insiste que só será candidato se tiver contendor à altura”.*<sup>69</sup>

Comentando o cenário político estadual, o jornal estampou em suas páginas o seguinte comentário “o Senador Amaral Peixoto foi traído por Chagas Freitas por não cumprir o acordo firmado no tempo do MDB. E o Palácio do Planalto também não favoreceu Amaral Peixoto quando lançou de pára-quadras na política fluminense o médico Guilherme Romano<sup>70</sup> que, além de esvaziar temporariamente Amaral Peixoto, dividiu e desarticulou todo o PDS”.<sup>71</sup> Já havia no período um forte movimento contra o chaguismo, que começava a dar sinais de perda de fôlego. Moreira Franco admitiu, à época, que seria feita no estado com a aliança de grande parte do PDS, uma frente contra o possível sucessor de Chagas Freitas, do PP, o deputado Miro Teixeira.

Para as eleições municipais de 1982, os partidos procuraram articular suas bases no intuito de agregar a maior quantidade de votos. Para tanto, o PDS lançou em sua legenda Narciso da Silva Dias e na sublegenda figurou Fernando Carvalheira; já o PMDB apostou na figura de Carlos Eugenio Mexias, para figurar em sua legenda, e registrou duas sublegendas encabeçadas por Aluísio G. Ferreira e Rui Canellas. Foram também candidatos Marlos França, na legenda do PTB, e José Américo na sublegenda. O PDT lançou a

---

<sup>67</sup> Roberto Monte Mor de Avellar, contador, natural de Vassouras, atuava no distrito de Paty do Alferes.

<sup>68</sup> Fernando Carvalheira, nascido em Vassouras, era comerciante conceituado em Vassouras.

<sup>69</sup> Jornal Tempos, edição de 10/08/1981

<sup>70</sup> Guilherme Romano foi proprietário de uma fazenda em Vassouras

<sup>71</sup> Jornal Tempos, edição de 10/08/1981



candidatura de Antonio J. da Silva. Paralelamente, houve a redução do número de cadeiras a serem ocupadas pelos vereadores na Câmara Municipal, passando de 17 para 13. Com quatro vagas a menos, a disputa ficou mais acirrada dentre os 121 candidatos registrados pelos quatro partidos que disputavam a eleição no município, com exceção do PT que não apresentou candidatos.

A redução do número de cadeiras ocorreu em razão de uma ação judicial proposta pelo Ministério Público para cumprimento da Lei 6.448, de 11 de outubro de 1977, que dispunha sobre a organização política e administrativa dos municípios e dos territórios federais, limitando o número de vereadores por município.

As eleições municipais ocorreram no dia 15 de novembro de 1982 e o vitorioso nas urnas foi Narciso Dias. O jornal Tempos publicou a seguinte manchete: “Narciso volta 10 anos depois”.<sup>72</sup>

Entendemos que Narciso foi vitorioso em razão de seu discurso diretamente voltado para as demandas da população (eleitores) e popularidade, além de desfrutar da fama de ser um bom político e governante. Outro ponto importante para sua vitória foi a articulação das sublegendas que contou com Fernando Carvalheira, pessoa de expressão política na cidade.

Note-se que a eleição municipal de 1982 em Vassouras, mesmo após arranjos, preocupações e ajustes, seguiu exatamente o padrão que já vinha sendo exercido pela elite política desde 1967. As figuras mais importantes de duas décadas da história política de Vassouras se revezavam na chefia do Executivo municipal sem grandes dificuldades.

O quadro abaixo fornece dados para a composição do perfil de alguns dos principais políticos da cidade de Vassouras do período de 1980 a 2000:

---

<sup>72</sup> Jornal Tempos, edição de 15 de novembro de 1982.

### Quadro 1: Prosopografia

Nome	Nasc	Naturalidade	Escolaridade	Profissão	Cargo político
Carlos Eugênio Mexias		Vassouras - RJ		Tabelião	Prefeito de 67/70,73/76
Narciso da Silva Dias		Vassouras – RJ	Superior completo	Professor e dentista	Prefeito 71/72, 83/88 Vice-prefeito 97/00
Pedro Ivo da Costa	1935	Vassouras - RJ	Superior completo	Tabelião	Vereador 73/76 Prefeito 77/82, 97/00
Severino Ananias Dias	1936	Alagoa Grande-Paraíba	Ensino fundamental	Maitre	Prefeito 89/92
Sylvio da Cruz Leal	1936	Vassouras -RJ	Superior completo	Advogado	Vereador 63-66 Vice-prefeito 89/92
Renato Antonio Ibrahim	1955	Vassouras - RJ	Superior completo	Médico	Prefeito 93/96
Altair Paulino de Oliveira Campos	1956	Barbacena – MG	Superior completo	Médico	Prefeito 01/04
Nilo Ricardo Carvalheira	1959	Vassouras - RJ	Superior completo	Empresário	Vice-prefeito 01/04
Eurico Pinheiro Bernardes Jr.	1959	Vassouras -RJ	Superior completo	Professor de Ed. Física	Vereador de 83/89 e atual Prefeito.
Wallace Tadeu de Vasconcelos Leal	1957	Vassouras - RJ	Superior completo	Empresário	Vereador 83/88, 93/96, 97/00, 01/04 e 05/08
Pedro Paulo Andrade dos Santos	1960	Vassouras - RJ	Superior completo	Advogado	Vereador 89/92, 93/96, 97/00, 01/04 e 05/08
José Maria Vaz Capute	1954	Vassouras–RJ	Superior completo	Médico	Vereador 89/92 e 93/96 e candidato a prefeito em 96 e 00
José Werneck	1953	Vassouras - RJ	Superior	Médico	Vereador 89/92

Machado Filho			completo		e candidato a vice em 92
César Mattoso Furtado	1951	Vassouras - RJ	Superior completo	Administração de empresas	Candidato às eleições como prefeito em 88 e vice em 92

O quadro anterior demonstra que o nível de escolaridade é bem equiparado. Na sua grande maioria os políticos que ocuparam cargos no Executivo municipal de Vassouras possuíam curso superior completo. A exceção é Severino Dias que a princípio não possuía sequer o nível fundamental completo. Segundo os entrevistados, contudo, Severino possuía uma grande cultura, chegando a falar algumas línguas. Esses atributos em geral são imputados ao seu exercício profissional, ou seja, ao emprego que tinha na TV Manchete e aos relacionamentos que o mesmo facultou com políticos.

Deve ser observado também que o exercício de um cargo no Legislativo local não foi pré-condição para ocupar a cadeira de prefeito. Depreende-se que uma carreira política em Vassouras, em regra, é construída a partir de afinidades do possível candidato com os grupos políticos existentes e dominantes na cidade, privilegiando-se na sua maioria pessoas naturais do município. As duas grandes exceções à regra são Severino Dias e Altair Paulino.

A partir da análise do livro de atas da 41ª Zona Eleitoral de Vassouras, observa-se que Carlos Eugênio Mexias disputou a eleição de 1967, pela Arena, teve em sua sublegenda a figura de Narciso da Silva Dias, que lhe garantiu a vitória, pois o candidato do MDB, Eugenio Caputi, obteve votação individual mais expressiva, mas não foi vitorioso porque o somatório das legendas da Arena favoreceu Carlos Mexias e seu vice, Fernando Carvalheira. Na mesma eleição, Pedro Ivo da Costa, à época filiado a Arena, foi candidato a vereador, tendo sido eleito.<sup>73</sup>

Registra a ata de diplomação que nas eleições municipais de 15 de novembro de 1970 o vitorioso pela Arena ao cargo de prefeito foi Narciso da Silva Dias e seu vice Eugenio Caputi, outrora adversário político pelo MDB.

<sup>73</sup> Sobre esta discussão, vide página 22 deste capítulo.

Infelizmente, não há registros no referido livro de atas que informem os nomes dos demais candidatos que disputaram a eleição de 15/11/1970.

Nas eleições de 15 de novembro de 1972, Carlos Eugenio Mexias elegeu-se prefeito pelo MDB, tendo como vice Roberto Monte Mor. Dos adversários políticos, todos sem expressão, vale citar apenas Eugenio Caputi, que ocupou o quarto lugar da sucessão municipal. A ata não informou por qual legenda ou sublegenda Caputi concorreu.

Em 1976, Pedro Ivo da Costa e seu vice Aloysio Ferreira Gomes, pelo MDB, venceram a eleição que foi disputada também pela Arena representada por Narciso Silva Dias e seu vice Geraldo Nunes Ferreira, ex-vereador.

O editorial do jornal Tempos de 29 de novembro de 1982 publicou que:

*“Narciso Silva Dias foi eleito prefeito de Vassouras para cumprir mandato de seis anos. Os votos de seu grande adversário de dentro do PDS, Fernando Carvalheira, foram decisivos para a sua vitória.<sup>74</sup> O esquema Mexias falhou. Os candidatos da sublegenda não renderam o que o ex-prefeito esperava para voltar à prefeitura pela terceira vez”.<sup>75</sup>*

Na Câmara, houve uma renovação de quarenta e sete por cento dos vereadores. Nesse pleito, os novos atores políticos (Artur Freire, Wallace Tadeu, Eurico Junior, Carlos Alberto Ribeiro, Antonio Fernandes e Carlos Augusto Bastos Lisboa), que surgiram com a implantação do multipartidarismo, foram bem sucedidos nas urnas, valendo citar dentre eles dois nomes que se fixaram na política, Wallace Tadeu de Vasconcelos Leal, que se mantém no cargo de vereador até os dias atuais, e Eurico Pinheiro Bernardes Junior, que foi prefeito em Paty de Vassouras, por dois mandatos, e atualmente é prefeito em Vassouras.

O governo de Narciso da Silva Dias à frente da Prefeitura de Vassouras teve duração de seis anos, de 1983 a 1988. A extensão do mandato por seis anos foi modificada através da emenda constitucional nº 22, de 05/07/1982, à Constituição de 1969. Anteriormente, a emenda constitucional nº 14, de 09/09/1980, havia prolongado o mandato do prefeito da época até 31 de janeiro de 1983.

---

<sup>74</sup> Narciso ofereceu um cargo na administração municipal a Fernando Carvalheira, em cumprimento a compromisso firmado.

<sup>75</sup> Jornal Tempos, Edição de 29/11/1982.

Não abordaremos neste capítulo as eleições de 1988, pois elas são objeto central no capítulo a seguir. Por ora, vale destacar que referidas eleições foram disputadas por seis candidatos: o ex-prefeito Pedro Ivo da Costa pelo PMDB, o cozinheiro Severino Ananias Dias pelo PFL, o empresário vassourense César Furtado pelo PL, o vereador Wallace Tadeu pelo PDT, o médico Emílio Paulo pelo PMN e o comerciante Roberto Rosa pelo PSB. O candidato vitorioso foi Severino Ananias Dias, que venceu por pequena margem de votos, qual seja, 85 votos.

Severino Dias, que havia estabelecido residência há pouco tempo na cidade, não era um candidato que a tradicional elite política vassourense desse valor enquanto adversário. Tanto que durante a propaganda eleitoral, parecia que a elite política, representada por Pedro Ivo, estava muito confiante na vitória.

As eleições de 1988 foram marcadas por dois fatores surpresas: o primeiro foi a vitória de Severino Dias e o segundo foi a expressão do candidato César Furtado, outro iniciante na política.

Para as eleições de 1992, era sabido que um dos antigos personagens da famosa elite política vassourense se lançaria novamente como candidato. As especulações apontavam para uma coalizão no intuito de combater o candidato que recebesse o apoio do prefeito Severino Dias. Os militantes do PT, empolgados com a votação que os eleitores vassourenses deram a Jorge Bittar, na eleição para o governo do Estado, e a Lula, candidato à presidência, resolveram lançar candidatura própria. Após a escolha pelas convenções dos partidos, foram lançadas as seguintes candidaturas: Renato Antonio Ibrahim<sup>76</sup>, pelo PDT, Narciso da Silva Dias, pelo PMDB, Thais Maria Niemayer da Rocha<sup>77</sup>, pelo PT, e Miguel Vitorino de Andrade<sup>78</sup>, mais conhecido por seu apelido de infância como Miguel Banana, pelo PDC.

---

<sup>76</sup> Renato Antonio Ibrahim, médico, nascido em Vassouras, é filho de Pedro Antonio, proprietário de uma empresa de ônibus do mesmo nome, que, por muito tempo, explorou com exclusividade a concessão do transporte público circulante na cidade e também a linha Vassouras/Rio de Janeiro.

<sup>77</sup> Thais Maria Niemayer da Rocha, médica, nascida em Vassouras.

<sup>78</sup> Miguel Vitorino de Andrade, mais conhecido desde sua infância como Miguel Banana, professor de educação física, tornou-se muito conhecido quando foi convidado a treinar um time de futebol africano.

Severino Dias declarou apoio ao candidato Renato Antonio Ibrahim, o que foi encampado publicamente também pelo governador da época, Leonel Brizola, após um almoço que os reuniu na cidade do Rio de Janeiro.

Pela terceira vez, Narciso da Silva Dias lançou candidatura para voltar à prefeitura e, para tanto, recebeu o apoio da elite política vassourense. O vice de Narciso desta vez foi o jovem e conceituado empresário da cidade, César Furtado<sup>79</sup>.

A disputa eleitoral foi acirrada durante toda a campanha eleitoral e o vitorioso nas urnas foi Renato Ibrahim, agraciado com o apoio do governo municipal.

Um dos fatos mais importantes da eleição de 1992 foi o pedido de recontagem dos votos da seção 65, do distrito de Andrade Costa. A candidata Déa Teixeira da Cruz Leal requereu a recontagem da urna da seção após ser informada por uma eleitora que havia votado nela, naquela seção e ao ser apurada referida seção tal voto não foi contabilizado. A juíza Suimei Meira Cavalieri deferiu o pedido de recontagem de votos da urna daquela seção e foram apurados 09 votos para a candidata Déa Leal, o que lhe garantiu uma vaga na Câmara Municipal, em detrimento do candidato Cláudio Moysés que desceu para a posição de suplente.

Desconfiados do resultado, os representantes dos partidos PMDB e PT fizeram requerimento à juíza para que ocorresse recontagem de todas as urnas apuradas, alegando que outras falhas poderiam ter ocorrido na apuração. A juíza indeferiu o pedido pautada na lisura de todo o processo eleitoral e que a simples recontagem de uma urna não seria capaz de colocar toda a apuração em dúvida. Insatisfeitos, os interessados recorreram ao Tribunal Regional Eleitoral, mas o pedido não foi acolhido.

Durante o mandato de Renato Ibrahim, houve o rompimento do apoio político com Severino Dias, que se tornou um dos possíveis candidatos à sucessão de Renato. Entretanto, a candidatura de Severino Dias não foi efetivada em razão de seu assassinato em 15 de junho de 1995.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> César Mattoso Furtado, empresário, nascido em Vassouras, é filho de família que explora o ramo do comércio e hoteleiro na cidade.

<sup>80</sup> O caso continua sem ser esclarecido.

As eleições de 1996 foram marcadas pela disputa dos seguintes candidatos: Pedro Ivo da Costa pelo PSDB, Altair Paulino,<sup>81</sup> do PDT, José Maria Caputi,<sup>82</sup> do PPB e Paulo Mandaro<sup>83</sup>, do PT. Desde o início da campanha as previsões eram de que José Maria seria o eleito, mas o candidato vitorioso nesse pleito foi Pedro Ivo da Costa que retornou à Prefeitura depois de 20 anos. A grande surpresa ficou por conta do segundo colocado, Altair Paulino, que surpreendeu a todos com sua ascensão. Paulo Mandaro devido à doença que fora acometido, abandonou a campanha e mesmo assim teve 702 votos.

“*Pedro Ivo é de novo prefeito de Vassouras; Altair tira segundo lugar de José Maria*”<sup>84</sup>, esta foi a manchete do Jornal Tribuna do Interior em sua edição de 05/10/1996. Depois de uma conturbada campanha, Pedro Ivo da Costa garantia a chefia do Executivo Municipal pela segunda vez.

Interessante frisar que a vitória de Pedro Ivo traz de volta ao poder o grupo político derrotado nas duas últimas eleições, ou seja, em 1988, com o próprio Pedro Ivo disputando as eleições e em 92, com Narciso da Silva Dias, hoje vice-prefeito na chapa eleita.

Em entrevista realizada com a neta de Narciso da Silva Dias, Carla da Silva Dias Valente afirmou que havia necessidade da elite retomar as rédeas da situação política do município. Após duas tentativas infrutíferas, em 1988 e 1992, a única estratégia que mostrava-se imbatível era reunir os grupos que movimentaram a política no passado. Apesar de divergências ideológicas, Pedro Ivo e Narciso formaram uma aliança para disputar as eleições de 1996, o que lhes garantiu a vitória.

O Deputado Francisco Dornelles, na época Ministro da Indústria e Comércio, uma semana antes das eleições, esteve em Vassouras e chamou Caputi de “*prefeito eleito*”, mas para sua surpresa e de todos o PPB saiu derrotado nas urnas.

O Legislativo local também passou por uma importante renovação, pois os índices de renovação atingiram 50% dos mandatos. A maior bancada nesta eleição foi a do PSDB

<sup>81</sup> Altair Paulino, natural do Estado de Minas Gerais, médico, estabeleceu residência em Vassouras quando iniciou o curso de Medicina

<sup>82</sup> José Maria Vaz Caputi, médico, natural de Vassouras, descendente de família tradicional da sociedade vassourense

<sup>83</sup> Paulo Sérgio Mandaro, natural de Vassouras, psicólogo, pertencia a família tradicional da sociedade vassourense.

<sup>84</sup> Jornal Tribuna do Interior, edição de 05/10/1996.

que elegeu quatro vereadores, em segundo PDT com 03, e PSB, PMDB, PPB e PTB com dois cada um.

A campanha eleitoral iniciou com Renato Ibrahim, prefeito à época, apoiando oficialmente o candidato do PDT, Altair Paulino. Em 02 de setembro de 1986, Renato anunciou que estava retirando seu apoio à candidatura de Altair e que provavelmente iria apoiar Pedro Ivo da Costa. Segundo o que foi veiculado no Jornal Tribuna do Interior, edição de 07/06/1996, fls. 04, “*Altair teria cobrado uma participação mais efetiva de Renato na campanha durante um corpo a corpo em Andrade Pinto*”<sup>85</sup> (distrito na zona rural do município).

A reportagem também noticiou que Renato Ibrahim teria ordenado a retirada de todas as placas de campanha do pedetista. Diante do racha, Altair chegou a condicionar a sua permanência na campanha ao apoio dos candidatos a vereador. Entretanto, alguns dias depois, declarou que: “*Vamos com um ou com dez candidatos, não importa. E vamos trabalhar para vencer as eleições*”<sup>86</sup>. O candidato à vice-prefeito, Valdoniê Pinheiro, mais conhecido como Noê, também se manteve na disputa. “*Antes de definir pela continuidade da campanha, Altair recebeu convites do candidato do PPB, José Maria Caputi.*” Por intermédio de José Werneck<sup>87</sup>, que concorria à vice-prefeitura, Caputi teria oferecido a Secretaria de Saúde em troca de um apoio para as eleições de 03 de outubro.

A reportagem de Iza Valam, do jornal Tribuna do Interior, na edição de 20/07/1996, noticia que o PSDB foi o partido que mais lançou candidatos às prefeituras do Estado do Rio de Janeiro.

*“Ao todo, serão 340 candidatos e outros tantos a vice-prefeito, que concorrerão a uma vaga nas eleições de 03 de outubro. As informações foram prestadas pela Justiça Eleitoral, para onde 25 partidos enviaram o registro dos candidatos, dentro do prazo legal que encerrou dia 05. Segundo a Justiça Eleitoral, este ano diversas mulheres registraram sua candidatura concorrendo à prefeitura. É o maior número na história política do Estado. Dos 340 políticos, 28 são mulheres e mesmo assim, é considerado baixo, levando-se em conta que 50% do eleitorado do Rio de Janeiro são do sexo feminino.”*<sup>88</sup>

---

<sup>85</sup> Jornal Tribuna do Interior, edição de 07/06/1996

<sup>86</sup> Ibidem

<sup>87</sup> José Werneck Machado Filho, médico, natural de Vassouras, foi vereador no período de 1992-1996

<sup>88</sup> Jornal Tribuna do Interior, edição de 20/07/1996.



A eleição de 2000, assim como a de 1988, também será tratada com mais detalhes no próximo capítulo desta dissertação. Cabe adiantar que o vitorioso do pleito de 2000 foi Altair Paulino de Oliveira Campos, que teve como vice Nilo Ricardo Carvalheira, alavancados pela coligação dos partidos políticos PDT/PV/PSC/PRTB/PSB. Concorreram também ao cargo de chefe do Executivo municipal, o ex-prefeito Renato Ibrahim, desta vez filiado ao PMDB que se coligou com o PTB e PL, a empresária Ana Lúcia Matoso Furtado, pela Coligação PPS – PT, e José Maria Vaz Caputi, que tinha o apoio do prefeito da época, Pedro Ivo, pela Coligação PPB/PSDB/PFL/PT do B.

Conforme já sinalizado anteriormente, há uma tendência das eleições municipais serem vencidas por candidatos que pertençam ao mesmo partido do governador do Estado, à exceção de 1982, onde o aspirante vitorioso para a prefeitura de Vassouras era do PDS e o governador vitorioso era do PDT, Leonel Brizola. Nas eleições de 1988, o candidato vitorioso no município foi Severino Ananias Dias, do PFL, partido que havia apoiado o então governador, Moreira Franco, do PMDB, quando por ocasião de sua candidatura.

Alexandre Bellinassi Pereira, Janaína Machado Simões e Octávio Penna Pieranti, mestrandos da FGV, escreveram o paper “Personalismo e Atividade Política: a relação entre partidos e vereadores de Vassouras –RJ.” Adotando como recorte temporal o período compreendido entre 1992 e 2000, esse trabalho foi realizado com base em entrevistas com alguns vereadores da cidade. Os autores chegaram a algumas conclusões bastante interessantes sobre a estrutura partidária da cidade.<sup>89</sup>

De acordo com eles, as eleições locais são orientadas a partir da seguinte dinâmica: com a aproximação dos pleitos as articulações políticas têm início. Regra geral, tem-se como base a candidatura majoritária e em torno desta são formados os grupos políticos que se empenham na articulação e distribuição dos candidatos a vereador nos partidos que melhor aprouver aos interesses pessoais dos articuladores, deixando as questões ideológicas em segundo plano. Esse comportamento é justificado em razão do fato de que os diretórios municipais de diferentes partidos são, muitas vezes, comandados pelo mesmo grupo de

---

<sup>89</sup> PEREIRA, Alexandre Bellinassi; SIMÕES, Janaína Machado; PIERANTI, Octávio Penna. “Personalismo e Atividade Política: a relação entre partidos e vereadores de Vassouras – RJ”. [Rio de Janeiro]. [s.n.]. 2005.

pessoas. Os candidatos admitem que esta prática vai de encontro ao objetivo da entidade partidária e, apesar de contribuírem para tal, não se definem como apreciadores.

É possível identificar em Vassouras uma relação clientelista, não somente entre candidato e eleitor mas também entre o grupo político dominante e os candidatos. Isto porque, ao se submeterem à filiação partidária desejada pelo grupo deixam clara sua submissão.<sup>90</sup>

Outro ponto intrigante levantado no referido estudo é a escassez de reuniões oficiais dos partidos políticos. Conforme indicam os autores, setenta por cento dos vereadores entrevistados afirmaram que há no máximo cinco reuniões por ano. Parece impossível esgotar toda a gama de assuntos inerentes às propostas de um partido político. Se remontarmos uma breve reflexão a respeito do que nos é veiculado pela propaganda partidária do diretório nacional na televisão por exemplo, o diretório municipal é, no mínimo, uma utopia.

Há uma prevalência das diretrizes firmadas pelos diretórios estaduais e municipais em detrimento do posicionamento do diretório nacional, foi o que afirmaram todos os entrevistados. Conquanto, no nosso entender, deveria haver uma similaridade e uniformidade nos posicionamentos.

Novamente setenta por cento dos vereadores entrevistados afirmaram que uma rede de relações pessoais afigura-se mais importante para garantir o sucesso na candidatura, contra vinte por cento que atribuem ao desempenho do mandato anterior como o fator predominante. Segundo os autores da pesquisa, em se tratando dos vereadores em Vassouras, *“não seria errado afirmar com base nas respostas, são candidatos de si mesmos, apoiados por si mesmos e eleitos pela sociedade, parte da qual ligadas a eles próprios.”*<sup>91</sup>

Deve-se considerar também que é requisito essencial a filiação partidária em tempo hábil para aqueles que desejam concorrer a algum cargo político. Entretanto, esta filiação acaba sendo encarada como um entrave, até porque há de se considerar o caráter impositivo

---

<sup>90</sup> Ibidem

<sup>91</sup> Ibidem

por parte dos articuladores. Cite-se ainda que a migração interpartidária também faz parte do cotidiano partidário, principalmente após a definição do resultado da eleição para o Poder Executivo.

Há também que se considerar a influência do governo no sistema partidário. Neste sentido, Eli Diniz define, com muita propriedade que:

*“A descontinuidade dos sistemas partidários entre nós não é casual, mas reflete em grande parte uma estratégia das elites dominantes tendo em vista manter sob controle o jogo partidário. Assim, a forte tradição intervencionista do Estado transformou-se num dos principais entraves à institucionalização dos partidos em sistemas estáveis. A tendência dos governos a intervir na vida partidária, determinando ora a formação, ora a desarticulação do quadro partidário, ao sabor das flutuações conjunturais da política nacional, criou condições de instabilidade altamente desfavoráveis à cristalização de identidades partidárias sólidas. O caráter elitista e artificial deste processo de formação gerou considerável grau de dissociação ente partidos e sociedade, sobretudo nas fases iniciais de afirmação do quadro partidário.”<sup>92</sup>.*

Diante de tais observações, deve-se questionar a real existência de partidos políticos em Vassouras, enquanto instituições organizadas dotadas de princípios ideológicos claramente definidos.

---

<sup>92</sup> DINIZ, Eli. “Crise política, eleições e dinâmica partidária no Brasil: um balanço histórico”. In: DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 32, nº 03, 1989, p. 326.

### 1.3- Desempenho nas urnas: partidos políticos, coligações, filiados, candidatos.

Neste item o foco está voltado para o desempenho dos candidatos nas urnas, bem como de outros dados eleitorais relevantes.

Antes de iniciar referida análise, convém registrar que nem todos os quadros dispõem de informações completas. A carência de dados é decorrência direta da falibilidade no registro dos dados eleitorais.

Em princípio, é prudente esclarecer que o Código Eleitoral, para a eleição ao cargo de prefeito, consagrou como regra o princípio majoritário. Daí a expressão eleições majoritárias. Segundo este princípio será eleito prefeito aquele que obtiver a maioria absoluta de votos, não computados os em branco e os nulos.

Já os candidatos que concorrem ao cargo de vereador têm seus votos vinculados ao princípio constitucional da representação proporcional ou sistema proporcional, que se desenvolve da seguinte forma.

Primeiro, é necessário calcular o quociente eleitoral (QE). O artigo 106 da Lei 9504/97 dispõe que:

*“Determina-se o quociente eleitoral dividindo-se o número de votos válidos apurados pelo de lugares a preencher em cada circunscrição eleitoral, desprezada a fração se igual ou inferior a meio, equivalente a um se superior.”<sup>93</sup>*

Depois é necessário calcular o quociente partidário (QP). Segundo o Código Eleitoral,

*“Art. 107. Determina-se para cada partido ou coligação o quociente partidário, dividindo-se pelo quociente eleitoral o número de votos válidos dados sob a mesma legenda ou coligação de legendas, desprezada a fração.”*

---

<sup>93</sup> BRASIL. *Código Eleitoral Anotado e Legislação Complementar*. 6ª ed. Brasília: TSE/SDI, 2004. ISBN 85-86611-27-1, Lei 4.737 de 15/07/1965, artigo 107-8.

*“Art. 108. Estarão eleitos tantos candidatos registrados por um partido ou coligação quantos o respectivo quociente partidário indicar, na ordem da votação nominal que cada um tenha recebido.”<sup>94</sup>*

Levando em conta as eleições de 2000, a seguir simularemos exemplos para uma melhor explanação sobre o assunto.

**Quadro 2: Cálculo do Quociente Eleitoral (QE)**

Votos Nominais (A)	Votos de Legenda (B)	Votos Válidos (A + B)	Vagas para o Legislativo municipal (C)	Quociente Eleitoral (QE) (A + B) / C
17975	2168	20143	15	<b>1343</b>

Fonte: TRE/RJ

Após o cálculo do quociente eleitoral, divide-se o total de votos válidos que cada partido ou coligação obteve pelo quociente eleitoral (QE), para se obter o quociente partidário (QP) e por conseqüência o número de vagas obtidas por cada partido no Legislativo.

**Quadro 3: Cálculo do quociente partidário (QP) e número de vagas**

Partido/Coligação	Votos nominais (A)	Votos legenda (B)	Total de votos válidos (A + B)	Quociente Partidário (QP) (A + B)/QE	Vagas obtidas
<b>45 – PSDB</b>	<b>2982</b>	<b>143</b>	<b>3125</b>	2	2
<b>11 – PPB</b>	<b>2580</b>	<b>418</b>	<b>2998</b>	2	2
<b>12 – PDT</b>	<b>2817</b>	<b>920</b>	<b>3737</b>	2	2
<b>43 – PV</b>	<b>1947</b>	<b>64</b>	<b>2011</b>	1	1
<b>25 – PFL</b>	<b>2121</b>	<b>75</b>	<b>2196</b>	1	1
<b>PSB/PSC/PRTB</b>	<b>2055</b>	<b>90</b>	<b>2145</b>	1	1
<b>PMDB/PL</b>	<b>2295</b>	<b>283</b>	<b>2578</b>	1	1
<b>TOTAL DE VAGAS OBTIDAS POR QUOCIENTE PARTIDÁRIO</b>					<b>10</b>

Fonte: TRE/RJ

Considerando que em 2000 havia 15 vagas, restaram cinco. As cinco vagas não preenchidas com a aplicação dos quocientes partidários serão distribuídas mediante o cálculo por média, até o total preenchimento das vagas. Os exemplos dos sistemas de distribuição de médias podem ser visualizados no Anexo deste capítulo.

<sup>94</sup>Op.cit,artigo 107-8.

O quadro nº 4, na página adiante, indica que a política local em Vassouras apresenta como tendência acompanhar a política firmada no cenário estadual. Esta tendência pode ser percebida nos pleitos municipais ocorridos entre 1992 e 2004. Em dois momentos, contudo, a política vassourense não acompanhou a política estadual: nas eleições municipais de 1982 e de 1988. Em 1982, o candidato Leonel Brizola, filiado ao partido oposicionista (PDT), venceu as eleições para o governo do Estado do Rio de Janeiro (único estado em que os partidos governistas – PMDB e PDS – não foram vitoriosos) e em Vassouras o candidato vitorioso (Narciso da Silva Dias) pertencia a partido governista (PDS). Excepcionalmente, em 1982 as eleições municipais foram realizadas junto com as eleições estaduais, isto em razão da Emenda Constitucional nº 14, de 09/09/1980, que alterou o artigo 209 da Constituição Federal de 1969. Vejamos o que dizia o parágrafo único do artigo 209: “*As eleições para Prefeitos, Vice-Prefeitos e Vereadores serão realizadas simultaneamente em todo o País, na mesma data das eleições gerais para Deputados.*”<sup>95</sup>

A rigor as eleições estaduais e municipais não ocorrem juntas, até porque isto facilitaria o processo de firmamento de alianças políticas. Em tempos de eleição estadual, os candidatos a governador e a deputado procuram firmar parcerias com os políticos municipais visando um desempenho satisfatório nas urnas, e vice-versa quando das eleições municipais. É comum, inclusive, o prefeito transferir-se para o partido do governador em busca de apoio pessoal e também para sua gestão, o que de certo modo corrobora a afirmação de estudiosos que chamam a atenção para o alto grau de elitismo e excludência, funcionamento intermitente e quase exclusivo dos partidos políticos no Brasil.<sup>96</sup>

Em 1988, o partido que venceu as eleições municipais foi o PFL e o governo estadual era do PMDB (do então governador Moreira Franco), que teve candidato próprio no município de Vassouras (Pedro Ivo), derrotado nas urnas. Vale citar que, em 1986, para as eleições estaduais, foi feita uma coligação entre PMDB e PFL.

---

<sup>95</sup> Constituição Federal de 1969, parágrafo único do artigo 209, com redação dada pela emenda constitucional nº 14, de 09/09/1980.

<sup>96</sup> LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de. *O balanço do poder: formas de dominação e representação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo. 1990.

**Quadro 4: Partidos vitoriosos nas eleições estaduais e municipais (1982 a 2002)**

Eleições Estaduais		Eleições Municipais	
1982	PDT	1982	PDS
1986	PMDB	1988	PFL
<b>1990</b>	<b>PDT</b>	<b>1992</b>	<b>PDT</b>
<b>1994</b>	<b>PSDB</b>	<b>1996</b>	<b>PSDB</b>
<b>1998</b>	<b>PDT</b>	<b>2000</b>	<b>PDT</b>
<b>2002</b>	<b>PMDB</b>	<b>2004</b>	<b>PMDB</b>

Fonte: Livro de atas do Cartório da 41ª Zona Eleitoral

Os quadros apresentados a seguir trabalharão com algumas siglas muito utilizadas pelo Tribunal Regional Eleitoral. A legenda abaixo as especifica:

Qtd votos = quantidade de votos

Class. = classificação do candidato

% Val. = porcentagem de votos válidos

% Comp. = porcentagem de comparecimento

QP = quociente partidário

M = média

- **ELEIÇÕES DE 1982**

O próximo quadro foi elaborado a partir de dados extraídos da edição de 29/11/1982 do Jornal Tempos, isto porque a ata de apuração constante do Livro de Atas da 41ª Zona

Eleitoral informa que foram elaborados boletins de resultados, porém estes não estão mais disponíveis na referida zona.

**Quadro nº 5: Eleições para o Executivo Municipal (1982)**

Candidatos a prefeito	Partido/ Coligação	Qtd votos	Class.	% Val.	% Comp.
Narciso Klier Magallar da Silva Dias	PDS	5319	1º		
Carlos Eugenio Mexias	PMDB	4945	2º		
Fernando Carvalheira	PDS	3989	3º		
Aluisio G. Ferreira	PMDB	1173	4º		
Marlos França	PTB	948	5º		
Antonio J. da Silva	PDT	942	6º		
Rui Canellas	PMDB	438	7º		
Américo da Silva Carvalho	PTB	280	8º		
Votos nominais		18.034			
Votos brancos					
Votos nulos					
Total apurado					

Fonte: Jornal Tempos, edição de 29/11/1982.

Conforme se pode perceber para as eleições de 1982 os partidos se articularam em sublegendas. Com exceção do PDT, todos os outros partidos utilizaram-se do expediente da sublegenda para acumular votos. O PMDB lançou três e o PDS e o PTB, duas cada um. O PT não apresentou candidatos em Vassouras. Os quatro partidos que disputaram as eleições registraram 121 candidaturas.

Encabeçava a legenda do PMDB o ex-prefeito Carlos Eugenio Mexias, que tentava voltar ao governo municipal pela terceira vez e, para tanto, articulou-se com Aluisio G. Ferreira e Rui Canellas. Entretanto, a estratégia não lhe rendeu a vitória, sendo derrotado pelos representantes do PDS com a esmagadora diferença de 2752 votos. Os candidatos do PTB não obtiveram votação expressiva, cuja soma da legenda e sublegenda totalizaram 1228 votos.



Registra a ata que os trabalhos de apuração iniciaram-se às 8:00 horas do dia 16 de novembro de 1982, desenvolvendo-se pelos dias 17, 18 e 19 daquele mês, não sendo computado nenhuma urna anulada. O resultado das eleições foi publicado no dia 23 de novembro daquele ano, proclamando eleito a prefeito Narciso da Silva Dias e a vice-prefeito Roberto Monte Mor, também filiado ao PDS.

Fazendo uma análise do quadro nº 2 podemos perceber que nessas eleições para o Executivo municipal o PDT, vitorioso nas eleições para o Executivo Estadual, teve um desempenho fraco em Vassouras. A impressão que temos é que o candidato Antonio J. da Silva pelo PDT não tinha expressão política, pois não possuía uma história política capaz de levá-lo ao cargo, ao contrário dos outros candidatos. Devemos considerar também que o PDT não se utilizou do expediente das sublegendas, já o PMDB e PDS, (substitutos do MDB e ARENA, respectivamente), articularam-se em sublegendas para arrecadar mais votos.

O PDT era um partido novo, sem ainda grandes apoios, e a vitória de Brizola, depois de acirrada disputa com os outros candidatos para o Governo Estadual, não era esperada.

Antes de tecermos as considerações sobre o quadro nº 03, é necessário registrar que o município de Vassouras é dividido em quatro distritos, que compõem a zona rural da cidade. Uma das características da política vassourense são os candidatos vindos destes distritos. O 1º. Distrito é composto pelo Centro e pelas localidades de Barão de Vassouras, Bacia de Pedra ou Itakamosi, Demétrio Ribeiro, Ipiranga, Engenheiro Nóbrega. O 2º distrito foi extinto em razão da municipalização do antigo distrito de Paty do Alferes. O 3º, 4º e 5º Distritos referem-se a zona rural composta pelas localidades de Andrade Pinto, Andrade Costa, Capim D'Angola, Boa Sorte, Samambaia, Ferreiros, Pirauí, Santa Rita, Tinguá, Vargem do Manejo, Sebastião de Lacerda, Aliança, Massambará, Teixeira Leite, Cananéia. Geralmente, as bases políticas destes candidatos têm como foco central a implementação de melhorias nos distritos por eles representados, como por exemplo, instalação de energia elétrica, calçamento de ruas, manutenção de escola pública, posto de saúde e transporte, dentre outros.

Nas eleições de 1982, alguns vereadores eleitos eram representantes de distritos, como por exemplo, Eurico Pinheiro Bernardes Junior e Eunício Andreiolo, ambos do distrito de Paty do Alferes.

**Quadro 6: Eleições para o Legislativo Municipal (1982)**

Candidatos a vereador	Partido/ Coligação	Qtd votos	Class.	% Val.	% Comp.
Artur de Ávila Freire	PDS	701	QP		
Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal	PDS	680	QP		
Carlos Augusto Bastos Lisboa	PDS	594	QP		
Ivone Mayr Guedes Pinto	PDS	432	QP		
Eurico Pinheiro Bernardes Junior	PDS	388	QP		
Hugo Paes Gomes	PDS	379	M		
Carlos Alberto Ribeiro de Souza	PDS	321	M		
Manoel Francisco de Oliveira	PDS	316	M		
Salim Machado da Costa	PMDB	493	M		
Francisco Sertório Filho	PMDB	486	QP		
Eunício Andreiolo	PMDB	356	QP		
José Nunes Vieira Filho	PMDB	319	QP		
Antonio Fernandes	PMDB	286	M		
Votos nominais		5751			
Votos brancos		1232			
Votos nulos		1021			
Votos legenda					
Total apurado					

Fonte: Livro de Atas da 41ª Zona Eleitoral

Note-se que a vereadora Ivone Mayr Guedes Pinto, que era filiada à ARENA, manteve-se em partido governista (PDS) após a extinção do bipartidarismo. Diferente do vereador Hugo Paes Gomes, que integrava a oposição e a extinção do MDB filiou-se ao PDS, partido governista.

O vereador Wallace Tadeu figura na política vassourense desde 1982, mantendo-se até os dias atuais. Totaliza cinco legislaturas, incluindo a atual, só tendo permanecido afastado da Câmara Municipal no mandato de 1988 a 1992.

Semelhante também é o caso de Eurico Pinheiro Bernardes Junior, que iniciou sua carreira política no ano de 1982, como Vereador. Em 1988 foi eleito prefeito do recém emancipado município de Paty do Alferes, cargo para o qual foi reeleito em 2000. Nas eleições de 2002 figurou como suplente de Deputado Estadual da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro e atualmente exerce o cargo de prefeito de Vassouras.

O jornal Tempos veiculou em sua edição de 29/11/82 que houve quarenta por cento de renovação na Câmara e a derrota do ex-deputado Elzio Ramalho, do PMDB, foi uma “zebra”.

Deve ser observado que a maioria dos eleitos foi do partido do prefeito, qual seja, o PDS. Das treze vagas, a bancada do PDS preencheu oito e a do PMDB as outras cinco. O PTB não obteve votação capaz de eleger algum vereador.<sup>97</sup>

- **ELEIÇÕES DE 1988**

O quadro a seguir, nº 4, está incompleto porque inexistente ata de apuração das eleições municipais de 1988 registrada no livro de atas do Cartório da 41ª Zona Eleitoral de Vassouras.

Observaremos que, seguindo uma tendência estadual do pluripartidarismo, seis partidos disputaram a sucessão municipal com candidatos próprios. Talvez impulsionados pelo pluripartidarismo, surgem novos atores políticos como foi o caso Severino Ananias Dias, César Furtado e Paulo Emílio. O vereador Wallace Tadeu, eleito pela primeira vez em 1982, pelo PDS, resolveu concorrer à chefia do Executivo pelo PDT, mas não obteve êxito.

---

<sup>97</sup> MARTINS, Antônio. *Vereadores de Vassouras do Império a Nova República*. Vassouras: Edição particular, 1993. p. 105. O suplente Manoel Vieira de Macedo foi empossado na vaga deixada pelo vereador Eunício Andreiolo, falecido em 29/05/83.

Percebe-se claramente que a elite política local estava dividida e os eleitores que simpatizavam com esta elite dividiram-se entre, Pedro Ivo, César Furtado e Wallace Tadeu. Essa cisão acabou por favorecer Severino Dias. Os candidatos Paulo Emílio e Roberto Rosa obtiveram votações inexpressivas.

O prefeito eleito, a princípio, não desfrutou da maioria da Câmara a seu favor, já que seu partido, PFL, elegeu 04 vereadores, contra 06 do PMDB.

**Quadro nº 7: Eleições para o Executivo Municipal (1988)**

Candidatos a prefeito	Partido/ Coligação	Qtd votos	Class.	% Val.	% Comp.
Severino Ananias Dias	PFL	3935			
Pedro Ivo da Costa	PMDB	3850			
César Furtado	PL	3649			
Wallace Tadeu	PDT	2019			
Paulo Emílio	PMN	160			
Roberto Rosa	PSB	156			
Votos nominais					
Votos brancos					
Votos nulos					
Total apurado					

Fonte: Livro de Atas da 41ª Zona Eleitoral

O quadro acima mostra que a vitória de Severino foi apertada, tendo vencido com uma pequena margem de votos, ou seja, 85 (oitenta e cinco) votos.

Para a Câmara Municipal, o único candidato que se reelegeu foi Antonio Fernandes. O candidato Pedro Paulo Andrade dos Santos, do PMDB, foi quem obteve a maior votação na eleição de 1988. Esta foi sua primeira candidatura e o mesmo ainda se mantém no cargo, tendo completado nas eleições de 2004 sua 5ª legislatura.

**Quadro nº 8: eleições para o Legislativo Municipal (1988)**

Candidatos a vereador	Partido/ Coligação	Qtd votos	Class.	% Val.	% Comp.
-----------------------	-----------------------	--------------	--------	-----------	------------

Pedro Paulo Andrade dos Santos	PMDB	547			
José Carlos Mendes	PFL	421			
Antonio Fernandes	PMDB	400			
José de Souza	PMDB	268			
Paulo Nogueira	PFL	262			
José Maria Vaz Caputi	PMDB	245			
Josias Ferreira	PFL	236			
Jorge Castilho	PMDB	220			
Jorge Iberê	PFL	277			
Randolfo Lopes	PDT	217			
Olganira Carvalheira	PMDB	215			
Valter Mendes	PDT	170			
Edla Viana Marques	PL	166			
Votos nominais		3644			
Votos brancos		1232			
Votos nulos		1021			
Votos legenda					
Total apurado					

Fonte: Livro de Atas da 41ª Zona Eleitoral

Nas eleições de 1988, a bancada mais expressiva foi a do PMDB que preencheu seis cadeiras, seguido do PFL, com quatro, do PDT com dois e do PL com uma.

Esse Legislativo foi marcado pela mudança praticamente total das cadeiras. A emancipação do distrito de Paty de Alferes à categoria de cidade, acarretou no deslocamento de políticos que concorriam por Vassouras para passarem a concorrer pelo novo município e, por consequência, permitiu também que novos candidatos de outros distritos de Vassouras disputassem as eleições.<sup>98</sup>

<sup>98</sup> O primeiro suplente do PMDB, Arthur de Ávila Freire, foi empossado na vaga deixada pelo vereador José de Souza em razão do seu falecimento, no ano de 1991.

- **ELEIÇÕES DE 1992**

Em 1992, o município de Vassouras contava com 21143 eleitores. Desse universo, compareceram para votar 18571 (87,8%). A partir desta eleição há o registro da abstenção, que atingiu em 1992 o percentual de 12,16, correspondente a 2572 faltosos.

Um recurso utilizado pela Justiça Eleitoral é o sistema de agregação de seções<sup>99</sup>. A agregação consiste na união de uma ou mais seções com poucos eleitores a outra, não podendo ultrapassar o limite de 400 eleitores. Isto permite a otimização dos serviços, pois é convocado um número menor de pessoas para trabalhar e há diminuição de gastos. Na eleição de 1992, inicialmente, havia 77 seções, após a agregação de nove, as 68 restantes foram as que efetivamente funcionaram no dia da eleição.

O candidato eleito à vice-prefeito foi José Carlos Mendes, ex-vereador eleito em 1988. O vice de Narciso da Silva Dias foi César Furtado, que em 1988 havia lançado sua candidatura a prefeito.

Renato Ibrahim recebeu o apoio do prefeito da época, Severino Dias (o que, provavelmente, lhe garantiu a vitória, em razão da popularidade de Severino Dias). Narciso Silva Dias também tinha boa aceitação popular. Estas características foram demonstradas nas urnas, pois ambos foram bem votados e a diferença do primeiro para o segundo foi de 213 votos.

Outra característica interessante foi a lançamento da candidatura independente do PT, representado pela médica vassourense Thais Rocha. O partido não alcançou, contudo, votação suficiente para eleger-se e também não elegeu nenhum vereador uma vez que não conseguiu fazer número de votos suficientes para atingir o quociente eleitoral.

**Quadro nº 9: Eleições para o Executivo Municipal (1992)**

Candidatos a prefeito	Partido/	Qtd	Class.	% Val.	%
-----------------------	----------	-----	--------	--------	---

<sup>99</sup> Seção Eleitoral é uma das formas de divisão utilizada pela Justiça Eleitoral. A Zona Eleitoral representa o município ou alguns bairros, enquanto que as seções são a subdivisão da Zona.

	Coligação	votos			Comp.
Renato Antonio Ibrahim	PDT	6102			
Narciso Silva Dias	PMDB	5889			
Thais M <sup>a</sup> Niemayer da Rocha	PT	1739			
Miguel Vitorino de Andrade	PDC	1192			
Votos nominais		14922		100%	
Votos brancos		2505			
Votos nulos		1144			
Total apurado		18571			
Eleitorado		21143			
Abstenção		2572			
Urnas apuradas		68			
Seções		77 *			

Fonte: Livro de Atas da 41ª Zona Eleitoral

No Legislativo, seis vereadores se reelegeram: Randolpho Lopes Filho (PDT), Jorge Iberê de Mello (em 1988, filiado ao PFL e, em 1992, filiado ao PDT), José Maria Vaz Caputi (em 1988, filiado ao PMDB e, em 1992, filiado ao PDT), Pedro Paulo Andrade dos Santos (PMDB), Paulo Roberto Nogueira de Paula (PDT) e Antonio Fernandes (PMDB).

#### **Quadro nº 10: Eleições para o Legislativo Municipal (1992)**

Candidatos a vereadores	Partido/ Coligação	Qtd votos	Class.	% Val.	% Comp.
Randolpho Lopes Filho	PDT	500	QP		
Jorge Iberê de Mello	PDT	446	QP		
José Maria Vaz Caputi	PDT	377	QP		
Geraldo da Silva	PDT	367	QP		
José Werneck Machado Filho	PTB	365	QP		
Wallace Tadeu de Vasconcelos Leal	PDT	346	M		
Josias Ferreira da Silva	PDT	329	M		
Pedro Paulo Andrade dos Santos	PMDB	323	QP		

Paulo Roberto Nogueira de Paula	PDT	278	M		
Arthur de Ávila Freire	PMDB	257	QP		
José Roberto Castro Ciminelli	PMDB	248	M		
Jaime Pereira Soares	PTB	245	QP		
Antonio Fernandes	PMDB	234	M		
Marco Aurélio Batalha	PTB	223	QP		
Déa Teixeira da Cruz Leal	PTB	192	M		
Votos nominais				100%	
Votos brancos					
Votos nulos					
Votos legenda					
Total apurado					

Fonte: Livro de Atas da 41ª Zona Eleitoral

Nas eleições municipais para o Legislativo local de 1992, a bancada do PDT fez sete vereadores, o PTB e o PMDB elegeram quatro cada um, contando o prefeito com o apoio da maioria da Câmara.

Como já relatado a vereadora Déa Leal, do PTB, somente conseguiu eleger-se devido à recontagem de votos. O primeiro suplente do PTB, Cláudio Moizés da Silva Figueiredo, conhecido como Claudinho Mancusi, que havia a princípio sido eleito e em razão da recontagem tornou-se suplente, assumiu a vereança em dois momentos. Primeiro quando a vereadora Déa foi ocupar o cargo de Secretária de Educação do município, permanecendo apenas três meses no Legislativo, pois a vereadora Déa retornou devido a uma CPI instaurada contra o prefeito. Segundo Cláudio, o prefeito achava que Déa na Câmara poderia votar a favor dele. Cláudio ficou afastado durante um ano e meio e acabou por retornar à Câmara em julho devido ao falecimento do vereador Jaime Soares em um acidente automobilístico.<sup>100</sup>

- **ELEIÇÃO DE 1996**

<sup>100</sup> Entrevista concedida por Cláudio Moizes da Silva Figueiredo, conhecido como Cláudio Mancusi a Cristiane Seabra em 22/11/2006.



O pleito de 1996 foi o último em que foram utilizadas as urnas de lona e o sistema de votação por cédulas. As urnas eletrônicas, apesar de já existirem, só foram instaladas nas capitais dos estados e em algumas cidades da região metropolitana.

Figuraram como candidatos a prefeito, quatro políticos. Percebe-se que a dinâmica acionada pela elite política buscou fortalecimento coligando partidos (PTB, PMDB e PSDB) e também unindo Pedro Ivo da Costa com Narciso da Silva Dias, que foram eleitos prefeito e vice, respectivamente, com 36,76% dos votos.

Um dado surpresa nessas eleições foi o desempenho nas urnas de Altair Paulino que obteve 31,46% dos votos. Em contrapartida, José Maria Vaz Caputi, um dos favoritos e que fez uma campanha eleitoral de impacto, não desfrutou das intenções de votos que imaginava ter, obtendo 27,71% dos votos. Mais uma vez o PT lançou candidatura independente não obtendo votação expressiva na eleição para prefeito, tampouco elegeu candidato a vereador.

No período analisado neste trabalho, a abstenção desta eleição foi a maior, com 16,75% correspondente a 3.935 de faltosos. Esses dados podem ser interpretados como indicativos da insatisfação da sociedade, até porque nessas eleições o que se esperava era a o retorno de Severino Dias, não ocorrido em virtude de seu assassinato. Além disso o mandato de Renato no período de 1992, não terminou da melhor forma. Pela primeira vez em Vassouras houve uma passeata dos professores reivindicando melhores condições de salário e trabalho. O salário de todo o funcionalismo estava atrasado, só sendo regularizado na gestão do novo prefeito.

**Quadro nº 11: Eleições para o Executivo Municipal (1996)**

Candidatos a prefeito	Partido/ Coligação	Qtd votos	Class.	% Val.	% Comp.
Pedro Ivo	PTB/PMDB/PSDB	6.339	1º	36,76	32,41
Altair Paulino	PDT	5.425	2º	31,46	27,74
José Maria Capute	PPB	4.779	3º	27,71	24,44
Paulo Sérgio Mandaro	PT	702	4º	4,07	3,59
Votos nominais		17.245		100%	88,18
Votos brancos		664			3,40
Votos nulos		1647			8,42

Total apurado	19556		100%
Seções	78		
Eleitorado	23491		
Abstenção	3935		16,75

Fonte: Livro de Atas da 41ª Zona Eleitoral

O candidato Altair Paulino iniciou sua campanha para as eleições de 1996, apoiado pelo Prefeito Renato Ibrahim. O apoio do prefeito talvez tenha impedido o êxito nas urnas de Altair Paulino, porque depois que houve o rompimento dos dois, em plena campanha eleitoral, a expressão política de Altair Paulino aumentou. O que ficou demonstrado no resultado das eleições, quando obteve o 2º lugar, perdendo apenas para Pedro Ivo, com uma diferença 914 (novecentos e quatorze) votos. Num claro sinal de que o povo ansiava por mudança.

Os dados eleitorais informam que o município tinha 23.491 eleitores distribuídos em 78 seções, sendo que destas 11 funcionaram agregadas a outras, totalizando 67 urnas.

O quadro a seguir fornece informações relevantes sobre porcentagens de votos válidos, de comparecimento, quantidades de votos na legenda, brancos e nulos.

#### **Quadro nº 12: Eleições para o Legislativo Municipal (1996)**

Candidatos a vereador	Partido/ coligação	Qtd votos	Class.	% Val.	% Comp.
Randolpho Lopes Filho	PSDB	598	QP	3,20	3,02
Teresa da Silva	PDT	503	QP	2,69	2,57
Geraldo da Silva	PDT	481	QP	2,57	2,46
Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal	PSDB	405	QP	2,17	2,07
Gilberto da Conceição	PTB	359	QP	1,92	1,84
Luiz Henrique dos Santos Ferreira	PSB	321	QP	1,72	1,64
Josias Ferreira da Silva	PPB	240	QP	1,28	1,23
José Roberto Castro Ciminelli	PMDB	240	QP	1,28	1,23
Pedro Paulo Andrade dos Santos	PSDB	344	1M	1,84	1,76
Paulo Roberto Nogueira de Paula	PPB	265	2M	1,42	1,36
Marco Aurélio Batalha	PDT	437	3M	2,34	2,23
Marcus Pullig Ferreira Gomes	PSDB	316	4M	1,69	1,62
Jorge Lopes de Castilho	PMDB	238	5M	1,27	1,22
Gley Geraldo Gonçalves	PTB	207	6M	1,11	1,06
José Alencar Soares Gomes	PSB	240	7M	1,28	1,23

Votos nominais	16290	87,12	83,30
Votos brancos	2119	11,33	10,84
Votos legenda	289	1,55	1,48
Votos nulos	858		4,39
Total apurado	19556		100

Fonte: Livro de Atas da 41ª Zona Eleitoral

Nas eleições proporcionais não houve coligação entre os partidos, até porque a lei eleitoral não incentivava. A partir de 1997, com o advento da Lei 9504, foi facultada aos partidos, individualmente, a possibilidade de inscrever candidatos até o limite de 150% do número de cadeiras sendo este índice aumentado 200% no caso da existência de coligações.

Dentre os eleitos, merece destaque Randolpho Lopes Filho que foi o candidato mais votado e mantinha-se na Câmara desde 1988, época de seu primeiro mandato. Randolpho Lopes sempre desfrutou dos votos do distrito rural de Massambará, local que fixou residência. Nesse pleito das 15 vagas, 8 (53,3%) foram preenchidas pela reeleição.

São interessantes as diferenças entre os votos nulos e brancos. Nas cédulas em que devia ser marcado o voto para prefeito houve 664 cédulas entregue em branco, já nas cédulas para vereador foram 2119 votos em branco. Os nulos na eleição majoritária totalizaram 1647 votos contra 858 da eleição proporcional.

A eleição de 1996 traz o registro da votação na legenda, que perfizeram 289 votos. Este tipo de voto é uma opção concedida pela lei eleitoral para os eleitores que não querem votar em um candidato específico, nem nulo ou em branco. O expediente representa o voto no partido e por ser sem vinculação a candidato, todos os candidatos daquele partido se favorecem, sendo o voto computado para o cálculo do quociente partidário.

Pela primeira vez em Vassouras houve a cassação de vereador na Câmara. O vereador Marcus Pullig, do PSDB foi nomeado para assumir a Secretaria de Administração do município e em seu lugar assumiu o primeiro suplente Cláudio Moyses da Silva Figueiredo, mais conhecido como Cláudio Mancusi, mas este foi em seguida nomeado para a Secretaria de Meio Ambiente. Na vaga deixada por Cláudio Mancusi assumiu o segundo suplente Antônio Fernandes, conhecido como Alemão. Em virtude de problemas junto à Secretaria de Administração, Pullig foi exonerado e teve que retornar para a Câmara, com

isso Antonio Fernandes retornou à suplência. Foi instaurado contra Pullig uma CPI para avaliar o seu envolvimento com o desvio de dinheiro público. O resultado culminou na cassação de seu mandato. Diante deste fato, Cláudio Mancusi, que era o primeiro suplente, teria que optar em retornar para a Câmara ou permanecer como Secretário. Sua opção foi retornar e terminar seu mandato como vereador.<sup>101</sup>

Mais uma vez o prefeito contava com o apoio da maioria na Câmara, pois o em virtude da coligação entre PTB (2), PMDB (2) e PSDB (4) somaram oito cadeiras.

- **ELEIÇÕES DE 2000**

O ano de 2000 foi marcado por ter 100% de informatização nas eleições. Todas as cidades do Brasil fizeram eleições com urnas eletrônicas e votação por cédula passou a figurar como sistema de contingência.

Note-se que no quadro nº 13 há quatro candidatos a prefeito, todos concorrendo com coligações firmadas pelos partidos políticos. O candidato Renato Ibrahim trocou sua filiação do PDT para o PMDB. José Maria Caputi e Altair Paulino permaneceram nos partidos que haviam disputado as eleições de 1996. O PT resolveu apostar em Ana Lucia Furtado para concorrer à prefeitura, mas a mesma não obteve votação expressiva, mostrando uma tendência da população vassourense que não elege representantes do PT para os cargos municipais.

Supomos que o PT não desfruta de muito prestígio na cidade de Vassouras, porque sempre esteve à margem dos grupos políticos mais fortes do município, mostrando-se como opositor ao governo. Deve-se considerar também que os candidatos filiados ao PT não desfrutaram na cidade de grande popularidade, são conhecidos, mas não permanecem engajados na política no período que antecede às eleições.

**Quadro nº 13 : Eleições para o Executivo Municipal (2000)**

Candidatos a prefeito	Partido/ Coligação	Qtd votos	Class.	% Val.	% Comp.
Altair Paulino	PDT/PV/PSC/P RTB/ PSB	10.398	1º	53,50	49,60

<sup>101</sup> Entrevista concedida por Cláudio Moizes da Silva Figueiredo a Cristiane Seabra em 22/11/2006.

José Maria	PPB/PSDB/PFL/ PT DO B	5.077	2º	26,12	24,22
Renato Ibrahim	PMDB/PTB/PL	2539	3º	13,06	12,11
Ana Lucia Furtado	PT/PPS	1423	4º	7,32	6,78
Aptos totalizados	24196		Seções com urna	72	
Votos nominais	19437	92,72%	Seções totalizadas	72	100%
Votos brancos	302	1,44%	Eleitorado	24196	
Votos nulos	1225	5,84%	Comparecimento	20964	86,64%
			Abstenção	3232	13,36%

Fonte: Livro de Atas da 41ª Zona Eleitoral

Mesmo não sendo cotado como favorito absoluto, Altair Paulino obteve uma votação esmagadora obtendo 53,5% dos votos, derrotando o candidato José Maria, que recebeu o apoio do governo municipal da época representado por Pedro Ivo.

A abstenção representou 13,36% dos eleitores, ou seja, 32.32 faltosos.

Em razão dos dados eleitorais da eleição de 2000 terem sido criteriosamente elaborados, foram copiados da documentação da Justiça Eleitoral os dados mais relevantes (ANEXO) que são os resultados, o cálculo do quociente eleitoral e do quociente partidário, relatório das vagas por partido e o relatório de distribuição de médias.

#### Quadro nº 14: Eleições para o Legislativo Municipal (2000)

Candidatos a vereador	Partido/ coligação	Qtd votos	Class.	% Val.	% Comp.
Geraldo da Silva	PSDB	597	QP	2,96	2,85
Antonio Melo de Macedo	PDT	462	QP	2,29	2,20
Jorge Luiz Oliveira da Silva	PSDB	445	QP	2,21	2,12
Francisco Carlos Teixeira Brando	PMDB/PL	425	QP	2,11	2,03
Marco Aurélio Batalha	PDT	412	QP	2,05	1,97
Waldemir Sant'Ana Guimarães	PPB	399	QP	1,98	1,90
Gilberto da Conceição	PFL	398	QP	1,98	1,90
Cláudio Moisés da Silva Figueiredo	PSDB	398	5M	1,98	1,90
Pedro Paulo Andrade dos Santos	PFL	382	3M	1,90	1,82
Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal	PSB/PSC /PRTB	380	QP	1,89	1,81
Gley Geraldo Gonçalves	PPB	376	QP	1,87	1,79
Jorge Carlos de Medeiros Gonçalves	PV	351	QP	1,74	1,67
Washington Luiz Moreira	PDT	327	2M	1,62	1,56
José Alencar Soares Gomes	PSB/PSC /PRTB	325	4M	1,61	1,55

João dos Reis Gomes	PMDB/PL	203	1M	1,01	0,97
---------------------	---------	-----	----	------	------

Fonte: Livro de Atas da 41ª Zona Eleitoral

Houve um aumento expressivo nos votos para a legenda que passou do percentual de 1,48% em 1996 para 10,34% em 2000.

O ex-vereador Randolpho Lopes, na eleição de 2000, lançou candidatura como vice-prefeito de Renato Ibrahim e, após três mandatos consecutivos na Câmara de Vereadores, não foi eleito.

A bancada composta pela coligação dos partidos PDT/PV/PSC/PRTB/PSB que apoiou o prefeito eleito, Altair Paulino, fez seis vereadores. No entanto, a maioria pertencia à bancada oposicionista, composta pelos partidos PPB/PSDB/PFL/PT do B com sete vereadores e PMDB/PL com dois vereadores, totalizando nove cadeiras.

Conforme pode ser visto até aqui, verificamos que a tendência predominante no Legislativo municipal, no período de 1982 a 2000, é a maioria das cadeiras serem ocupadas pelo mesmo partido do Executivo, com exceção das eleições de 1988 e 2000, justamente as eleições em que verificamos a interrupção do continuísmo político no Executivo.

Em 1988 o Legislativo foi marcado por uma mudança radical, uma vez que somente o candidato Antonio Fernandes foi reeleito, havendo a renovação de quase 100% das cadeiras. A partir daí, nas eleições de 1992 e 2000, foi verificada a renovação de mais de 50% dos vereadores (1992 – 60% e 2000 – 53%), com exceção do pleito de 1996 no qual a renovação foi de 46%.

O vereador Pedro Paulo Andrade dos Santos que foi eleito pela primeira vez em 1988 justificou a mudança do Legislativo da seguinte forma:

*“Nas eleições de 1988, somente o Alemão, Antônio Fernandes foi reeleito, a renovação começou com a Carta Magna promulgada em 05/10/1988, a Constituição prometia muito para o País, Estados e Municípios. Começou daí a conscientização da população de renovar, de começar uma nova era, uma nova administração. A nossa eleição na época era 15 de novembro e a promulgação foi dia 5 de outubro e ficou aquele impacto nas revistas, jornais, televisão falando da Constituição, acho que isso influenciou muito na renovação na Câmara de Vassouras, até mesmo no Executivo porque Severino não era uma pessoa de Vassouras...”<sup>102</sup>*

<sup>102</sup> Entrevista concedida por Pedro Paulo Andrade dos Santos a Cristiane Seabra em 17/10/2006.

Embora a elevação do distrito de Paty de Alferes à categoria de cidade possa ter influenciado na renovação do Legislativo, salientamos que os vereadores eleitos em 1982 residentes em Vassouras não conseguiram se reeleger em 1988, a exceção de Antônio Fernandes. Esse fato pode ser tomado como um indicativo de que a população desejava mudanças, dando oportunidade para os novos atores que surgiram no cenário político de Vassouras.<sup>103</sup>

Os índices de permanência e de renovação do Legislativo ocorreram da seguinte maneira:

**Quadro nº 15: Índices de permanência e de renovação do Legislativo municipal**

Índices/ Eleições	1982	1988	1992	1996	2000
Permanência	53%	7.6%	40%	54%	47%
Renovação	47%	92.4%	60%	46%	53%

Fonte: TRE/RJ

As bancadas do Legislativo eram compostas conforme abaixo especificado:

**Quadro nº 16: Bancadas do Legislativo municipal (1982 a 2000)**

1982		1988		1992		1996		2000	
Partido	bancada	partido	bancada	partido	Bancada	partido	bancada	Partido	Bancada
<b>PDS</b>	<b>8</b>	PMDB	6	<b>PDT</b>	<b>7</b>	<b>PSDB</b>	<b>4</b>	PMDB/PL	2
PMDB	5	<b>PFL</b>	<b>4</b>	PTB	4	PTB	2	PSB/PSC/PRTB	<b>2</b>
		PDT	2	PMDB	4	PMDB	2	<b>PDT</b>	<b>3</b>
		PL	1			PDT	3	PV	<b>1</b>
						PPB	2	PPB	2
						PSB	2	PFL	2
								PSDB	3

Fonte: TRE/RJ

\* os campos sombreados representam o partido que o Chefe do Executivo está filiado e o número de vereadores que o apoiavam.

Com base nos dados apresentados percebe-se que a política na cidade de Vassouras procura alinhar-se às tendências verificadas na política estadual e nacional. Evidenciou-se

<sup>103</sup> Dos treze vereadores que ocupavam o Legislativo em 1982/1988 sete pertenciam à Vassouras.

também que os reflexos da extinção do bipartidarismo foram sentidos num primeiro momento no Estado, sobretudo a partir de 1982, e, em Vassouras, no ano de 1988, período em que houve um aumento do registro dos partidos na disputa política e o aparecimento de novos atores políticos.

Há uma nítida preocupação por parte da elite política local também com os arranjos e alianças na busca da manutenção no poder. A troca de partido é uma constante e pode-se ser entendida como uma estratégia visando a realização de coligações justamente para facilitar a permanência dos políticos locais no poder.

A abstenção é outro sinalizador de opiniões, seu aumento pode representar um descaso ou descrédito com a política e um comparecimento mais efetivo pode significar anseio do eleitor de fazer valer-se pelo voto.

A interrupção do continuísmo político em 1982, no âmbito estadual, e em 1988 e 2000 no âmbito municipal denotam os indícios de um realinhamento político.

A expressiva renovação do Legislativo em 1988, o aumento da abstenção em 1996 e a vitória esmagadora no Executivo em 2000 sinalizam que a população usa o seu direito de voto para expressar sua vontade.

Com base nas entrevistas e pesquisas realizadas, verificou-se a demanda por mudanças no Legislativo. Os eleitores percebem a necessidade de terem novas opções de candidatos a vereador, de serem constituídas novas lideranças políticas.

Os entrevistados relatam, ainda, que o Legislativo perdeu a essência, pois hoje não há mais um trabalho voltado para a população, há uma preocupação na permanência, pois para muitos o mandato virou uma forma de emprego. Devido a isso, eles mal acabam de se eleger e dão início ao processo de preparação de articulações para as próximas eleições, analisando resultados, pessoas e partidos.

Nessa dinâmica, partidos não passam de meros letreiros para alguns candidatos, pois segundo alguns articuladores entrevistados, os políticos se preocupam em verificar qual o partido é mais favorável para se filiar e, conseqüentemente, montar as coligações e nominatas capazes de elegê-los.



Alguns vereadores se mantêm no poder há cinco mandatos consecutivos, muitos não conseguem explicar o motivo da permanência, uns alegam que seria devido ao trabalho realizado nos quatro anos que antecedem as eleições.

A maioria dos entrevistados acredita que o Legislativo também não exerce a função precípua da Casa, que é fiscalizar e legislar. Muitas vezes os vereadores escolhidos pelo povo deixam a Câmara para assumir cargos de confiança no Executivo. Relatam, ainda, que o ideal seria que houvesse uma mudança na Justiça Eleitoral, onde o mandato seria do partido e não do eleito, pois isso evitaria a troca de partidos durante o mandato e também forçaria a fidelidade partidária.<sup>104</sup>

Para entender as mudanças que ocorreram na política de Vassouras o capítulo seguinte focaliza as eleições de 1988 e 2000, que podem ser consideradas como um divisor de águas da política vassourense.

---

<sup>104</sup> O Tribunal Superior Eleitoral fixou o seu entendimento, recentemente, que o mandato pertence ao partido ou à coligação e não ao candidato, quando se tratar de eleição proporcional. Se o político eleito quiser trocar de partido ou desligar-se da coligação perderá seu mandato e o suplente assumirá em seu lugar (Consulta nº 1398, formulada pelo Diretório Nacional do PFL).

## **CAPÍTULO II**

### **Bastidores da política vassourense**

A construção deste capítulo teve como base a utilização da metodologia da história oral. Foram realizadas entrevistas com os personagens que participaram, de forma direta ou indireta, da vida política na cidade de Vassouras, no período proposto nesse trabalho. Ao todo foram entrevistadas trinta e oito pessoas<sup>105</sup>. As entrevistas foram todas gravadas e transcritas com a autorização dos entrevistados.

Lembramos que, em que pese a existência de alguma produção jornalística sobre o tema, que inclusive aqui foi citada e discutida, esta não foi suficiente para entender o assunto pesquisado. Em virtude do exposto é que lançamos mão da história oral para estruturar este capítulo, que tem como objetivo central demonstrar que a vitória nas eleições municipais de 1988 de Severino Dias, mais do simples reflexo do repúdio da população aos outros candidatos, é antes produto da subestimação dos seus próprios adversários políticos. E ainda que, nas eleições municipais de 2000, a expressiva votação (mais de cinquenta por cento dos votos válidos) obtida pelo candidato vitorioso e não-favorito, Altair Paulino de Oliveira Campos, denota que grande massa da população ansiava por mudança na política local.

#### **2.1. Severino Ananias Dias e Altair Paulino de Oliveira Campos: esboço de uma biografia.**

---

<sup>105</sup> A nota de nº 31 da Introdução indica os nomes de todos os entrevistados, bem como seu cargo político ou profissão.

### 2.1.1- Severino Ananias Dias: de cozinheiro a prefeito

Severino Ananias Dias nasceu na Paraíba, na cidade de Alagoa Grande em 1936. Seguindo o exemplo de outros conterrâneos, no dia 24 de janeiro de 1950, quando tinha apenas 14 anos, resolveu sair de sua terra natal para tentar a vida no Rio de Janeiro. De acordo com o jornal O Visual, Severino chegou no Rio de Janeiro “*como clandestino no navio Taité... Trazia a roupa do corpo e muita coragem...*”<sup>106</sup>

Na entrevista concedida ao Jornal O Momento (João Pessoa – PB), em 11 de dezembro de 1978, Severino afirmou que “*se quiser escapar da fome, da seca e da miséria, o nordestino tem de tentar fora de seu Estado uma outra coisa. É o sangue nordestino.*”<sup>107</sup>

Ao chegar no Rio, Severino trabalhou como faxineiro, jardineiro e ajudante de cozinha.

Seu depoimento foi publicado no Jornal O Visual:

*“Quando cheguei no Rio, assim que saltei no cais do porto, não sabendo para onde ir, peguei um ônibus e fui parar em Coelho Neto. Fiquei um dia e uma noite perambulando na praça até que pedi informação a uma senhora sobre onde poderia arranjar um emprego. Disse mesmo que seria capaz de trabalhar por um prato de comida já que estava com muita fome. Ela então me levou à sua casa – que era um terreiro de macumba – e lá ela cuidou de mim, pois estava com pneumonia. Durante um ano e seis meses ela me acolheu. Aos domingos eu ia à feira, já no fim, para pegar a xepa e procurava também pelanca de carne para fazer sopa. Quando fiquei bom, um dia tomei um ônibus até a Praça Tiradentes e andei até Ipanema, onde existia o Bar Vinte, onde entrei por volta das 15 horas. Vi um senhora e pedi-lhe um pão. Ela perguntou se eu queria trabalhar, no que eu disse sim. Fomos então à sua casa e lá limpei jardim, automóvel, enfim fiz faxina na casa toda. Esta senhora dava muitas festas e eu ficava apreciando como o maitre trabalhava. Depois de trabalhar naquela casa algum tempo resolvi que faria trabalhos avulsos de limpeza e foi assim que conheci a de Ivan Burce, dono de uma casa de decoração. Limpei o apartamento para uma festa e na hora de terminar o serviço, a cozinheira perguntou se eu queria ficar para dar uma ajuda. Ajudei na cozinha e a cozinheira gostou muito do meu serviço. Quando o Sr. Ivan chegou da loja ela perguntou porque o Sr. não aproveita esse menino?’. Foi assim que eu passei a ajudar nos almoços dos sábados. Mas quando não tinha serviço na casa eu vendia frutas nas feiras. Durante a minha atividade na casa do Sr. Ivan, toda a família me estimulava muito”.*<sup>108</sup>

A entrevista acima transcrita foi concedida em 1978, por ocasião da inauguração do Café (restaurante) do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Severino relembrou sua chegada

<sup>106</sup> Jornal O Visual, edição de setembro de 1978

<sup>107</sup> Jornal O momento (João Pessoa – PB), edição de 11/12/1978

<sup>108</sup> Jornal O Visual, op cit.

no Rio em 1950. Não é possível comprovar a veracidade de certos detalhes da entrevista porque foi um experiência vivida por Severino, que já faleceu. Por exemplo, a citação: “*um dia tomei um ônibus até a Praça Tiradentes e andei até Ipanema*”, apesar da distância ser praticamente impossível de feita caminhando, foi cópia fiel da declaração que Severino fez à época.

Durante algum tempo, Severino desenvolveu trabalhos avulsos. Quanto ao estudo, não conseguimos dados que comprovem se Severino obteve ou não algum grau de escolaridade.

O Jornal do Brasil, na edição de 02/12/1988, publicou que em 1960 Severino conheceu Miguel de Carvalho, um cozinheiro da época, com quem adquiriu experiência, tornando-se seu assistente na seção de culinária da revista Jóia. “*Foi aí que Adolpho Bloch o descobriu.*”<sup>109</sup>

Em 1966, Severino tornou-se o maitre da Rede Manchete e começou a trilhar uma carreira de reconhecimento. Há um grande número de publicações que cita o nome de Severino como o chef responsável por jantares e reuniões importantes.

Severino tornou-se íntimo de seu patrão Adolpho Bloch,<sup>110</sup> personalidade influente da época no meio social e político.

Em 1978, por ocasião da reabertura do Café do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, fundado em 1909, mais conhecido como Assírio, Severino Dias foi convidado para ser o gerente geral do estabelecimento. Adolpho Bloch era o diretor do FUNTERJ (Fundação dos Teatros do Estado do Rio de Janeiro) no período de 1975 a 1979 e fez o convite a Severino para gerenciar o local.

Em entrevista concedida ao Jornal do Brasil, em 02/12/1988, Severino declarou que:

---

<sup>109</sup> Jornal do Brasil, edição de 02/12/1988

<sup>110</sup> Adolpho Bloch era filho de judeus, nasceu em 08/10/1908, na Ucrânia. Em razão das constantes perseguições sofridas, a família resolveu emigrar-se para o Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro em 1922, onde estabeleceu residência. Seu pai montou uma gráfica que, posteriormente, foi assumida pelo próprio Bloch e seus irmãos. Naturalizou-se brasileiro em 1931. Criou a revista Manchete em 1952. Dentre várias personalidades, era amigo íntimo e um dos grandes incentivadores de Juscelino Kubitschek. Em junho de 1983, inaugurou a Rede Manchete de Televisão que, em razão de dificuldades financeiras, teve parte de suas ações vendidas em 1992. Faleceu em 19/11/1995. Sobre Adolpho Bloch consultar Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro, da FGV

*“Sempre levei meu ofício muito a sério. Aperfeiçoei a cozinha brasileira. Naturalmente, numa época em que se podia comprar ali na esquina um queijo francês, cogumelos do Peru, trutas de cinco, seis quilos, salmão. Além disso, tive a sorte de sempre ter trabalhado para gente rica. De outra forma, não teria me aprimorado tanto.”<sup>111</sup>*

Quando Severino resolveu deixar sua terra, veio em busca de uma vida melhor e aproveitando as oportunidades que foram surgindo construiu uma vida pública. Primeiro, como conceituado cozinheiro e chefe de cozinha, depois como político. A profissão como cozinheiro permitiu o contato de Severino com muitas pessoas influentes e importantes da época que degustavam seus pratos e teciam elogios, muitos destes publicados nas colunas sociais de jornais e revistas de grande circulação como o Globo, Jornal do Brasil e Revista Manchete.

Severino casou-se duas vezes. No primeiro matrimônio teve um filho, Álvaro. De outros dois relacionamentos, teve Andréa e Alex (já falecido) e Felipe. O segundo casamento foi com Ângela Nogueira de Paula, com quem teve mais dois filhos: Severino Junior e Pedro. Não nos foi revelado o nome da primeira esposa, bem como das mães dos outros filhos.

De acordo com a segunda esposa, Ângela Nogueira, Severino e ela se conheceram na Rede Manchete, local em que fora realizar um trabalho para uma revista de fotonovela, levada por uma amiga. Ao conhecê-lo surgiu uma simpatia da parte dele para com ela. Segundo Ângela, a princípio, era apenas trabalho, entretanto a partir desse dia, todas as vezes que ia na Manchete almoçavam juntos e com isso acabaram namorando e logo em seguida se casaram.<sup>112</sup>

Ângela e Severino casaram-se em 22/04/1982, segundo informações obtidas pela viúva, ano em que foi candidato a deputado estadual pelo PMDB, partido a que já era filiado. Nesse período ele já pensava em se dedicar somente à política e morar em uma cidade menor, e, como ela era de Vassouras, fizeram esta opção. No período em que fazia campanha para deputado estadual, Ângela morava em Vassouras, na casa em que haviam montado e ele ficava se revezando na campanha e no trabalho na Rede Manchete, pois não

---

<sup>111</sup> Jornal do Brasil, edição de 02/12/1988.

<sup>112</sup> Entrevista concedida por Ângela Nogueira de Paula Dias a Cristiane Seabra em 22/10/2006

poderia abandonar o emprego, em razão do contrato de trabalho que possuía e porque queria se aposentar por tempo de serviço.<sup>113</sup>

As entrevistas realizadas com a viúva apontam que Severino não foi colocado propositalmente em Vassouras. Ele estabeleceu residência em Vassouras em razão de sua esposa ser vassourense, mas não contava com algum articulador a seu favor. Todos os entrevistados afirmaram que Severino era uma pessoa humilde, porém vaidosa e que gostava do mundo político. Muito provavelmente em função da rede de relações estabelecidas a partir da sua atividade profissional.

*“A vinda de Severino para Vassouras foi pelo lado emocional, por causa esposa, Ângela, ... ele sempre gostou de política.”<sup>114</sup>*

*“Ele veio para Vassouras, segundo meu entendimento através da mulher, Ângela que era Vassourense, conheceu ela não sei como, tiveram dois filhos, e trabalhando na Manchete vinha para Vassouras todos os finais de semana.”<sup>115</sup>*

Na Manchete, Severino conheceu Juscelino Kubitschek, que era muito amigo de Adolfo Bloch. A esposa de Severino informou ainda que nas dependências da empresa, havia uma suíte para quando Juscelino fosse ao Rio. Naquela época era Severino que o atendia e, com isso, tudo que aprendeu sobre política foi praticamente do contato com Juscelino. Severino acompanhava Juscelino nos comícios o que gerou entre os dois uma amizade.<sup>116</sup>

*“Ele conviveu com Adolfo Bloch, ele conheceu de perto Juscelino Kubitschek e ele gostava de imitar Juscelino. Era o cozinheiro chefe da Manchete. Lá se fazia reunião com Juscelino, com Bloch, com aquele pessoal que apoiavam Juscelino, ele conviveu com esse pessoal todo, com os políticos grandes da época. Daí ele passou a gostar de política, ele adquiriu essa cultura política. Tenho conhecimento que as vezes até o Bloch pedia que ele falasse em nome das instituições, Bloch fazia questão que ele participasse das reuniões, ele participava junto com o Bloch., o Bloch gostava muito dele.... Ele conviveu com o pessoal da época que o Bloch dava cobertura, esse pessoal ia todo para a Manchete.”<sup>117</sup>*

---

<sup>113</sup> Idem

<sup>114</sup> Entrevista concedida por Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal a Cristiane Seabra em 16/10/2006.

<sup>115</sup> Entrevista concedida por Sylvio da Cruz Leal a Cristiane Seabra em 17/10/2006.

<sup>116</sup> Entrevista concedida por Ângela Nogueira de Paula Dias a Cristiane Seabra em 22/10/2006

<sup>117</sup> Entrevista concedida por Sylvio da Cruz Leal a Cristiane Seabra em 17/10/2006.

Em 1982, Severino candidatou-se pela primeira vez a deputado estadual, mas seu nome não constava na listagem do TRE, no dia da eleição. Conforme relatou em entrevista dada ao Jornal do Brasil em 02/12/1988, convenceram ele a se candidatar, mas não registraram a candidatura. Não foi possível descobrir quem o convenceu a se candidatar. Contudo, Severino atribuiu o ocorrido à traição de Miro Teixeira e outras pessoas do partido PMDB. Segundo informação da esposa de Severino, os documentos foram todos apresentados depois dos resultados, que à época eram manuais, ele foi conversar com o Desembargador Afonso Passos, para questionar o ocorrido, mas pelo fato de ser “*meio pavio curto, acabou brigando com o Desembargador*”<sup>118</sup>, a conversa não acabou satisfatória e seu registro não foi aceito.

Uma segunda tentativa de ingresso na vida política seria feita nas eleições seguintes. Contudo, a candidatura de Severino Dias, em 1986, para Deputado Federal além de ter sido sem êxito, foi inexpressiva. Infelizmente não dispomos dos resultados eleitorais de 1982, para deputado estadual, nem de 1986, para deputado federal, ambos disputados através do PMDB.

Também não foi possível mapear quem apoiou Severino nas candidaturas para Deputado Estadual e Federal.

O partido que Severino Dias se filiou para se candidatar nas eleições à prefeitura de Vassouras de 1988, PFL, teve a instalação de seu diretório municipal naquele mesmo ano, no dia 28 de fevereiro. O PFL foi fundado com a união de sete pessoas que defendiam mudanças na política local, quais sejam, Jaime Soares (gerente do Hotel Mara e, posteriormente, vereador), Hélio Junqueira (funcionário da Light), Gley Geraldo Gonçalves (advogado), Alcides Coelho Belchior (funcionário do Hotel Mara), Helio Amaral (escrivão de polícia), Manoel de Castro Filho (advogado) e Marcelo Viana (comerciante)<sup>119</sup>.

Vejamos o depoimento de Gley Gonçalves:

*“O Severino não foi plantado em Vassouras, o PFL é que queria fazer uma mudança, nós é que insistimos, e insistimos por muito tempo, nós ficamos quase uns seis meses insistindo para ver se ele queria ser o candidato do partido aqui, porque nós não tínhamos um nome de projeção e o nome dele na época... nós ficamos insistindo, porque era único que tinha tido uma certa projeção pela campanha que ele tinha feito para deputado federal, o sonho*

<sup>118</sup> Entrevista concedida por Ângela Nogueira de Paula Dias a Cristiane Seabra em 22/10/2006

<sup>119</sup> Jornal Tribuna do Interior de 01 a 15/03/1988

*dele era ser candidato a deputado, tanto que ele tinha concorrido a deputado federal, mas ele não queria ser candidato a prefeito, ele não queira.*”<sup>120</sup>

Segundo Gley Gonçalves, os fundadores queriam lançar um candidato a prefeito que nunca tivesse passado pelo meio político de Vassouras. Chegaram ao nome do Severino pelo fato dele ter sido candidato a deputado federal em 1986 e ter feito uma grande campanha em Vassouras. Levaram um longo período para convencê-lo a mudar do PMDB para o PFL e sair como candidato. Severino Dias desfilou-se do PMDB porque este partido já estava representado em Vassouras por Pedro Ivo da Costa, além de não ter encontrado abertura no referido partido.<sup>121</sup> Não podemos deixar de ressaltar que a formação do partido surgiu da idéia de duas pessoas que não eram vassourenses, Jaime Soares, nascido em Miguel Pereira e Gley Gonçalves, natural de Resende, e ainda lançaram um candidato a prefeito de origem nordestina.<sup>122</sup>

Até o lançamento de sua candidatura Severino Dias era pouco conhecido em Vassouras. Seu nome começou a ser divulgado a partir de sua escolha pelo PFL através dos candidatos a vereador e de suas visitas pessoais aos distritos do município de Vassouras.

Entre os entrevistados predomina a visão de que Severino Dias foi uma pessoa que tinha facilidade de comunicar-se, nivelava a comunicação ao nível de seus receptores, fazia questão de cumprimentar os mais humildes, às vezes até em primeiro lugar que os demais, gostava de ir até a cozinha e destampar as panelas da casa para ver o que tinha para o almoço e de forma muito natural. *“Ele construiu essa popularidade antes das eleições e depois durante o mandato, não havia nada para trás.*”<sup>123</sup>

Severino Dias não tinha escolaridade comprovada, *“ele aprendeu a ler e a escrever praticamente sozinho, depois conseguiu fazer até a quarta série primária, foi tudo mesmo na prática.*”<sup>124</sup> Entretanto, possuía uma cultura ampla, conversava sobre qualquer assunto, falava línguas, tais como francês, inglês, alemão.

---

<sup>120</sup> Entrevista concedida por Gley Geraldo Gonçalves a Cristiane Seabra em 07/11/2006.

<sup>121</sup> Severino Dias só conseguiu filiar-se novamente no PMDB por intermédio de Marcelo de Alencar, Presidente do Diretório Estadual do partido.

<sup>122</sup> Ibidem

<sup>123</sup> Entrevista concedida por Sylvio da Cruz Leal a Cristiane Seabra em 17/10/2006.

<sup>124</sup> Entrevista concedida por Ângela Nogueira de Paula Dias a Cristiane Seabra em 22/10/2006



De acordo com a viúva de Severino, sua candidatura para disputar a Prefeitura de Vassouras *“foi por acaso, a intenção dele sempre foi ser deputado, sempre deputado e para prefeito foi realmente assim: o PFL estava sendo fundado na época pelo nosso amigo Jaime Soares...”*<sup>125</sup> que o teria convidado para ser candidato por não ter um outro candidato para o partido.

Na visão de Ângela:

*“O Severino sempre foi uma pessoa assim humilde, ele sempre gostou muito de lidar com as pessoas, com o ser humano, por isso não foi tão difícil para ele, ele ia para os distritos, as festas, as festividades, as pessoas convidavam ele para ir na casa, ele ia, então ele começou fazer um círculo de amizade, ele não era uma pessoa somente política, era uma pessoa que gostava do ser humano, que gostava de conviver com as pessoas, ele era uma pessoa que não conseguia viver só isolado, de jeito nenhum, ele tinha necessidade de estar sempre com muitas pessoas perto dele, ele se sentia assim alegre, feliz com aquilo. Então ele começou fazer uma política de amizade, de amigos, de ir nas casa das pessoas de conversar, de conhecer as pessoas, a campanha que fazia era uma coisa assim muito espontânea, muito natural, ele não ia só na sua casa porque queria pedir um voto seu, ele ia na sua casa porque queria se relacionar com você, queria ser seu amigo...”*<sup>126</sup>

O slogan da propaganda eleitoral fazia alusão aos sobrenomes de Severino e de seu vice, Sylvio Leal: *“DIAS melhores com uma administração transparente e LEAL”*.

A campanha de Severino pautou-se em três metas: educação, saúde e agricultura. *“São três metas que poderiam até ser resumidas numa única: o desenvolvimento pleno do homem, do cidadão que aqui vive e trabalha, para que ele não precise migrar para outros centros em busca de melhores condições de vida.”*<sup>127</sup> Em seu discurso de posse, Severino Dias descreveu todo o seu plano de governo, iniciando pela inclusão do município em programas desenvolvidos pelos governos estadual e federal, que visavam atrair pequenas e médias empresas para gerar mais empregos; a reformulação da secretaria municipal de saúde e criação de uma secretaria de agricultura, além do saneamento básico, eletrificação rural e pavimentação de estradas. Severino deixou transparecer que a agricultura era para Vassouras *“a mola propulsora de sua economia”*. Não faltou também à previsão de projetos mais amplos como a previsão para implantação uma usina de aproveitamento de

---

<sup>125</sup> Ibidem

<sup>126</sup> Ibidem

<sup>127</sup> Discurso de posse de Severino Ananias Dias

lixo, transformando-o em adubo para a agricultura do município.<sup>128</sup> A campanha foi mais intensa na zona rural, pois até então os políticos não se preocupavam com os distritos, ficavam restritos ao centro da cidade.

A preocupação de Severino Dias com a população da zona rural foi uma das responsáveis pelo número de votos recebidos naquelas localidades. Foi no distrito de Andrade Pinto, em especial, que Severino Dias destacou-se mais, obtendo votação expressiva.

Na cerimônia de posse no cargo de prefeito, em 01 de janeiro de 1989, na Câmara de Vereadores, que estava no limite de sua capacidade de lotação, Severino proferiu discurso, cujo trecho é abaixo transcrito:

*“...Deus me deu a graça de ser o primeiro prefeito eleito sob a nova Constituição do País. Saberei honrar esse compromisso histórico. Inspirado nos ideais do nosso partido e no exemplo de trabalho e otimismo de dois dos maiores realizadores que já conheci e com os quais convivi durante anos – o inesquecível Presidente Juscelino Kubitschek e o não menos extraordinário Adolpho Bloch, assumo, neste momento, com o povo de Vassouras o compromisso solene de cumprir fielmente as metas da minha campanha. E esse compromisso hei de cumpri-lo com o espírito desarmado. A partir de hoje, não tenho adversários. Sou o prefeito de todos os moradores de Vassouras. Quem estiver com o povo, estará a meu lado. Só assim, num verdadeiro mutirão de desenvolvimento, poderemos promover 40 anos de realizações em 04 anos de governo, para o bem de Vassouras e felicidade do nosso povo...”*<sup>129</sup>

Do discurso acima transcrito é possível perceber a importância que Adolpho Bloch e Juscelino Kubitschek tiveram na trajetória de Severino, inclusive ao construir a assertiva “40 anos de realizações em 04 anos de governo”, estava fazendo uma alusão ao slogan feito por Adolpho Bloch para o governo Juscelino Kubitschek, que dizia “50 anos em 5”. Em outro momento do discurso de posse, Severino voltou a mencionar Bloch e Kubitschek, destacando que com Juscelino aprendeu “*que o desenvolvimento se constrói com estradas, se faz com educação, se sedimenta com saúde*”.<sup>130</sup> Citou também uma frase usada por Bloch e que usava como aprendizado: “*o importante não é ser nem parecer. O importante é criar, construir e desenvolver*”.<sup>131</sup>

---

<sup>128</sup> Ibidem

<sup>129</sup> Ibidem

<sup>130</sup> Ibidem

<sup>131</sup> BLOCH, Adolpho. [S.I.: s.n.]

Em 1991, Severino recebeu duas honrarias do Poder Legislativo, a primeira em 29 de setembro, por proposição da Mesa Diretora da Câmara Municipal de Vereadores de Vassouras, através da Resolução 514/91 daquela Casa, que conferiu a ele o título de cidadão vassourense e a outra em 28 de novembro quando recebeu o título de cidadão do Estado do Rio de Janeiro, através da Resolução nº 100/98, da Assembléia Legislativa, por proposição do Deputado Délio Leal, primo do ex-vice-prefeito Sylvio da Cruz Leal, provavelmente este foi um dos fatores que ensejou a homenagem a Severino.

O jornal Tribuna do Interior publicou um encarte especial em setembro de 1992 compilando todas as realizações do governo Severino Dias, que usava como slogan: Governo Servir e Desenvolver – 40 anos em 4. A primeira e melhor aquisição do governo parece ter sido o veículo que serve de consultório odontológico móvel, em funcionamento até hoje, para atender às regiões mais distantes e carentes.<sup>132</sup>

Severino foi também um dos doadores que contribuíram para a construção do Memorial JK, localizado em Brasília, que foi incentivado e inaugurado por Adolpho Bloch, projetado e construído por Oscar Niemeyer através de doações.<sup>133</sup> Após a doação ofertada por Severino, a esposa do ex-presidente Juscelino Kubitschek, Sarah Kubitschek, enviou uma carta (ANEXO) a Severino lhe agradecendo, abaixo transcrita:

*“Rio de Janeiro, 22 de abril de 1980. Meu Caro Dr. Severnio Ananias Dias, se você sempre foi amigo de Juscelino, posso dizer que mais ainda ele o foi de você. Estimava-o pela sua simplicidade, sua bondade e mais do tudo pela sua sinceridade! Agora, que ele já se foi deste mundo, você manda uma contribuição que não sai de suas possibilidades mas vem do fundo de seu coração. Que posso dizer, senão muito obrigado. Um abraço afetuoso Sarah.”<sup>134</sup>*

A carreira política de Severino seria, contudo, abreviada. No dia 15 de junho de 1995, Severino estava voltando de uma festa em uma igreja evangélica, junto com sua mulher e o motorista, Armando de Souza Melo<sup>135</sup>, quando foram surpreendidos por um outro veículo que os fechou. *“Os criminosos desceram do carro e atiraram várias vezes contra o Verona utilizando pistolas calibres 9 e 45 milímetros”.*<sup>136</sup> Ângela viajava no banco

<sup>132</sup> Jornal Tribuna do Interior, encarte da edição 29/09/1992, pp.01/20.

<sup>133</sup> ABREU, Alzira Alves de. et al. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Pós-1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001, vol. 1. pp 692-693.

<sup>134</sup> KUBITSCHKEK, Sarah. Carta a Severino Ananias Dias. [Rio de Janeiro]. [s.n.].1980.

<sup>135</sup> Armando de Souza Melo sobreviveu ao atentado e permanece com algumas seqüelas.

<sup>136</sup> Jornal de Hoje, edição de 17/06/1995.

de trás do carro e foi atingida por dois tiros no braço e Armando recebeu cinco tiros no peito.<sup>137</sup>

“Mataram Severino: 12 tiros de 45 põem fim a um mito,”<sup>138</sup> esta foi a manchete do jornal Tribuna do Interior que veiculou a notícia que tomou âmbito nacional. Várias outras publicações foram feitas em jornais e revistas de expressão nacional.

O crime ainda não foi desvendado e o inquérito continua em andamento, na tentativa de se chegar ao autor do fato que interrompeu a carreira política de Severino, até mesmo para elucidar se o crime teve cunho político ou não. Uma das últimas reportagens sobre o caso, publicada em 18/04/1998 pelo repórter Helton Fraga, trouxe uma entrevista com o delegado Varonil Fernandes, já falecido, que afirmou que o assassinato de Severino teria sido crime político.<sup>139</sup>

A morte de Severino de forma prematura rompeu uma carreira política promissora. Até hoje muitos afirmam que se ele estivesse vivo a história política de Vassouras teria tomado outro rumo.

Em 1996, ano seguinte à morte de Severino, ocorreram eleições municipais. Dentre os candidatos, destacou-se Altair Paulino de Oliveira Campos, outro personagem que não pertencia ao tradicional grupo político vassourense. No próximo item analisaremos brevemente a trajetória de Altair.

### 2.1.2. Altair Paulino de Oliveira Campos:

Mineiro da cidade de Barbacena, casado com Adriana Veloso Campos, pai de três filhas, Carolina, Mariana e Maria Eduarda, Altair Paulino de Oliveira Campos nasceu em uma família de doze irmãos. Segundo o próprio, “*de origem muito humilde, muito pobre, tanto é verdade que eu sou o único que consegui fazer curso superior dos doze*”<sup>140</sup>.

---

<sup>137</sup> Jornal Tribuna do Interior, edição de 27/05/1995.

<sup>138</sup> Ibidem

<sup>139</sup> Jornal de Vassouras, edição de 18/04/1998.

<sup>140</sup> Entrevista concedida por Altair Paulino de Oliveira Campos a Cristiane Seabra em 20/10/2006

Tinha em mente o objetivo de ser médico. Em razão de sua facilidade nas disciplinas de física e matemática, ministrava aulas particulares para auferir alguma renda própria. Na época de prestar vestibular um amigo de Altair Paulino, pai de um aluno para o qual dava aula particular de matemática, pagou para que ele fizesse inscrição no vestibular em Vassouras e Volta Redonda, obtendo êxito em ambas as faculdades.

Altair Paulino declara que escolheu Vassouras *“por ser uma cidade mais pacata, mais parecida comigo, por ser uma cidade bem parecida com os meus hábitos mineiros”*. E também porque por saber que Volta Redonda já era uma cidade grande, com custo de vida muito mais alto do que Vassouras.

Pleiteou ajuda de custo para pagamento da faculdade e, na época, o General Severino Sombra, presidente da Fundação, concedeu-lhe desconto de 50%. Inscreveu-se como monitor de disciplina e conseguiu outros 50% de bolsa.

Além disso, por volta de 1978-1979, a primeira esposa do General Severino Sombra, Sr<sup>a</sup> Yolanda Sombra, conseguiu que Altair lecionasse física na faculdade de biologia, *“...talvez eu tenha sido o único aluno que não paguei a faculdade e ainda recebia da faculdade”*<sup>141</sup>. Os valores que recebia da faculdade ajudava nos gastos de moradia na cidade.

Antes de graduar-se, Altair se inscreveu num concurso de residência no Rio de Janeiro, de seleção nacional de residência médica do Ministério de Saúde obtendo aprovação em 1º lugar. Junto com Altair Paulino outros dois acadêmicos da Universidade também passaram e foi preciso ingressar com uma ação de mandado de segurança para garantir a vaga até a formatura. Formou-se em um dia, já no outro dia era médico residente no Rio de Janeiro.

Durante dois anos, Altair Paulino fez residência médica em anesthesiologia, iniciando suas atividades como anestesista em Vassouras. Em 1985, foi convidado para dar aula na Faculdade de Medicina de Vassouras e no fim do mesmo ano assumiu o cargo de vice-diretor do Hospital Escola, de outubro até final dezembro de 1985.

---

<sup>141</sup> Ibidem

Em janeiro de 1986, o diretor do hospital, Dr. Rui, deixou o cargo não sem antes indicar para o General Sombra o nome de Altair como sendo, naquele momento, o mais qualificado para ser diretor do hospital.<sup>142</sup>

*“...Apesar de jovem, começando a carreira, e apesar de não ter muito títulos e muita experiência, tinha muitos professores com mestrado, com muito mais experiência do que eu, mas achou que eu tinha um futuro muito grande como gestor, ai o general pegou me deixou interino em 1986 e acabei ficando seis anos como Diretor no Hospital Escola.”*

Altair Paulino atribui ao seu cargo como diretor do hospital o início de sua carreira como gestor,

*“foi uma fase muito boa na minha vida administrativa, foi ai que eu comecei e na faculdade também o meu apelido pelo meu relacionamento, na maneira de tratar as pessoas, sempre educada, de gostar de fazer amigos, isso é a maior riqueza da vida, eles me chamavam de “senador”... Não como político. Com política acadêmica. Eu sempre gostei daquela política universitária, do centro acadêmico, mas sempre dentro da faculdade, na cidade não. Todo mundo fala que mineiro tem a política na veia.”<sup>143</sup>*

Em razão das perspectivas de trabalho que surgiram em Vassouras, Altair decidiu não retornar para Barbacena. *“Vim para Vassouras só para fazer medicina, retornar e ir embora”.*

Altair Paulino casou-se duas vezes. Conheceu a primeira esposa em Vassouras na faculdade. Ele era professor dela, era monitor dela na faculdade. Desta relação, adveio uma filha, Carolina, que hoje está com vinte anos de idade. Sua segunda esposa é Adriana, mãe de Mariana com 22 anos, e com quem teve Maria Eduarda, atualmente com 06 anos de idade.

O envolvimento com a política partidária da cidade iniciou-se pela própria atividade como diretor do hospital. *“Todo mundo achava que o hospital estava indo muito bem, estava fazendo uma boa direção, atendia muito bem à população”*, então as pessoas diziam que tinha que ser Prefeito de Vassouras.

---

<sup>142</sup> Entrevista concedida por Altair Paulino de Oliveira Campos a Cristiane Seabra em 20/10/2006.

<sup>143</sup> Ibidem

Em 1992, Altair Paulino foi dispensado da direção do hospital e em 1993 foi convidado para assumir o cargo de superintendente. Após três meses como superintendente, o prefeito à época, Renato Ibrahim, convidou Altair para o cargo de Secretário de Saúde. *“Quando eu entrei para Secretário de Saúde, em 1993, aí que eu me envolvi mais na política da cidade.”*<sup>144</sup>

Afinado com o PMDB, procurou manter filiação neste partido, mas por condições do momento filiou-se ao PDT que era o partido do Renato Ibrahim.

*“Como secretário de saúde aqui é que o meu nome começou a aparecer nas pesquisas que o Renato fazia na época, como o melhor secretário do governo dele, isso me credenciou a galgar a ser candidato também, isso me entusiasmou mais ainda, e com todas as pesquisas que ele fazia de governo, meu nome era o que parecia como melhor secretário, melhor trabalho, melhor secretaria, isso que empolgou a ser candidato a Prefeito, foi aí que eu quis a me candidatar a prefeito.”*<sup>145</sup>

Altair Paulino candidatou-se a prefeito em 1996, pelo PDT, obteve uma votação expressiva, sendo o segundo candidato mais votado, sem ser à época o mais cotado. Encerrada a eleição, iniciou um processo de agradecimento pelos votos recebidos e pedindo apoio para a eleição municipal do ano 2000. Nos anos que antecederam à eleição, atuou também como Secretário de Saúde em Engenheiro Paulo de Frontin.

Na eleição de 2000, registrou novamente candidatura como prefeito e foi vitorioso com 53,5% dos votos válidos.

*“Reduzi bastante com minha profissão, não parei graças a Deus, foi a melhor coisa que eu fiz...”*<sup>146</sup> Altair Paulino informou que mesmo ocupando o cargo de prefeito continuou exercendo sua profissão. Entretanto, quanto mais se envolvia na política mais foi se afastando da medicina.

No plano de governo de Altair, o foco principal a ser cuidado no município seria educação e saúde, através de implementação de programas em todo o município, seja zona urbana ou rural.

---

<sup>144</sup> Ibidem

<sup>145</sup> Ibidem

<sup>146</sup> Entrevista concedida por Altair Paulino de Oliveira Campos a Cristiane Seabra em 20/10/2006.

Durante todo o mandato, Altair teve o apoio do governo do estado, além de sua amizade pessoal com os governadores Garotinho e Rosinha Garotinho, o que facilitou o repasse de verbas e o investimento para a cidade. Fato corroborado por Nilo Ricardo Carvalheira, vice-prefeito de Altair, empresário, graduado em Direito, natural de Vassouras, filho de tradicional família de empresários vassourenses, quando disse que:

*“...Eu bato palma para o Altair porque ele buscou tudo que nós fizemos, porque noventa por cento do que nós fizemos foi com recursos estadual e federal, porque municipal mesmo foi dez por cento, ... reformas de prédio públicos, casa da cultura, iluminação, tudo recurso, trabalho do Altair, trabalho dele. Ele como prefeito nota dez, talvez o ideal fosse o Altair como prefeito e o Severino como vice, porque o Altair ia buscar o recurso e o Severino fazendo o assistencialismo ali que eu não acho certo, mas é necessário”.*<sup>147</sup>

Após a análise singular dos dois atores políticos que se mostraram marcantes na política da cidade de Vassouras, em momentos distintos, passaremos à análise de como se articulavam as alianças e as bases políticas dos dois políticos.

## **2.2- Alianças e bases políticas**

---

<sup>147</sup> Entrevista concedida por Nilo Ricardo Carvalheira, vice-prefeito de Altair Paulino a Cristiane Seabra em 07/11/2006.



Antes de iniciarmos a discussão do tema central deste item trataremos um pouco do quadro político antecedente.

Conforme foi visto no capítulo anterior, em 1980, a cidade de Vassouras estava sendo governada por Pedro Ivo da Costa, o mandato teve duração de 06 anos, de 1977 a 1982. A cidade de Vassouras começou a sentir os reflexos da nova estrutura política já em 1982, quando apareceram alguns personagens que disputaram o pleito municipal de 1982, envolvidos com o sistema do pluripartidarismo, inaugurado com o fim do regime militar. Além dos substitutos da ARENA e do MDB, quais sejam, PDS e PMDB, surgiram em Vassouras o PTB, o PDT e o PT.

Vejamos a visão do arquiteto Roberto Rosa (ex-candidato a prefeito pelo PSB em 1988), natural da cidade de Mendes, que estabeleceu residência em Vassouras e atuou como colunista do Jornal Tribuna do Interior:

*“Naquela época, a verdade é que a política girava em torno de três nomes que era o Carlos Mexias, era o Pedro Ivo e era o Narciso, era quase que um troca-troca, era uma política bastante suave, uma política bastante cavalheiresca, não havia essas brigas políticas que depois então se implantaram no município, mas naquela época nós medíamos a política por essas três pessoas, por esses três políticos que tinham toda a influência sobre o povo da cidade.”<sup>148</sup>*

O poder político dessa tríade decorria de seus vínculos sociais, Mexias desenvolvia, paralelamente às suas atividades profissionais, serviços comunitários no bairro do Madruga, e, em 1945, foi nomeado Tabelião do 4º Ofício de Justiça de Vassouras, em razão de sua ligação com algumas correntes políticas, além de ter sido presidente de liga de desporto, de vários clubes, do Rotary e também membro da Irmandade Nossa Senhora da Conceição.<sup>149</sup> Pedro Ivo era filho do Tabelião do 1º Ofício de Justiça de Vassouras e mantinha um contato estreito com Carlos Mexias, que, junto com outros membros da sociedade vassourense, como Roberto Barroso (atualmente Procurador de Justiça aposentado) e Nilo Carvalheira (empresário), o inseriu no meio político, lançando-o como vereador.<sup>150</sup> Narciso da Silva Dias pertencia à sociedade vassourense, filho de um dentista próspero na cidade. Apesar de

<sup>148</sup> Entrevista concedida por Roberto Rosa a Cristiane Seabra em 24/10/2006

<sup>149</sup> Dados extraídos do esboço de biografia de Carlos Eugenio Mexias, ainda não publicada, fornecida por sua esposa Maria Christina Amaral Mexias.

<sup>150</sup> Entrevista concedida por Pedro Ivo da Costa a Cristiane Seabra em 27/10/2006

formado em odontologia, Narciso lecionava no Ginásio de Vassouras, onde também foi vice-diretor, tornando-se posteriormente proprietário. Segundo a viúva de Narciso, este se envolveu na política a pedido dos pais de seus alunos, que o consideravam um excelente administrador e honesto, não se recordando, entretanto, quem o convidou a se candidatar a prefeito em 1970.<sup>151</sup> Narciso foi amigo do Deputado Estadual José Carlos Vaz de Miranda, que também pertencia à sociedade vassourense.

Pelo exposto, a tradição política existente em Vassouras seguia duas linhas: a de Carlos Mexias que teve como seguidor Pedro Ivo e a de José Vaz que se afinava com Narciso da Silva Dias. Carlos Eugênio Mexias era adversário político de Narciso da Silva Dias. *“Eram inimigos políticos, os dois não se davam...”*<sup>152</sup>, afirmou Fernando Amaral, projetista, ex-secretário de obras do governo Narciso Silva Dias (1983-1988).

Pedro Ivo também confirma o tipo de relacionamento mantido por esses dois atores políticos:

*“Na realidade eu nunca foi inimigo do Narciso, o Narciso tinha uma grande aversão, que era mútua, ao Carlinhos Mexias, e minha proximidade com o Carlinhos Mexias, sempre nos levou a campos opostos, ele me ganhou eu ganhei dele, mas pessoalmente nós sempre nos respeitamos, nunca teve um arranhão, eu nunca falei o nome dele num comício e ele nunca falou do meu, nós tínhamos apenas posição de adversários, não havia nenhum arranhão na nossa amizade, eu fui paciente dele, tratei de dente com ele, com o pai dele...”*<sup>153</sup>

Na visão de Francisco Sertório, ex-vereador vassourense, o revezamento tem um fundamento:

*“Tenho uma explicação, porque isso tem acontecido o povo gosta muito de vítima, elegeu o Mexias, derrotou o Narciso, aí vem Pedro Ivo e já que derrotamos o Narciso uma vez vamos eleger o Narciso e Pedro Ivo que espere, e assim vai tocando, e todo mundo aqui é*

*duas vezes pelo menos, Mexias foi duas vezes, Narciso foi duas vezes, Pedro Ivo duas vezes.”*<sup>154</sup>

Arthur Freire, ex-vereador, explica que:

<sup>151</sup> Entrevista concedida por Lucia Maria Werneck da Silva Dias, viúva de Narciso da Silva Dias, a Cristiane Seabra em 21/02/2007.

<sup>152</sup> Entrevista concedida por Fernando Antonio do Amaral a Cristiane Seabra em 22/10/2006

<sup>153</sup> Entrevista concedida por Pedro Ivo da Costa a Cristiane Seabra em 27/10/2006

<sup>154</sup> Entrevista concedida por Francisco José Sertório a Cristiane Seabra em 27/10/2006

*“... nós no nosso município, o vassourense em si é muito conservador,... não só em vê as coisas, os prédios públicos, vê a na nossa cidade, como nos políticos, o político era conservador, então ficava aquele tripé, Dr. Narciso, seu Carlinhos Mexias, Dr. Narciso e Pedro Ivo, aquele revezamento, até que apareceu um novo, ... o Severino, e ninguém fazia fê e Severino ganhou eleição em Vassouras.”<sup>155</sup>*

Acreditamos que o revezamento ocorria em função da ausência de outros candidatos para disputar as eleições e do controle exercido pelos grupos tradicionalmente atuantes na política municipal. Havia um controle sobre a política local, um monopólio que talvez se mantivesse em razão do próprio sistema bipartidário. Como naquela época não era permitida reeleição, os três se mantinham revezando e os eleitores, por sua vez, acabavam os elegendo. O revezamento só chegou ao fim quando começaram a se inserir no cenário político pessoas que sentiam a necessidade de mudar a situação que perdurava por mais de vinte anos.

Estavam se inserindo no cenário político de 1982, em razão do pluripartidarismo, Marlos França, editor do Jornal Tribuna do Interior, e Américo da Silva Carvalho, à época funcionário da Fundação Educacional Severino Sombra e atualmente Presidente da FUSVE.

Marlos França e Américo de Carvalho, de acordo com depoimentos concedidos por ambos, perceberam que Vassouras necessitava de uma renovação na política, porque havia se instalado na cidade há muitos anos a política do revezamento. Então filiados ao PTB lançaram a candidatura a prefeito com uma sublegenda, no intuito de interromper o espírito do continuísmo que se formou em Vassouras. Antes de filiar-se ao PTB, Marlos era filiado ao PP, porém o PP incorporou-se ao PMDB, o que motivou sua saída.

Os trechos, a seguir, das entrevistas realizadas são elucidativos a esse respeito:

*“Eu seria o candidato no lugar do Rui Canellas, mas como eu sai, entrou o Rui em meu lugar, e eu vim candidato, com o Américo Carvalho. O favorito era o Carlos Eugenio Mexias, que tinha o apoio do Pedro Ivo que era o Prefeito e era seu candidato. Quando entrei vim para compor a legenda do PMDB, mas como eu sai fui ser o candidato titular do PTB, foi uma experiência super válida, não tínhamos legislatura de peso nessa eleição e chegamos em quarto.”<sup>156</sup>*

*“O PTB tinha dois jovens sonhadores, tinha Marlos França e Américo de Carvalho... e foi muito importante aquele momento para nós, porque nós tínhamos o desafio de dar sustentação ao PTB dentro Vassouras e do mesmo jeito enfrentar uma política*

<sup>155</sup> Entrevista concedida por Arthur de Ávila Freire a Cristiane Seabra em 31/10/2006.

<sup>156</sup> Entrevista concedida por Marlos Elias de França a Cristiane Seabra em 23/10/2006

*conservadora dentro da cidade... era a verdadeira revolução da política partidária de Vassouras. Nós queríamos quebrar o continuísmo, porque Vassouras era repetitivo. ... E nós participamos dessa eleição com toda as dificuldades, mas nós tínhamos uma proposta, a proposta da renovação. Eu sempre digo a Marlos o seguinte: Marlos você foi o desbravador da política vassourense, eu te acompanhei nesta mudança, porque com esta mudança nós abrimos espaço para Severino Dias, abrimos espaço para o próprio Altair”<sup>157</sup>*

Nessa época os partidos políticos se organizavam em sublegendas<sup>158</sup> para angariar mais votos. Fernando Amaral entende que o resultado das eleições de 1982 *“foi uma zebra, porque o Fernando Carvalheira estava cotado, talvez não para ganhar do seu Carlinhos, mas para chegar na reta final, e ele achava que se ele trouxesse o Dr. Narciso, de peso, que ele ia ganhar.”* Embora o instituto da sublegenda tenha sido usado para fortalecer o partido e por consequência garantir a vitória de Fernando Carvalheira, o seu favoritismo era questionável. O próprio ex-vereador Xaninho sinalizou que em 1988 perdeu para Fernando Carvalheira a candidatura a vice-prefeito da cidade, a pretexto de que Fernando seria mais forte, até mesmo em função da tradição da família e do sobrenome Carvalheira. Contudo, Fernando saiu perdedor mais uma vez em 1988. Talvez, empolgados com os votos fiéis que Narciso possuía, não tenha havido a previsão de que Narciso pudesse ultrapassar a votação e vencer, o que realmente aconteceu. *“Mas aí o Dr. Narciso reconheceu e chamou Fernando Carvalheira para ser seu chefe de gabinete.”<sup>159</sup>*

A vitória de Narciso da Silva Dias em 1982 também pode ter sido impulsionada por um episódio que aparentemente não tinha cunho político e que ocorreu no carnaval de 1980. Naquela época havia uma disputa carnavalesca acirrada na cidade entre a escola de samba Unidos do Madrugá e o bloco carnavalesco Surpresa. A cidade dividia suas opções e, como qualquer outro vassourense, havia políticos que torciam para a escola de samba Unidos do Madrugá e outros que torciam pelo bloco carnavalesco Surpresa. Sobre referido episódio, vejamos o que nos conta César Furtado:

*“Nós tínhamos na época a nossa escola de Samba Surpresa, que em 1980 havia sido prejudicada num julgamento final e eu até não considero o Pedro Ivo o autor desse prejuízo, mas pessoal da escola, a maioria da escola, os seiscentos componentes acusaram o Pedro Ivo que prejudicou o nosso resultado. Foi o ano que teve uma fraude na apuração, e quando nós pegamos a fraude, foi uma fraude tão grossa, que desmotivou todo o nosso*

---

<sup>157</sup> Entrevista concedida por Américo da Silva Carvalho a Cristiane Seabra em 09/11/2006

<sup>158</sup> Sobre sublegenda, vide Capítulo I

<sup>159</sup> Entrevista concedida por Fernando Antonio do Amaral a Cristiane Seabra em 22/10/2006

*grupo, foi uma fraude grotesca. Alteraram os resultados das notas depois quando todas as urnas já estavam na casa do Carlos Eugenio Mexias e que para mim foi por culpa do falecido Vereador Alemão e do próprio Carlos Eugenio Mexias. Eu não atribuo a Pedro Ivo, mas a escola toda atribuiu a Pedro Ivo..... Então Pedro Ivo ficou com essa culpa e na campanha do Dr. Narciso nós divulgamos que se o Dr. Narciso ganhasse o surpresa ia voltar a desfilar. O que fizemos em 1982, desfilaríamos com cerca de 1000 componentes, foi o último desfile na Caetano Furquim e o Madruga nem desceu.”<sup>160</sup>*

Após a suposta fraude em 1980, o bloco Surpresa não mais desfilou. Próximo às eleições de 1982, o grupo responsável pelo bloco carnavalesco, que congregava um número considerável de pessoas, condicionou o retorno do desfile do bloco à vitória de Narciso que na época disputou a prefeitura com Pedro Ivo, suposto envolvido na fraude. Na visão de César este fato favoreceu o resultado para Narciso.

Em contrapartida, conseguimos colher em algumas entrevistas que o favorito para ganhar as eleições de 1982 e suceder a Pedro Ivo era Carlos Eugênio Mexias, inclusive o próprio se dizia bem cotado.<sup>161</sup> No entanto, Mexias perdeu a eleição para Narciso com uma diferença grande de votos. Ressalte-se mais uma vez que o fato da fraude no resultado do carnaval pode ter sido um ponto desfavorável, porque conforme afirmou César Furtado os supostos envolvidos foram o vereador Alemão, Carlos Eugênio Mexias (ambos já falecidos) e Pedro Ivo. Fato confirmado pelo próprio Pedro Ivo em sua entrevista: “o pessoal ligado ao bloco surpresa, que tinha aquele problema do carnaval de 80, deu aquela confusão... e eu acabei pagando o pato. Esse ranço permaneceu, agora a pouco tempo melhorou um pouco.”<sup>162</sup>

Outra explicação foi elaborada por Deoswaldo Ramos, comerciante e coordenador de campanha política, que atribui a vitória de Narciso ao vínculo que mantinha com os pais de seus alunos.

*“Eu acho que o Fernando era o primeiro, como o Marlos era o primeiro e o Américo era o segundo. O Narciso já tinha sido prefeito.... O Narciso era dono do Colégio de Vassouras, ...pelo menos 50% não pagava, ele dava bolsa dele mesmo, além de ter bolsa de prefeitura, do Estado,... a pessoa não ficava sem estudar porque não tinha dinheiro, que ele deixava estudar, e isso influenciou. Dr. Narciso virou um herói...ele sempre fez isso, e atingia todas*

---

<sup>160</sup> Entrevista concedida por César Mattoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006

<sup>161</sup> Sobre este assunto consultar o Capítulo I

<sup>162</sup> Entrevista concedida por Pedro Ivo da Costa a Cristiane Seabra em 27/10/2006.

*as classes sociais, ai ele ganhou essa eleição, e já tinha sido prefeito, e ele foi um bom prefeito...”*<sup>163</sup>

O depoimento de Pedro Ivo lembra que os adversários de Narciso eram Carlos Mexias, na legenda, e na sublegenda Aluízio e Rui, mas que ganhar de Narciso era difícil devido à função social desenvolvida por ele em seu colégio.

*“Não foi surpresa não, porque a sublegenda nossa forte era o Carlinhos Mexias e a sublegenda do Aluízio e do Rui foi mais para fechar, para completar, porque podia, era um artifício....,Então houve essa composição, mas na verdade o candidato que tinha chances de se eleger era o Carlinhos, mas o Carlinhos o velho problema não só a idade, mas o problema de bebida, essa coisa toda... Narciso sempre foi um candidato de uma posição mais centrada. Bater o Narciso em Vassouras era um negócio impossível, porque o número de pessoas beneficiadas pelo colégio, Ginásio de Vassouras, era uma coisa de louco, porque não tem uma família que não tenha um filho, uma pessoa que estudou, que não pagou, que pagou a metade, então o Ginásio era uma força poderosíssima. Era o único em Vassouras, ... na época o ginásio de Vassouras era o dono da cidade, ninguém desagradava o diretor do ginásio de Vassouras de jeito nenhum, ele era o dono, então isso dava uma força política muito grande, bater o Narciso na cidade era um negócio muito difícil mesmo. Talvez eu tenha batido, talvez pela idade, era mais jovem também.”*<sup>164</sup>

O resultado das eleições de 1982, indicado nas páginas 27 e 28 do capítulo 1 mostra que Narciso da Silva Dias foi vitorioso e governou a cidade de Vassouras por 06 anos de 1983 a 1988.

Narciso da Silva Dias é exaltado por todos os seus colegas políticos como homem sério e honesto, que sabia preservar a administração e o dinheiro público.

Roberto Rosa destaca que:

*“Eu me lembro muito bem desta época, o Narciso era praticamente um homem que não tinha nada para ser político, ele era um homem de feições sérias, não gostava de rir muito, não tinha cara de um político. Mas ele era professor de um colégio, e dentro desse colégio que ele adquiriu ... ministrando aula para as crianças, ele pode demonstrar o que ele era, inclusive, para os pais das crianças. O prestígio dele veio justamente dentro desse colégio, do trabalho que ele exerceu dentro do colégio. Então seria muito normal que o povo reconhecesse o valor do Narciso através do que ele vinha fazendo através do ensino na cidade...”*<sup>165</sup>

---

<sup>163</sup> Entrevista concedida por Deoswaldo de Oliveira Ramos a Cristiane Seabra em 30/10/2006.

<sup>164</sup> Entrevista concedida por Pedro Ivo da Costa a Cristiane Seabra em 27/10/2006.

<sup>165</sup> Entrevista concedida por Roberto Rosa a Cristiane Seabra em 24/10/2006.

A única ressalva é quanto à visão pouco desenvolvimentista para a cidade. Narciso não se preocupava em buscar recursos junto aos governos estadual e federal, o que viesse era bem vindo, mas o que não estava previsto não era articulado. Dentre os entrevistados, a funcionária pública municipal, Célia de Almeida Pereira, que trabalhou no mandato de Narciso como Chefe da Contabilidade, ressaltou que, além do município ter uma extensão territorial maior do que atualmente, não havia tantos incentivos do governo federal e estadual. O prefeito governava praticamente apenas com os recursos municipais e, com isso, não dava para fazer muita coisa. Mesmo assim, Narciso pagava salários em dia, fazia obras de primeira necessidade e ainda conseguiu deixar dinheiro em caixa para o seu sucessor.<sup>166</sup>

Fernando Bittencourt, vassourense, aposentado, contando com mais de oitenta anos de idade, foi funcionário da Prefeitura Municipal de Vassouras durante vinte e quatro anos, exerceu o cargo de secretário de fazenda no governo Narciso, analisa a postura do governante:

*“Narciso não fazia obra se estivesse para sair, ele queria deixar dinheiro em caixa. Mesmo tendo dinheiro para receber, tinha medo de não receber. Podia fazer empenho, mas era muito escrupuloso, não queria deixar dívida para ninguém, ele cumpria muito bem o orçamento... Quem quiser gastar dentro do orçamento não anda pra frente, só anda para frente quem gastar, ficar devendo, pagar depois, e isso ele não fazia. O jargão dele era não deixar dívida.”<sup>167</sup>*

César Furtado, que posteriormente foi candidato à vice-prefeito com Dr. Narciso, e Roberto Rosa relataram, respectivamente, que:

*“Considero que o Dr. Narciso foi uma pessoa que aplicava muito a honestidade. E o que era ser honesto para o Dr. Narciso? Pegar R\$1000,00 para comprar determinado objeto, pagar 900,00 e trazer cem reais de troco. Dr. Narciso cuidou pouco do que se chama desenvolvimento, a cidade não se desenvolveu, a cidade não criou espaço, não criou emprego, não teve desenvolvimento, mas era um governo que pagava em dia, extremamente em dia, pagava certo, não tinha corrupção de um centavo, não tinha desvio de verba para nada, porém era uma máquina lenta, como já havia sido no governo do Dr. Narciso nos idos dos anos 70. Era um tipo administrativo rigoroso com o dinheiro, porém sem visão futurista.”<sup>168</sup>*

*“Dentro das possibilidades da época ele fez um bom governo, o distrito era bem maior, os recursos eram menores, e os programas que hoje nós vemos aí, vários programas estaduais*

<sup>166</sup> Entrevista concedida por Célia de Almeida Pereira a Cristiane Seabra em 01/11/2006

<sup>167</sup> Entrevista concedida por Fernando Matoso Bittencourt a Ciiiane Seabra em 28/10/2006.

<sup>168</sup> Entrevista concedida por César Mattoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006

*e até federais atuando no município não existiam, o município ficava praticamente sozinho e com uma renda pequena, então não se podia esperar muito coisa de um prefeito, ele tinha que se virar sozinho, hoje não tem muita coisa.*<sup>169</sup>

Outros entrevistados, dentre eles Eurico Pinheiro Bernardes Júnior, atual Prefeito da Cidade, que se considera discípulo de Narciso, também citaram que Narciso era centralizador, ou ele mesmo fazia ou acompanhava de perto o trabalho dos secretários, desfrutava de uma memória invejável e, como disse o ex-vereador e articulador político Marcus Pullig, “*era ortodoxo*”.<sup>170</sup> Fato também corroborado por Arthur Freire em sua entrevista:

*“... Era um prefeito que administrava a prefeitura dele sem os secretários ... Ele tinha um livro borrador que anotava tudo, dotações financeiras... Dali ele autorizava a secretaria fazer alguma coisa, comprar. Era centralizador, ele não confiava em ninguém porque ele tinha muito medo de manchar o nome dele, é difícil em política na nova era ter um político assim...”*<sup>171</sup>

Em razão da visão administrativa de Narciso, dois fatos muito citados marcaram seu governo: o primeiro foi a construção da delegacia de Vassouras e o segundo, já no fim do mandato e em época de campanha política para sucessão, foi a instalação de uma antena parabólica em Andrade Pinto.

A questão da construção do novo prédio da delegacia nos foi relatada por Francisco Sertório:

*“Narciso recebeu do Ministério da Justiça uma verba de trinta milhões para construir uma delegacia, estava lá na Caixa, recebemos em março e em dezembro ele recebeu os trinta milhões e foi multado depois porque havia uma correção e ele nem aplicou dinheiro (que era permitido o poder público aplicar o dinheiro), ele não quis fazer uma delegacia para acabar com aquele faroeste ali que para mim é um faroeste até hoje...em dezembro devolveu o dinheiro para Caixa e não usou um tostão... e o município ainda foi multado, porque na época já existia Tribunal de Contas. Então quando falam o Narciso foi um grande..um homem honesto eu tenho minhas dúvidas, do conceito de honestidade, cada um tem o seu.”*<sup>172</sup>

---

<sup>169</sup> Entrevista concedida por Roberto Rosa a Cristiane Seabra em 24/10/2006

<sup>170</sup> Entrevista concedida por Marcus Pullig Ferreira Gomes a Cristiane Seabra em 20/01/2007. Marcus Pullig é natural de Miguel Pereira, pertence à família que sempre se envolveu com política. Mudou-se para Vassouras para gerenciar uma das empresas de César Furtado. A partir de 1982 tornou-se articulador político e, em 1996, elegeu-se vereador.

<sup>171</sup> Entrevista concedida por Arthur de Ávila Freire a Cristiane Seabra em 31/10/2006.

<sup>172</sup> Entrevista concedida por Francisco José Sertório a Cristiane Seabra em 27/10/2006



Quando Francisco Sertório faz menção à existência de um faroeste, está se referindo à estrutura física da delegacia<sup>173</sup>, que foi construída em madeira pré-moldada, sem a devida segurança e, no entanto, havia verba suficiente para se construir uma delegacia nos padrões próprios. Sertório ainda pontua que o faroeste existe até hoje porque a delegacia continua nos mesmos moldes originais, inclusive teve atualmente sua carceragem desativada por faltar segurança.

César Furtado também relata o episódio da delegacia:

*“Outra coisa, nós conseguimos ... uma verba para fazer a delegacia de Vassouras, quando foi feita essa delegacia aqui, mas tinha a tal da contrapartida e Dr. Narciso não entendia o que era a contrapartida e morreu sem entender e não dava de jeito nenhum. O Arthur que é um advogado, cunhado do meu cunhado, trabalha em Brasília, hoje ele é advogado do ACM, já há muitos anos, ele arrumou a verba para construir a delegacia em Vassouras, mas precisava da contrapartida do Poder Público de tantos milhões, e Dr. Narciso disse de jeito nenhum, ele veio aqui mostrar, veio um departamento de engenharia mostrar, mas não teve jeito, aí foi feito aquilo ali. O governo Federal te dá 80% e o restante era com a Prefeitura. Por isso que foi feito aquilo ali, que era dado, era uma doação, se eu não me engano foi o Arthur mesmo que conseguiu. Ele conseguiu um prédio, que ia ser construído em outro local, como tem em Valença. Seria um lugar de botar os presos, que aqui em Vassouras, era lugar de ter preso ali no Fórum, onde é a Prefeitura hoje, mas Dr. Narciso não deu a contrapartida, porque ele achava que aquilo ali ia incriminá-lo, ele não deu a contrapartida. Ele não tinha essa visão, desenvolvimento não era com ele”.*<sup>174</sup>

Comentar que Narciso era uma pessoa que economizava o dinheiro público é desnecessário. No entanto, cada um interpreta de uma maneira. Sertório entende que isso fere a própria honestidade administrativa, porque não bastava economizar ou simplesmente não usar, era preciso aplicar bem aquilo que lhe era destinado. César interpretou a atitude de Narciso como pouca visão desenvolvimentista e como forma de não se comprometer com possíveis atos ilícitos. Como já foi explorado, a forma de Narciso administrar era mantendo dinheiro em caixa. Será que na visão dele usar todo aquele dinheiro seria uma desnecessidade? Ou a contrapartida que o município precisava complementar poderia prejudicar os cofres municipais? Ou ainda, se haveria necessidade de se construir uma nova delegacia, tendo em vista que a carceragem existente no Fórum, no seu modo de ver, atendia à demanda?

---

<sup>173</sup> A única delegacia da cidade de Vassouras está localizada na Avenida Marechal Paulo Torres (rua do Fórum novo), bairro Madrugá.

<sup>174</sup> Entrevista concedida por César Mattoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006

A história da instalação da antena parabólica também é citada por alguns entrevistados. Vale à pena transcrever as palavras de César Furtado:

*“Toda a população de Andrade de Pinto estava ansiosa para receber uma antena parabólica, que na época a parabólica era colocada no alto do morro e distribuía a imagem para as casas em Andrade de Pinto. A televisão era péssima, em 1988, não se conseguia ver televisão direito e isso já tinha sido levado ao Prefeito, que se prontificou em colocar, mas há anos e não colocava. E quando tivemos lá reunidos e participamos de corpo a corpo com toda a comunidade, nós voltamos e fomos direto ao gabinete do Dr Narciso. Dr. Narciso tem que botar uma antena parabólica em Andrade de Pinto e o senhor já prometeu, não eu já prometi e estou com o orçamento pronto aqui, era R\$12.000 reais na época, mas eu posso ajudar ao Senhor ou dou um pouco do dinheiro ou dava tudo, mas ele disse: ‘Não precisa, já fizemos a licitação, já estamos com o dinheiro, pode deixar já vou comprar e vou colocar’. Mas no dia seguinte o Severino botou, ele teve uma votação em Andrade de Pinto expressiva, essa antena parabólica virou Andrade Pinto todo para ele...”*<sup>175</sup>

Tanto César Furtado quanto outros entrevistados atribuem à instalação da antena parabólica o fator decisivo para a vitória de Severino. A imprensa também veiculou que após a abertura das urnas de Andrade Pinto, Severino atingiu votação superior a de seus adversários e conseguiu vencer. Pois bem, levando-se em conta que a televisão é o meio de comunicação mais utilizado, o mais preferido e que também exerce a função de lazer, é possível que o ato instantâneo de Severino tenha conquistado a simpatia dos moradores de Andrade Pinto e estes resolveram confiar-lhe o voto. Até porque o pedido de instalação da antena já havia sido feito ao prefeito, mas não havia sido atendido até aquele momento. Como já informado, não foi possível conseguir o resultado votação por urna da eleição de 1988, pois referido acervo foi incinerado.

Segundo o que foi relatado por César Furtado havia um relacionamento político muito estreito entre ele e Narciso desde o apoio na campanha das eleições de 1982. César ocupava o cargo de Presidente da Associação Rural de Vassouras e havia um interesse em se construir um Parque de Exposições. A construção do parque foi iniciada em 1982, com recursos próprios, mas com o apoio da Prefeitura através do empréstimo de máquinas. Durante todo o mandato de Narciso, César apoiou o governo. *“Não tínhamos nenhuma secretaria, era só apoio e amizade e confiança”*.<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> Ibidem

<sup>176</sup> Ibidem

Quando se iniciaram as articulações para candidatura de 1988, César foi cogitado pelo PL a ser candidato a prefeito. Na concepção de César, ele foi convidado para ser candidato em razão das ações esportivas e sociais que desenvolvia e também pelo índice de rejeição de Severino e restrições que pesavam sobre Pedro Ivo e seu grupo. Em razão de toda convivência que havia tido com Narciso na prefeitura supôs que este pudesse apoiá-lo, até porque os outros pré-candidatos eram Pedro Ivo e Severino. O primeiro era seu adversário político de longa data e o segundo estava recém chegado na cidade e não gerava credibilidade.

*“Então ele não tinha candidato. Então eu esperava: o Dr. Narciso não tem candidato, o candidato dele vamos ser nós, não tem como ele apoiar outra pessoa, até pelos fatos ali. Ele não tem para onde correr, ele vai nos apoiar, e até porque eu entendo que com a ajuda que nós demos á vitória dele em 82, era um pagamento, isso até hoje eu acho assim, o Dr. Narciso devia um favor político para nós, porque nós ajudamos, porque nós empenhamos não só o nosso nome em 82, mas até o nome da escola de samba para que o apoiasse e que a escola de samba saíra e saiu e foram quase 1000 pessoas”.*<sup>177</sup>

*“Eu considero que eu não ganhei a eleição por conta do Dr. Narciso, não que com isso eu queira culpá-lo, eu entrei na eleição e saí tranqüilo, nas duas vezes que participei, mas eu entendi que aonde eu esperava um apoio, esse apoio não veio e esse apoio foi fundamental para a vitória do Severino, essa falta de apoio para mim ela se reverteu em favor do Severino. No dia seguinte da nossa inscrição a prefeito no cartório eleitoral, esse meu grupo foi no gabinete do Dr. Narciso, o primeiro a ser comunicado da nossa candidatura foi o Dr. Narciso, porque nós vivíamos com ele na prefeitura, ele então aplaudiu, gostou e deu alguns conselhos, e tinha dito que nessa eleição ele não tinha candidato nenhum para apoiar, porque o Severino ele não apoiaria porque era um desconhecido, o Pedro Ivo era adversário político e o Tadeu era oposição a ele na Câmara.”*<sup>178</sup>

*“Quando se fechou as coligações, coisa que até então eu desconhecia como é que funcionava, quando fecharam as coligações o Dr. Narciso me chamou e nós estávamos no início da campanha, confeccionando o material, e ele me falou e para todo o grupo no gabinete dele eu não vou poder apoiar vocês, porque eu sou um homem de partido, ainda falou com o dedo assim e meu partido fez a coligação com o partido do PMDB, que era o partido do Pedro Ivo, mas o pessoal contestou, mas o senhor é adversário do Pedro Ivo, mas eu não vou apoiar o Pedro Ivo, mas eu também não posso fazer nada por ninguém, pois o meu partido fez coligação com o dele, e eu vou no último comício dele aqui no centro da cidade eu vou ter que estar lá, isso ele falou para gente, estava todo no nosso grupo do PL, e ele falou assim e eu não vou apoiar ninguém, a prefeitura não vai estar a disposição de ninguém mas no último comício eu vou ter que estar presente e não vou poder ir em nenhum comício de vocês, nós entendemos e eu também entendi e continuamos tocando a nossa campanha e também concluindo o Parque de Exposições que era uma obra que nós investimos dinheiro, e a Prefeitura ajudava com máquinas e combustível, e nas vésperas da eleição nós inauguramos o parque e demos o nome Dr. Narciso, Parque de Exposições Dr. Narciso da Silva Dias, que esta numa placa até hoje lá., mas nem isso sensibilizou Dr. Narciso, ele não apoiou ninguém...”*<sup>179</sup>

---

<sup>177</sup> Ibidem

<sup>178</sup> Ibidem

<sup>179</sup> Ibidem

Ao contrário do que ocorreu em 1982, quando se verificou a aglutinação dos políticos mais fortes em dois pólos, em 1988 houve uma divisão. Foram lançadas seis candidaturas ao Executivo municipal. Registre-se que para essas eleições o município contava com menos habitantes em razão da emancipação do antigo distrito de Paty do Alferes e da perda de outros distritos para aquele recém criado município.

Os partidos optaram por candidaturas independentes. O PDT novamente buscou uma candidatura independente para o Executivo apostando na jovialidade do vereador Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal, jornalista, natural de Vassouras. O PL lançou o empresário vassourense, que nunca havia se envolvido com política, César Furtado, buscando inovação. O PFL lançou um desconhecido, Severino Dias, com o intuito de quebrar o continuísmo. O PMDB volta com Pedro Ivo, que representava o continuísmo. O PSB registrou a candidatura de Roberto Rosa e o PMN a de Paulo Emílio.

Os candidatos dos partidos PL e PDT pertenciam ao um mesmo nível social e disputavam os votos da classe média e da classe média-alta. Wallace Tadeu chegou a fazer uma proposta a César Furtado de se unirem.

*“Na época a gente começa a procurar as coligações para entrar em uma eleição, então propus ao César, porque a gente estava disputando as eleições na mesma área, os mesmos eleitores, na classe média, quem tinha o maior índice de rejeição era o Pedro Ivo e o Severino, não estou falando mal,... a gente tinha a pesquisa, era uma pesquisa mais simplórias mas eram pesquisas. ... enfim a minha rejeição e do César era menor do que do Pedro Ivo e do Severino, isso é que importa em uma eleição é a rejeição. Então propus a César naquela ocasião da gente se aliar, eu sair de prefeito e ele de vice ou ele de prefeito e eu de vice, ...então eu trouxe a pessoa que me dava respaldo apoiava e fomos na fazenda ...e ele me disse que não podia deixar o Werneck, porque naquela ocasião ele era mais forte, do que ele,...., então eu disse se Werneck é mais forte do que você, você abre mão e sai da candidatura e deixa eu e Werneck então decidir, então eu saio de vice do Werneck...”<sup>180</sup>*

O entrevistado César Furtado confirmou que havia sido procurado por Tadeu, que foi acompanhado do Deputado Feres Nader e lhe propôs o seguinte:

*“...O Tadeu queria que eu fosse o vice dele, era o contrário, o Tadeu me propôs ser vice, e o Werneck até nunca fez questão de ser vice, nem nada e nós não tivemos nem como fazer a proposta de eu ser o Prefeito e o Tadeu vice, não teve jeito. O Werneck até tentou falar o*

<sup>180</sup> Entrevista concedida por Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal a Cristiane Seabra em 16/10/2006

*seguinte: que ele abria mão de ser vice, ele entraria para vereador, mas nós não tivemos como, porque eles foram taxativos que Tadeu já era vereador, teria mais possibilidade de ganhar a eleição como prefeito e eu a vice não me interessei em participar. Então foi uma conversa só que nós tivemos, mas foi nesses termos. Eu também concordo, concordei que seria difícil ele explicar o eleitorado dele como ele entraria de vice de mim que estava entrando na última hora. Com a nossa junção, provavelmente nós seríamos eleitos”.*<sup>181</sup>

A conversa de César e Wallace Tadeu tinha o intuito de uni-los contra os demais candidatos de 1988, mas deve-se destacar algumas divergências. Wallace Tadeu relatou que a proposta era a união dos dois podendo um vir candidato a prefeito e outro a vice. Entretanto, César afirmou que Tadeu só lhe deu a opção de ser vice, alegando que por já ser vereador seria mais lógico que fosse o candidato a prefeito. Como candidato a vice César não demonstrou interesse. Outra divergência é com relação ao Werneck, que na versão de César, Werneck teria aberto mão da candidatura a vice para Tadeu e concorreria como vereador. Já Tadeu afirma que César não abriu mão de Werneck, alegando que este seria mais forte, não podendo, portanto, deixá-lo.

Marcus Pullig, articulador político da campanha de César e Werneck nas eleições de 1988, apresentou sua opinião sobre a proposta de união de César e Tadeu:

*“... o César teve a idéia de formar um grupo do qual todos os candidatos jamais tivessem sido candidatos a nada, o novo. Porque nós tínhamos uma tradição em Vassouras Carlinhos Mexias, Dr. Narciso, Pedro Ivo, era uma engrenagem que rodava nesse sentido, na realidade era um revezamento e não uma alternância de poder....E porque não o Tadeu, porque nós íamos dizer que era mentira tudo aquilo que nós conquistamos, então não era o novo. Então aquelas pessoas que foram aderindo ao longo da campanha, e outra coisa nós dizíamos nos nossos mini comícios, comício relâmpago, como quiser chamar, que as pessoas não precisavam colocar placa, mas que no coração de cada um tivesse uma idéia nova para Vassouras, não precisava por placa, nem dizer que vota, por camisa não. E acho que nós fomos longe até por isso, por não obrigar a pessoa a se comprometer publicamente, porque as vezes a pessoa nem quer. Porque senão o voto não precisaria ser secreto, porque se cada um tem que identificar seu voto; quem tem que identificar seu voto são os partidos políticos, as pessoas comprometidas, ... essa desobrigação também tirou um pouco aquela política opressora, Dr. Narciso chegou a dizer uma vez numa reunião conosco que o meu negócio a minha eleição é só escrever uma cartinha, então você escreve uma carta e sou obrigado a votar em você e não é verdade, era o novo....Então é por isso que eu achei, na época lógico que a decisão era do César e do Werneck, eu era um articulador, só que eu disse para eles em particular que havia dois inconvenientes, esse e a exigência do Tadeu que ele achava que ia ser muito mais bem votado que o César e dele ser o candidato majoritário, e eu disse eu não vou voltar naquele bairro, que nós já fomos...”*<sup>182</sup>

<sup>181</sup> Entrevista concedida por César Mattoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006.

<sup>182</sup> Entrevista Concedida por Marcus Pullig Ferreira Gomes a Cristiane Seabra em 20/01/2007.

Na visão de Pullig, a união de César com Tadeu iria de encontro à proposta basilar da campanha. Primeiro porque Tadeu já era político e, se a união tivesse ocorrido, teria sido necessário dar uma explicação aos eleitores que confiaram na proposta inicial; segundo, porque a nova proposta também atingiu a forma de se fazer campanha, porque os candidatos do PL haviam procurado conquistar o voto dos eleitores pela afeição, sem a necessidade do eleitor comprometer publicamente o voto vestindo camisa ou permitindo a colocação de placas de propaganda na residência. O articulador ainda enfatizou que a política que existia na cidade era de “*revezamento e não uma alternância de poder.*”<sup>183</sup>

Ao que nos pareceu, a união de César Furtado e Wallace Tadeu não ocorreu porque os dois queriam ao cargo de prefeito, e não vice. Ambos tiveram a consciência que a união poderia lhes garantir a vitória, mas nem isso foi capaz de seduzi-los e um deles ficar como vice-prefeito na chapa.

Marlos França analisou esta questão sob outro ângulo:

*“Não precisava nem Tadeu e César se unir, se o César estivesse num partido mais forte, na época o PTB, era um partido que tinha estrutura, ele tinha ganhado essas eleições, o problema dele, era que ele não era político, e não tinha um grupo político. A campanha do César surgiu de um grupo de amigos, e ele não tinha partido. Ele nos procurou queria o PTB, mas não queria ir para convenção, não queria nada, queria chegar: olha o César é o candidato, e pronto. Foi quando PL, o Jefferson Gitahy, que era o presidente do PL, ofereceu o PL para ele, foi quando ele disse se vocês não quiserem dar o PTB para mim eu vou para o PL, então falamos vai para o PL, porque partido tem que ter convenção. Ele não queria os convencionais, queria que os vereadores fossem dele, por isso que ele perdeu a eleição, tinha um partido sem estrutura.”*<sup>184</sup>

Na opinião de Marlos França os ingredientes fundamentais para a vitória nas urnas eram um partido forte e um grupo político. A análise de Marlos França tem coerência porque é preciso arrecadar votos e isso é facilitado ou quando se está em um partido forte com filiados e políticos que desfrutam de certa influência ou quando há um grupo político que, atuando como formadores de opinião, mostram o candidato para os eleitores. O depoimento de José Maria Vaz Caputi, médico e ex-vereador, corrobora a análise de Marlos França, porque José Maria havia sido filiado ao PL, tendo inclusive sido um dos seus fundadores, mas para disputar as eleições preferiu transferir-se para o PMDB, “*onde a*

---

<sup>183</sup> Ibidem

<sup>184</sup> Entrevista concedida por Marlos Elias de França a Cristiane Seabra em 23/10/2006.

*legenda era mais forte, porque estava arriscado eu ter um boa votação e não me eleger porque o partido não fazia legenda.”<sup>185</sup>*

Já a candidatura de Severino Dias ocorreu da seguinte forma, segundo relata Gley Geraldo Gonçalves, advogado e ex-vereador:

*“A idéia principal partiu do Jaime Soares, porque existia uma alternância na política aqui era o Dr. Narciso e o Pedro Ivo, então eles ficavam se alternando na política, aí o Jaime um dia me procurou e falou assim vamos tentar cortar isso em Vassouras. O Jaime era de Miguel Pereira e eu de Resende, nós caímos de pára-quebras aqui, aí eu falei vamos Jaime. Então vamos fundar o PFL, porque eu sou amigo do Medina, que era o presidente regional do partido e de família tradicional de Miguel Pereira e da política também. ...Fundamos o partido e começamos procurar uma pessoa que quisesse ser candidato para enfrentar o Pedro Ivo que ia ser candidato, porque todo mundo falava que o Pedro Ivo era imbatível, que ninguém batia, que tinha o Carlinhos Mexias que sempre apoiava, e Pedro Ivo não perde eleição. ‘Vocês vão fazer bobeira’. Então como Severino tinha aparecido em Vassouras para uma eleição de deputado há dois anos antes, se não me engano em 86 teve eleição para deputado, e Severino fez uma campanha muito grande aqui em Vassouras, para deputado federal, ele foi candidato a deputado federal e ele ficou conhecido aqui. Então o Jaime teve a idéia, puxa vamos chamar o Severino para ser candidato a prefeito, aí eu disse pelo amor de Deus, mais um estranho, não vamos chegar a lugar nenhum, mas ele insistiu, vamos tentar, aí nós começamos a organizar o partido, pegar aquelas pessoas que estavam descontentes com a política antiga, e começamos a insistir e o Severino não queria ser candidato, primeiro porque ele era do PMDB e nós éramos do PFL, ele disse que se fosse candidato ele seria pelo PMDB, então ele não queria em hipótese nenhuma ser candidato a prefeito, de jeito nenhum, aí começaram a empurrar ele para o lado do PMDB, mas quando chegou lá na hora, ele sentiu, que o PMDB parece que fez uma convenção lá na hora e colocou, que ia ser mesmo o candidato ia ser o Pedro Ivo”.<sup>186</sup>*

Em sua entrevista, Gley Gonçalves relata ainda que voltaram a insistir com Severino para que ele fosse candidato e o mesmo teria afirmado que já que ninguém queria ele aceitaria, verbalizando um palavrão logo após.<sup>187</sup>

Dentre os candidatos, vale citar o nome de Maximiano Fraga de Souza, mais conhecido como Xaninho, que tinha sido vereador por três mandatos e havia articulado com seu partido anterior, PMDB, a candidatura à vice-prefeito. Entretanto, o prefeito da época, Narciso, ao declarar apoio à candidatura de Pedro Ivo indicou o Sr. Fernando Carvalheira para figurar na candidatura do PMDB como vice-prefeito.

---

<sup>185</sup> Entrevista concedida por José Maria Vaz Capute a Cristiane Seabra em 23/10/2006.

<sup>186</sup> Entrevista concedida por Gley Geraldo Gonçalves a Cristiane Seabra em 07/11/2006

<sup>187</sup> Ibidem

Inconformado, o ex-vereador Xaninho retirou-se do partido e filiou-se ao PFL. Na entrevista concedida, Xaninho informou que a eleição estava garantida para Pedro Ivo, porém a escolha de Fernando Carvalheira como vice causou um descontentamento em alguns militantes do partido. A justificativa para escolha de Fernando Carvalheira pautou-se na sua experiência política e na sua influência pessoal, bem como de sua família.<sup>188</sup>

Com a ruptura, Xaninho iniciou um trabalho em prol da campanha de Severino, encampando-a, visitando os distritos das zonas rurais de Vassouras. Por iniciativa do ex-vereador foi instalada no distrito de Ipiranga uma seção eleitoral, após ter sido detectado pelo mesmo que muitos eleitores daquela região votavam em Barra do Pirai por ausência da seção no distrito e da maior proximidade da localidade com o município citado.

O jornal Tribuna do Interior, edição de 20 de julho de 1988, destacou que “*PFL faz convenção com festa*”. A reunião promovida pelo partido transformou “*a sua convenção em uma verdadeira festa, mais do que democrática*”.<sup>189</sup> O jornal chegou a fazer uma comparação, guardadas as devidas proporções, com a convenção norte-americana do Partido Democrata, porque houve uma expressiva participação da população, além de carrocinhas de pipoca, banda de música, fogos de artifício e outras atrações.

A convenção definiu os nomes de Severino Dias e Sylvio Leal para concorrer aos cargos de prefeito e vice-prefeito, além dos nomes dos candidatos a vereador. O depoimento de Gley Gonçalves informa como foi feita a coordenação da candidatura e da campanha do PFL:

*“...tinha que ter uma articulação muito grande para formar uma nominata que desse uma sustentação ao candidato a prefeito, para ele conseguir se expandir candidato..... O candidato a prefeito tem que ter esse cuidado, tem que atingir a todo o município para poder fazer a campanha. Era muito difícil na época, mas nós conseguimos fazer isso. Nós conseguimos formar um grupo e o Severino tinha uma facilidade muito grande de convencimento. Ele trabalhava no Rio de segunda a sexta... e nós ficávamos aqui articulando a campanha dele, foi quase a campanha toda assim, ele nem vinha durante a semana. Nós ficávamos coordenando toda a campanha, fazendo todo trabalho que tinha que ser feito e ele só chegava no final de semana e saía igual a um desesperado...”*<sup>190</sup>

---

<sup>188</sup> Entrevista concedida por Maximiano Fraga de Souza a Cristiane Seabra em 15/10/2006.

<sup>189</sup> Jornal Tribuna do Interior, edição de 20/07/1988

<sup>190</sup> Entrevista concedida por Gley Geraldo Gonçalves a Cristiane Seabra em 07/11/2006.



Wallace Tadeu que à época também disputava o cargo de prefeito, analisou a questão da seguinte forma:

*“Não houve articulação para colocá-lo como candidato a Prefeito, a articulação foi na cabeça dele, vaidade dele, nasceu pobre, passou fome, esteve doente em uma favela no Rio, segundo o que ele fala, conseguiu sobreviver diante de todas essas dificuldades, foi um grande maitre,... cozinheiro na Manchete... e veio para Vassouras...”<sup>191</sup>*

A vice-candidatura do PFL ostentava o nome de Sylvio da Cruz Leal, advogado conhecido, de família tradicional da cidade, e ao ser perguntado sobre como foi construída esta aliança, respondeu que:

*“...Tanto ele (Severino) como o Jaime me propuseram a ser candidato a Prefeito pelo PFL . O Severino não estava propenso a aceitar não. Ele até dizia que gostaria que eu fosse o candidato... mas eu não me senti em condições de ser o candidato a prefeito pela experiência que tive anterior, que só tive prejuízo, e aí já estou com a minha vida mais ou menos organizada em termos de DNER, eu não queria correr nenhum risco, porque tudo era muito difícil, eu não tinha condições de suportar uma campanha financeiramente, poucos tinham na época. ... Eu estava praticamente sem partido e não querendo participar muito, eles me chamaram, eu não tinha muito ambiente no outro lado, o PFL reuniu a sobra, o que não foi conquistado pelos outros partidos que estavam mais em evidência, foi o que formou o PFL... Eu estava aí ao léu e me convidou e aproveitou Severino que depois ficou inflamado e gostou da idéia. Ele era uma pessoa, embora muito simplória, mas inteligente”.<sup>192</sup>*

Gley, na posição de coordenador da campanha do PFL, nos relatou como chegaram ao vice:

*“Colocamos um vice que atingia uma certa camada, foi proposital, um grupo de eleitores que jamais votariam nele, mas que votariam porque ele era o vice.(... Muita gente se aliou ao Severino em virtude do Sylvio Leal.(...) A camada dele era a camada que elegeu o Lula agora, a camada mais pobre, os mais necessitados, então essa camada que era o eleitorado do Severino. O que as pessoas não entendiam, ele implementou uma política de distrito, que no entanto ele ganhou a eleição praticamente nos distritos, a eleição dele foi toda essa, enquanto todo mundo batia aqui na cidade, a gente fazia o trabalho periférico, a gente fazia todo esse trabalho.”<sup>193</sup>*

Gley explicou que a camada da sociedade que Sylvio Leal penetrava era diferente da camada explorada por Severino, mas ambas se completavam até por serem opostas. Na visão do coordenador, Sylvio Leal na posição de vice conseguiria votos de um grupo que

---

<sup>191</sup> Entrevista concedida por Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal a Cristiane Seabra em 16/10/2006

<sup>192</sup> Entrevista concedida por Sylvio da Cruz Leal a Cristiane Seabra em 17/10/2006

<sup>193</sup> Entrevista concedida por Gley Geraldo Gonçalves a Cristiane Seabra em 07/11/2006.

não o tinha como favorito para disputar um cargo como candidato, entretanto, lhe rendiam créditos na vice-candidatura.

Uma curiosidade que nos foi relatada por Raul Ávila é que Severino o procurou para compor a sua chapa como vice, antes de chegarem ao nome de Sylvio Leal. Raul não aceitou alegando questões financeiras para fazer uma campanha, mas inscreveu-se como candidato a vereador no intuito de ajudar o partido.<sup>194</sup>

Segundo Ângela, viúva de Severino, a campanha foi custeada por alguns amigos particulares e não apenas o partido, senão vejamos:

*“A campanha foi investida por ele e por alguns amigos particulares, não foi o partido, o partido deu apenas o essencial que dava normalmente. Ele tinha muitos amigos que eram empresários que tinham gráficas, fabricas de camisas, alimentos, e como ele era diretor do restaurante da Manchete tinha facilidade de ganhar as coisas e como a Manchete era um grande consumidor, e ele ajudava muito as empresas, nada mais e justo que na época da campanha a pessoa retribuir. Uns davam um caminhão de uma coisa, outros davam carne (...) Na Manchete tinham filas para falar com ele, tinha mais de cem pessoas que ele pagava faculdades, creches, a vida dele sempre foi para ajudar as pessoas.”<sup>195</sup>*

Não podemos confirmar se a origem do dinheiro da campanha foi essa mesma, até porque o representante do PFL não se manifestou a esse respeito, restringindo-se apenas a dizer que Severino era uma pessoa dada a ajudar as pessoas, independente de voto ou não, ajudava constantemente as pessoas, mesmo antes da campanha, durante, e continuou depois de eleito, e quando terminou o mandato. Definiu como sendo o jeito dele.

Os articuladores das eleições de 1988 não foram cuidadosos no que diz respeito ao elemento surpresa. Severino era o elemento surpresa, porque nunca havia disputado eleições em Vassouras. Com exceção de Severino, todos os outros candidatos eram pessoas conhecidas em Vassouras.

Apesar de não ser a opinião de todos os entrevistados, o candidato Pedro Ivo contava com um certo favoritismo, primeiro pela postura política que construiu e mantinha

---

<sup>194</sup> Entrevista concedida por Raul de Ávila Martins a Cristiane Seabra em 11/11/2006. Raul é vassourense, aposentado da Petrobrás, amigo pessoal de Severino, não tinha envolvimento com a política.. Em 1988 foi pela primeira e única vez candidato a vereador e depois no governo de Severino atuou como Secretário de Administração por alguns meses.

<sup>195</sup> Entrevista concedida por Ângela Nogueira de Paula Dias a Cristiane Seabra em 22/10/2006.

e segundo porque tinha a máquina administrativa da época a seu lado, fornecendo-lhe apoio.

*“O Pedro Ivo era o favorito”.*<sup>196</sup>

*“Eu também achava o Pedro Ivo favorito. Eu achava que quem podia ganhar era o César, eu achava que o Pedro Ivo disputava com o César, como a margem dos votos é pequena 200 votos, 300 votos realmente é difícil você acertar é preciso que as urnas se abram pra você saber”.*<sup>197</sup>

*“...foi uma vitória muito apertada, difícil, porque eu considerava na época o Pedro Ivo o grande favorito...”.*<sup>198</sup>

*“Nós não considerávamos ninguém favorito, até o favorito era o próprio Severino porque ele estava muito famoso na cidade e gastando muito dinheiro, mas é muito dinheiro e o Pedro Ivo por já ter o nome dele.”*<sup>199</sup>

*“Foi uma eleição com votos bem divididos. Durante a campanha não dava para perceber quem era o favorito”.*<sup>200</sup>

Na análise de Wallace Tadeu houve falha na articulação.

*“Pedro Ivo não subestimou Severino, até porque nas vésperas em que eu ia ser lançado a candidato a Prefeito, ele me procurou na minha casa e pediu para renunciar a minha candidatura e me ofereceu uma secretaria, mas não aceitei porque não tinha cara para chegar na convenção e dizer que não ia mais ser candidato... A articulação das eleições de 1988 não foi feita corretamente, até porque o Pedro Ivo me procurou nas vésperas de uma convenção para pedir apoio, eu disse que não aceitava, se tivesse ocorrido pelo menos há uns seis meses, poderia ter aceito... Talvez lá atrás, ele subestimava, quando chegou na época que começou a pré-campanha e as convenções, começaram a bater, ele viu que Severino estava forte, até porque de repente perdeu o Xaninho”.*<sup>201</sup>

É bem provável que de fato tenham ocorrido falhas no processo de articulação política. Isso porque se houvesse a união dos três candidatos (Pedro Ivo, César e Tadeu) ou pelo menos de dois deles, Severino enfrentaria maior dificuldade em ganhar a eleição, até porque a porcentagem de votos ficou dividida entre os candidatos.

César Furtado comentando a postura de Pedro Ivo afirma:

*“...ele não menosprezou a Severino. Eu fui procurado pelo Pedro Ivo para desistir da candidatura, não foi para coligar com ele, eu e Werneck fomos procurados para desistir da*

<sup>196</sup> Ibidem

<sup>197</sup> Entrevista concedida por Pedro Paulo Andrade dos Santos a Cristiane Seabra em 17/10/2006

<sup>198</sup> Entrevista concedida por Ângela Nogueira de Paula Dias a Cristiane Seabra em 22/10/2006

<sup>199</sup> Entrevista concedida por César Mattoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006

<sup>200</sup> Entrevista concedida por Maximiano Fraga de Souza em 15/10/2006

<sup>201</sup> Entrevista concedida por Wallace Tadeu de Vasconcelos Leal a Cristiane Seabra em 16/10/2006

*candidatura, ele falou assim: olha César você vai dar a eleição para Severino, isso ele falou para mim e eu queria que você retirasse sua candidatura, que aí eu vou ser o prefeito, eu vou ganhar se você sair, porque os nosso votos batiam, a nossa classe aonde a gente penetrava batia”.*<sup>202</sup>

O vereador Pedro Paulo Andrade, na época candidato pelo mesmo partido do Pedro Ivo, PMDB, afirmou que Pedro Ivo preocupou-se com os candidatos adversários, principalmente com o César, que era uma novidade, com relação a Severino a preocupação era menor.

*“Nessas eleições eu apoiei o Pedro Ivo”. “Eu acho que houve sim, uma preocupação, com os candidatos adversários da cidade, principalmente com o César, que era uma novidade, que tinha o vice que era um médico, o César um comerciante bem sucedido, ao lado de um médico muito querido na Cidade, que era o Werneck, inclusive meu amigo particular. Então havia uma preocupação por parte de Pedro Ivo dessa renovação, que eram dois na época dois jovens um comerciante bem sucedido e um médico muito querido, havia uma preocupação. Mas com relação a Severino, não, acho que havia menos. Apesar de eu achar que o fiel da balança aí foi o Tadeu., porque os votos do Tadeu, se o Tadeu deixasse de ser candidato, e houve algumas conversas(...) do Pedro Ivo com o Tadeu, para que ele desistisse da campanha e apoiasse o Pedro Ivo. Tadeu sabia que não tinha chance de ganhar, mas não abriu mão da candidatura, eu achava como a diferença foi tão pequena, me parece de 84 a 85 votos, e eu acho que Pedro Ivo tinha razão com relação a desistência do Tadeu, a diferença era mínima.. Esses votos poderiam ir com certeza para o Pedro Ivo ou para o César, então a preocupação era com o César. O Severino surpreendeu, na minha opinião Severino surpreendeu, foi a grande renovação.”.*<sup>203</sup>

Na análise de Pedro Paulo foi enfatizado também que se Tadeu desistisse da candidatura e se unisse a Pedro Ivo, a vitória deste estaria garantida e ainda que Severino representou uma renovação.

Na opinião de Deoswaldo, que foi coordenador da campanha de Pedro Ivo, a escolha do vice e o apoio da máquina administrativa de Narciso não surtiram o efeito esperado, pelo contrário, acabou prejudicando candidato do PMDB.

*“O Fernando Carvalheira era o chefe de gabinete do Narciso. Para o apoio do Narciso ao Pedro Ivo, ele exigiu que o Fernando Carvalheira fosse o vice do Pedro Ivo. Ele apoiou o Pedro Ivo sem apoio nenhum, porque não ajudou em nada na campanha, só atrapalhou, que foi botar o Fernando Carvalheira. Foi um dos motivos que o Pedro Ivo perdeu a eleição. Se estivesse com o Xaninho eu acho que não perderia a eleição. Porque o Xaninho levou na época o José Carlos que depois foi vice prefeito, que foi eleito vereador...”*<sup>204</sup>

---

<sup>202</sup> Entrevista concedida por César Mattoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006

<sup>203</sup> Entrevista concedida por Pedro Paulo Andrade dos Santos a Cristiane Seabra em 17/10/2006.

<sup>204</sup> Entrevista concedida por Deoswaldo de Oliveira Ramos a Cristiane Seabra em 30/10/2006.

Xaninho expressou a mesma opinião: “*A troca do vice foi a sentença de morte, porque houve também que vários peemedebistas não aceitaram. Terminada a apuração no dia seguinte o Pedro veio aqui em casa e disse: perdi a eleição na hora em que te tirei e aceitei o Fernando*”.<sup>205</sup>

O próprio Pedro Ivo analisando a articulação afirmou que:

*“ se eu concorresse sozinho com ele eu ganhava a eleição, mas aí entrou o César e o Tadeu que eu chamei para ser candidato junto comigo, (...) mas me atrapalhou também porque me tirou fatia de votos aqui na cidade (...) resultado Severino que chegou de fora e que gastou um dinheirinho e ganhou eleição, por 85 votos.”*<sup>206</sup>

Estes depoimentos sinalizam que se a articulação tivesse sido feita de outra forma, talvez não se deixasse brecha para Severino no quadro político vassourense.

Além da articulação, alguns entrevistados entendem que houve uma subestimação do potencial de Severino, principalmente porque o ex-maitre de Adolpho Bloch não era da cidade de Vassouras. Vejamos:

*“Eu acredito que sim, que tenham subestimado, porque eu mesmo não acreditava, eu achava que o César podia ganhar com o Werneck e o próprio Pedro Ivo poderia ganhar a eleição”.*<sup>207</sup>

*“Eles subestimaram Severino totalmente, não achavam que ele causava perigo, o único que viu perigo no Severino foi Dr. Narciso.”*<sup>208</sup>

*“Talvez tenham tido um descuido, deixado ele até um pouco mais a vontade, tanto que ele até ganhou a eleição...Por ele não ser de Vassouras, eles descuidaram dele”.*<sup>209</sup>

*“...o pessoal não acreditava que Severino ganhasse a eleição, foi um grande choque...”*<sup>210</sup>

*“Pedro Ivo subestimou muito Severino.”*<sup>211</sup>

Por outro lado, o entrevistado Deoswaldo entende que os outros candidatos consideravam Severino na disputa, tanto que o Jornal Tribuna do Interior divulgava de

---

<sup>205</sup> Entrevista concedida por Maximiano Fraga de Souza a Cristiane Seabra em 15/10/2006.

<sup>206</sup> Entrevista concedida por Pedro Ivo da Costa a Cristiane Seabra em 27/10/2006.

<sup>207</sup> Entrevista concedida por José Maria Vaz Caputi a Cristiane Seabra em 23/10/2006.

<sup>208</sup> Entrevista concedida por Fernando Antonio do Amaral a Cristiane Seabra em 22/10/2006

<sup>209</sup> Entrevista concedida por Ângela Nogueira de Paula Dias a Cristiane Seabra em 22/10/2006

<sup>210</sup> Entrevista concedida por Paulo Roberto Arbex a Cristiane Seabra em 16/10/2006. Paulo Roberto, mais conhecido como Pupu, é natural de Vassouras, comerciante e já se candidatou a vereador.

<sup>211</sup> Entrevista concedida por Maximiano Fraga de Souza a Cristiane Seabra em 15/10/2006

maneira errada as pesquisas da campanha, noticiando que o primeiro colocado era Pedro Ivo e o segundo era o César, quando deveria ser Severino.

*“O candidato forte do Pedro Ivo era o Severino, mas o Marlos não podia botar no jornal que o candidato forte da coisa era o Severino, senão ia crescer mais ainda o Severino. Ele botava o terceiro colocado, para crescer o terceiro e não o segundo. Então você não fala que fulano está na frente. (...) Em momento nenhum o Severino foi subestimado não, a gente sabia que ele era um forte candidato. mas nós achávamos que nós ganhávamos a eleição, houve uma virada de última hora, mas quem era o segundo colocado era o Severino e não o César, mas o jornal tinha que falar isso aí, porque se fala que tava pau a pau um e outro, não era negócio. (...) A gente sabia que era pau a pau, nós sabíamos que nós estávamos mal nos distritos e ele estava bem nos distritos.”<sup>212</sup>*

Analisando o jornal Tribuna do Interior depreende-se que prevalecia uma tendência favorável ao governo de Narciso. O jornal era subvencionado pelo governo municipal e é bem provável que seu proprietário, Marlos França, tivesse interesses políticos já que era filado ao PTB. O próprio Marlos França afirmou em seu depoimento que *“minha filha hoje faz jornalismo e diz que não existe jornal imparcial.”*<sup>213</sup> Vale destacar que o jornal também publicava uma matéria que retratava o crescimento de Severino, assinada por Djalma Bernardes, que posteriormente assumiu o cargo de chefe de gabinete do governo Severino.

A vitória de Severino representou uma mudança no quadro político de Vassouras que havia se mantido por mais de 20 anos. A forma como Severino alcançou a vitória é interpretada de diversas formas há quem acredite que foi pelo carisma e simplicidade de Severino no tratamento com a massa, que antes era colocada em segundo plano no que se refere à campanha eleitoral. Os políticos não tinham por hábito fazer muitos comícios e também não exploravam cada casa dos distritos, da zona rural do município, estratégia amplamente utilizada por Severino. Muitos entrevistados confirmaram que, de forma muito natural, Severino chegava nas casas e de repente se dirigia até a cozinha, perguntava o que tinha para comer, abria as panelas, dava palpites. Talvez isso ocorresse em razão de sua profissão, mas ninguém falou que era feito como forma de promoção pessoal, era uma maneira natural de agir.

Havia também uma tendência de montar a chapa com o candidato a prefeito do centro da cidade e o vice e alguns candidatos a vereador dos distritos. Severino não se

---

<sup>212</sup> Entrevista concedida por Deoswaldo de Oliveira Ramos a Cristiane Seabra em 30/10/2006.

<sup>213</sup> Entrevista concedida por Marlos Elias de França a Cristiane Seabra em 23/10/2006.

utilizou dessa regra, até porque não se enquadrava, mas como morava no centro, não se utilizou da tendência em chamar alguém do distrito. Entretanto, por intermédio de Xaninho, que foi um de seus principais articuladores, foram descobertos três novos candidatos a vereador na zona rural que foram eleitos: José Carlos Mendes, Josias Ferreira e Jorge Iberê.

A capacidade financeira que Severino demonstrou ao longo da campanha também foi relacionada por entrevistados como um elemento responsável pela sua vitória nas urnas. Afirmam isso porque consideram que houve compra de votos através de agrados aos eleitores. Eram distribuídos materiais de construção, cestas básicas, dentaduras, entre outros. Há quem afirme que essa forma de campanha já era utilizada, porém não com tanta abertura, havia discrição.

Como explicita Deoswaldo:

*“Ele (Severino) implementou uma forma nova de fazer política em Vassouras, até financeira. Na época não se dava tanto igual Severino deu, o Severino comprou muito voto, trouxe muita gente de fora, da baixada, ...transferência de título. Antes disso podia até existir, mas muito pouquinho ...Antes comprava voto pagando com favores, com emprego, antigamente com Narciso, Carlinhos Mexias e Pedro Ivo. Tem muita gente hoje que trabalha no Estado, federal, tudo foi político. Antes era feita com favores, empregos, com essas coisas todas, agora com o Severino foi com o dinheiro mesmo. Severino encareceu a campanha. Precisava de dinheiro, porque você precisava comprar um remédio, mas tinha esse negócio de pagar conta de luz,... mas existiam os favores, por exemplo, meu pai trabalhava no DNER, foi um político que arrumou, então aquela família ficava grata àqueles três pro resto da vida...E não chamava a atenção...o Severino onerou a eleição.”<sup>214</sup>*

A problemática do clientelismo já foi explorada por muitos estudiosos, dentre eles José Murilo de Carvalho, que em artigo recente destacou as diferenças entre coronelismo, mandonismo e clientelismo. Conforme sublinha esse autor, o conceito de clientelismo é permeado por grandes divergências e que está presente em toda a história política do país. De acordo com Carvalho, *“clientelismo seria um atributo variável de grandes sistemas políticos”*.<sup>215</sup> Esse fenômeno *“de modo geral indica um tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos, na forma de empregos, vantagens fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto”*<sup>216</sup>.

---

<sup>214</sup> Entrevista concedida por Deoswaldo de Oliveira Ramos a Cristiane Seabra em 30/10/2006.

<sup>215</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados. Escritos de História e Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

<sup>216</sup> *Ibidem*

Do ponto de vista teórico, é comum se observar imprecisões no uso desses conceitos (mandonismo, coronelismo e clientelismo) e de conceitos universais como patrimonialismo, todos intimamente ligados aos estudos de poder local e suas relações com o Estado.

Conforme o autor destaca, o coronelismo surgiu na Primeira República e subsistiu até a implantação do Estado Novo (1937), configurando-se como um sistema político “baseado em barganhas entre o governo e os coronéis”<sup>217</sup>, com atuação na política local e estadual. O sistema coronelista se consolidou com a política implantada por Campos Sales, em 1898.

A obra clássica de Victor Nunes Leal, *Coronelismo, enxada e voto*, foi responsável pela introdução e difusão desse conceito, que seguindo o autor, surgiu em razão de dois fatores: a implantação do federalismo e a decadência dos fazendeiros. De acordo com Leal, o coronelismo implicava em uma cadeia que incluía uma troca mútua de favores, o Estado concedia aos coronéis o controle do poder local, na forma de distribuição de cargos públicos, dos mais altos ao mais baixo. Por sua vez, os coronéis retribuía a confiança depositada com votos. Por último, o governador oferecia apoio ao Presidente da República mostrando-lhe a força obtida no território estadual.<sup>218</sup>

Já mandonismo “refere-se à existência local de estruturas oligárquicas e personalizadas de poder. (...) O mandonismo não é um sistema, é uma característica da política tradicional.”<sup>219</sup> Surgiu no início da colonização, sendo representado pelo mandão, pelo potentado, que exerce um domínio arbitrário sobre a população, impedindo-a de ter livre acesso aos direitos de cidadania. Este tipo de manifestação de poder ainda subsiste em regiões isoladas, porém tende a desaparecer à medida que os cidadãos alcançam a plenitude de seus direitos civis e políticos. Mandonismo, assim, não se confunde com coronelismo.

Segundo Carvalho, o clientelismo assemelha-se com o mandonismo, entretanto, deve-se considerar uma bilateralidade naquele. Ambos diferem no que tange à mobilidade das relações pessoais. Ao contrário do mandonismo, o clientelismo permite a troca de

---

<sup>217</sup> Ibidem

<sup>218</sup> LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. Rio de Janeiro: Forense, 1948.

<sup>219</sup> CARVALHO, 1999, op cit



parceiros, o que lhe garante uma maior sobrevivência ao longo da história, podendo aumentar ou diminuir. Há autores que defendem a existência do coronelismo no meio urbano, porém nada mais é que uma relação clientelista.<sup>220</sup>

Os conceitos remetem a teorias. Na visão de Simon Schwartzman, no caso brasileiro, dadas as peculiaridades de cada região, o ideal é não fazer a opção por utilizar apenas um dos dois modelos recorrentes na análise do papel do Estado e a natureza dos conflitos políticos: o da representação de interesses ou do patrimonialismo. De acordo com esse autor, dependendo da região, prevalece ou um estilo patrimonial-cooptativo ou um estilo feudal-representativo. O contraste entre os dois estilos seria, assim, uma das principais chaves para entender o enigma brasileiro. Como conclui José Murilo de Carvalho:

*“da postulação do patrimonialismo deriva um estilo político baseado na cooptação, no clientelismo, no populismo, no corporativismo de Estado. Ao reverso, da postulação do feudalismo, da independência do senhorio rural em relação ao Estado, deriva um estilo político baseado na representação de interesses, nos partidos, na ideologia.”*<sup>221</sup>

Outros estudos que analisam o clientelismo político, classificam o Estado como sendo a parte mais poderosa, porque detém os benefícios públicos distribuindo-os em troca de votos. É possível identificar uma máquina política influenciando no acesso aos órgãos públicos. James Wilson “define máquina política como a organização partidária que se baseia no poder de atração das recompensas materiais.”<sup>222</sup>

É o poder do Estado que, mitigando a representação de interesses, o liberalismo político, se introduz na sociedade por meio do patrimonialismo, do clientelismo, expandindo-se lentamente e gerando uma dominação.

Carvalho cita o exemplo de uma cidade que era dominada por duas famílias na década de 60, “cujo poder se baseava simplesmente na capacidade de barganhar empregos e benefícios públicos em troca de votos.”<sup>223</sup> Havia uma certeza precisa na previsão do

---

<sup>220</sup> Ibidem

<sup>221</sup> Ibidem

<sup>222</sup> WILSON, James Q. *Political Organizations*, New York, Basic Books, 1973, p. 97. In: DINIZ, Eli. *Voto e máquina política. Patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>223</sup> CARVALHO, 1999, op cit.

resultado, era como se os votos tivessem dono. E realmente tinham, eram de uma das duas famílias. Semelhante ao que se afigurou em Vassouras, por muitos anos, em que os cargos políticos da cidade eram ocupados por um pequeno grupo, como já falado anteriormente.

Consideramos que houve uma soma de fatores que contribuíram para a vitória de Severino. Até então, a política em Vassouras funcionava com previsões. Era previsto que um dos candidatos tradicionais, que se revezavam, ganhasse, porque cada um deles conseguia abarcar um bom número de eleitores. No período que antecedeu às eleições de 1988, os partidos deveriam ter ficado mais atentos à possível transferência fraudulenta dos títulos de eleitor e impugnar formalmente na Justiça Eleitoral. As candidaturas foram lançadas de forma independente, sem considerar que havia um “estranho” que estava disputando as eleições e que não era sabido a forma dele fazer política. O que leva a acreditar que não houve preocupação com a candidatura de Severino, tendo sido a mesma subestimada.

A campanha eleitoral de Severino foi contundente. Há uma série de especulações a respeito da influência da capacidade financeira, mas ainda é preciso uma maior investigação sobre esse aspecto. Alguns entrevistados, como Nair Moraes Jordão, Nilo Ricardo Carvalheira e Carlos Roberto da Silva Ganhadeiro, destacaram que Severino tinha um perfil assistencialista por natureza, independente da política, uma forma sedutora de conversar, de ouvir, de estar próximo da grande massa.

*“Severino ele não teria como fazer de outra forma, devido ao curto espaço de tempo que ele tinha para ganhar a eleição, ele fez uma política assistencialista, ele começou a dar coisas para as pessoas, eu não convivi com o Severino, as informações que me chegaram é que o Severino tinha um coração muito bom, era independente da pessoa votar nele ou não. Não tinha a compra de votos, eu não acredito nisso, eu tenho informação de políticos que hoje ainda estão na política da cidade que há anos atrás já compravam votos, davam alguma coisa...em troca do voto. Prefiro não falar o nome do político. Ele trouxe o assistencialismo aberto, independente da pessoa votar nele ou não. Antes as pessoas compravam, mas era a elite, ninguém pode falar, a elite é imaculada.”<sup>224</sup>*

Marcus Otávio Bezerra, em seu livro *Em nome das “bases”*, faz um estudo sobre o clientelismo dos parlamentares, exaltando a relação destes com seu eleitorado. Segundo

---

<sup>224</sup> Entrevista concedida por Carlos Roberto da Silva Ganhadeiro a Cristiane Seabra em 28/10/2006. Carlos Roberto, apesar de não ter nascido em Vassouras considera-se vassourense, graduado em Tecnologia da Informação, já trabalhou como coordenador de campanha política, articulador, foi presidente de partido político e atuou como Chefe de Gabinete no governo de Altair.

Bezerra, os parlamentares desviam o foco central de seu mandato e se dedicam ao atendimento de pedidos particularistas, entretanto não confirmam esse desvio e sustentam que tais atitudes se justificam em nome de suas bases eleitorais. O autor mostra que há uma interpretação diferenciada do que realmente significa base eleitoral.<sup>225</sup>

Outros entrevistados dizem que o clientelismo, seja de que maneira se opere, é prática antiga na cidade.

*“Porque se praticava uma política de favor, as pessoas eram eternamente agradecidas ao seu Carlinhos, porque o seu Carlinhos era um homem bom, já existia a política de favor, o seu Carlinhos era um homem bom, um individuo precisava lá na terra dele, lá no plantio dele, que a máquina fosse lá tirar um barranco ele mandava, então já existia isso eu devo voto ao seu Carlinhos por causa disso, eu devo votos ao Narciso por causa disso, eu devo voto ao Pedro Ivo por causa disso, é uma coisa, sempre existiu essa troca de favores entre o poder publico e a pessoa fisica, ou moradora, então isso é uma coisa cultural no nosso país.”<sup>226</sup>*

Segundo José Murilo de Carvalho, o clientelismo “se dá entre o governo, ou políticos, e setores pobres da população.”<sup>227</sup> Eli Diniz, outra autora que abordou esse tema ao tratar da máquina chaguista afirma que:

*“ao encaminhar uma demanda, o ator individual não o faz enquanto cidadão exercendo o direito de exigir providências dos poderes públicos. O que o motiva é a expectativa de obter um favor. É, portanto, o princípio da dádiva que opera, gerando uma dívida permanente, paga apenas parcialmente sob a forma de votos e de maneira mais perene sob a forma de lealdade e confiança pessoal. As normas de reciprocidade e lealdade assumem, pois, o primeiro plano.”<sup>228</sup>*

César comenta como se manifestava esse fenômeno em Vassouras:

*“E nós não fizemos dar dinheiro, pagar num bar bebida para um, dar saco de cimento, dar tijolo, dar caminhão areia, que era praxe da campanha de Vassouras anterior, nós não fizemos isso não, nós fizemos uma programação coletiva e todos que se interessavam participavam. Essa pratica é antiga aqui, do saco de cimento, do tijolo, da areia é comum aqui, isso veio desde a época do Prefeito José Vaz, com Carlinhos Mexias.”<sup>229</sup>*

Não foi possível obter o resultado por seção eleitoral das eleições municipais de 1988 na Justiça Eleitoral porque, por serem resultados parciais, foram incinerados, mas

---

<sup>225</sup> BEZERRA, Marcus Otávio. *Em nome das “bases”: política, favor e dependência pessoal. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.*

<sup>226</sup> Entrevista concedida por Américo da Silva Carvalho a Cristiane Seabra em 09/11/2006.

<sup>227</sup> CARVALHO, op cit

<sup>228</sup> DINIZ, op. cit

<sup>229</sup> Entrevista concedida por César Mattoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006

analisando o todo pesquisado entendemos que o voto do distrito é fundamental para a decisão de uma eleição, porque na região central da cidade os eleitores funcionam mais como formadores de opinião e se há equilíbrio entre os candidatos a questão passa a ser resolvida com os votos dos distritos. O morador do distrito enfrenta algumas adversidades no cotidiano, tem pouco acesso à saúde, saneamento básico, educação, transporte, entre outros. Ele acaba projetando a satisfação de suas necessidades para aquele que transmite a confiança que, após as eleições, não lhe dará as costas.

A cidade de Vassouras é composta de zona urbana e zona rural. A zona urbana representa o 1º distrito. A zona rural é composta de alguns distritos que, por sua vez, abrigam outras localidades. Dentre as localidades e distritos mais importantes, podemos citar Massambará, Andrade Pinto, Andrade Costa, Ipiranga, Itakamosi, Demétrio Ribeiro, Ferreiros, Pirauí, Sebastião de Lacerda, Aliança e Cananéia.

Havia um equilíbrio entre os candidatos nas eleições de 1988, o resultado da apuração (página 31 do capítulo I) demonstra que Pedro Ivo, César Furtado e Wallace Tadeu dividiram um grande número de votos, que, somados, representaram quase 70% dos votos nominais.

*“As eleições de 1988 foi mais uma quebra desse tradicionalismo.... Essa foi a grande eleição que mudou a cidade. A de 1992, ...mostrou a força do prefeito, o prefeito era muito popular, o Severino era muito popular, muito querido, principalmente pelo povo, pela população, pelo povo mais simples e ele conseguiu transferir esses votos, conseguiu fazer do Renato um vitorioso.”<sup>230</sup>*

Como já dito anteriormente, o mandato de Severino foi marcado pela popularidade. Em razão de suas características assistencialistas, Severino atendia às pessoas de maneira integral, fosse seu eleitor ou não, em razão de seu modo de pautar sua vida, independentemente da política, conforme relatam alguns entrevistados.

Antes do término do mandato de Severino iniciou-se em Vassouras um movimento velado que visava impedir a vitória do candidato que Severino apoiasse. Foram realizadas reuniões na casa de Marcus Pullig, que organizou o movimento:

---

<sup>230</sup> Entrevista concedida por Pedro Paulo Andrade a Cristiane Seabra em 17/10/2006

*“Ele então começou a organizar na casa dele uma resistência contra o Severino, e o governo já estava sendo considerado de ruim para péssimo, então na casa do Marcus, ele armou, ele convidou todos os políticos de Vassouras para se unirem e montar um grupo e uma candidatura contra o Severino, no princípio foi difícil, mas ele conseguiu levar Dr. Narciso, Pedro Ivo, Xaninho, Sylvio Leal, eu, e outras pessoas.”<sup>231</sup>*

O objetivo das reuniões era formar um grupo de pessoas e este grupo indicaria um candidato a prefeito, a vice-prefeito e um a deputado estadual.

*“E esta reunião cresceu, passou a ter uma importância, foi muita gente, foram todos, em todas as reuniões, tivemos uma meia dúzia de reuniões, uma por mês, até que foi indicado Pedro Ivo deputado, Dr. Narciso foi o único que não abriu mão de não ser candidato a prefeito, ele já foi dizendo que eu sou candidato a prefeito, o pessoal concordou com o Dr. Narciso, indicou Pedro Ivo para Deputado e não sei quem era indicado para vice do Dr. Narciso. E essa chapa rolou lá um mês ou dois tentando chegar as vias de fato, o que não aconteceu porque o Pedro Ivo aceitou montar esse grupo e depois ele escorregou e não quis ser mais candidato a deputado. Dr. Narciso se manteve como candidato a prefeito e o candidato a vice não foi aceito e na última hora eu fui empurrado para ser o candidato a vice do Dr. Narciso. Eu digo empurrado porque quando eu sai da campanha de 88 eu me afastei.”<sup>232</sup>*

Marcus Pullig, nascido em Miguel Pereira, ex-guerrilheiro, veio para Vassouras para trabalhar na antiga Xapel, uma das empresas de César Mattoso, acabou se envolvendo na política de Vassouras, como articulador político, em três momentos, quais sejam, as eleições de 88, 92 e 96, nos relatou como surgiram essas reuniões:

*“Terminada a eleição(...) eu, reunido no Hotel Santa Amália com o Werneck e o César, nós tivemos uma idéia, não me lembro de quem partiu, mas foi do grupo. Nós precisamos formar um grupo em Vassouras.(...)A idéia era fazer reuniões no local neutro e que todos os partidos de Vassouras participassem sem exceção, fossem eles do agrado de A, B, C, D, qualquer um. Começamos a nos articular, (...) já que Vassouras possuiu três deputados estaduais, num mandato só. (...) Oportunidade possível para elegermos de novo um deputado, porque nós apoiávamos sempre alguém de fora, um apoiava um, outro apoiava outro.(...) Eu convidei(...) todos os partidos.(...) eu convidei as lideranças,(...) e os presidentes de partidos.”<sup>233</sup>*

Segundo o articulador, todos as lideranças políticas e todos os presidentes de partidos políticos da cidade foram convidados. *“E para minha surpresa e até agradável surpresa ninguém faltou, todo mundo foi. Eu falei, não sei se por prestígio ou por medo que alguém falasse alguma coisa que o outro não ia saber, acho que todos vieram, mas a*

<sup>231</sup> Entrevista concedida por César Mattoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006

<sup>232</sup> Ibidem

<sup>233</sup> Entrevista concedida por Marcus Pullig Ferreira Gomes a Cristiane Seabra em 20/01/2007.

*razão eu nunca perguntei.*”<sup>234</sup> Representando o partido a que Severino era filiado, compareceu o político Wallace Tadeu e o secretário do partido à época. Conforme relatado, foi perguntado por Tadeu porque Severino não havia sido convidado, tendo Pullig respondido que:

*“... se ele era uma liderança consagrada pela eleição, isso ninguém vai negar, mas eu como presidente dessa mesa, quero te responder, que o Severino é a única pessoa de Vassouras, a única desse município que não pode ser candidato a nada porque ele não pode se reeleger, não existe reeleição, naquela época não existia, e o partido dele está aqui representado por você, que é o presidente e pelo secretário, não vejo porque e o vice estava presente aqui. Não houve restrição de nenhum partido e aqui é uma consagração de uma idéia que vai nascer no dia de hoje. Ele foi infeliz na pergunta se ele era do partido do atual prefeito, e o prefeito estava eleito, esse homem não pode ser candidato. Ai eles sentiram que além da idéia do candidato a deputado, existia ali uma intenção de articular uma campanha a prefeito, e não estava incluído quem o Severino indicasse como candidato, isso começou em 1989 mais ou menos, para eleição de 90 para deputado e depois para eleição de 92 para prefeito, essa era a intenção. Na verdade seria a idéia de formar um candidato a deputado e um candidato a prefeito que não fosse indicado pelo Severino.”*<sup>235</sup>

Na visão de Pullig, foi a partir desta resposta que surgiu a questão de que as reuniões eram para impedir a eleição do candidato que Severino indicasse a prefeito.

O resultado das eleições de 1988 na verdade causou um efeito surpresa nos políticos de Vassouras, com isso essas reuniões eram uma forma deles desarticularem Severino, mesmo seu partido tendo acesso, pois deixavam claro que queriam lançar um candidato que fosse escolhido por estas lideranças e não por Severino. Para eles Severino era um estranho e não podia permanecer dentro do cenário político de Vassouras. Dá a entender que a eleição de 1988 não foi na realidade aceita por eles, e eles tinham a necessidade de formar um novo candidato para dar continuidade ao tradicionalismo existente em Vassouras. O interessante é que mesmo havendo inimigos políticos, todos participavam das reuniões, não faltavam, isso demonstra que independente das rivalidades, era censo comum entre eles a retirada de Severino do cenário político.

Inicia-se neste momento as articulações para a candidatura dos “prefeitáveis” das eleições de 1992. Concorreram às eleições Renato Antonio Ibrahim (PDT), Narciso da

---

<sup>234</sup> Ibidem

<sup>235</sup> Ibidem

Silva Dias (PMDB), Thais Maria Niemayer da Rocha (PT) e Miguel Vitorino de Andrade (PDC).

Apesar de naquela época já se falar em reeleição ainda não estava prevista em lei e com o mandato de Severino chegando ao fim era preciso lançar um nome que pudesse dar continuidade ao governo em curso.

Era veiculado na cidade que Severino não tinha nenhum candidato para ser seu sucessor, mas na realidade ele queria que Oteciano Carvalheira, empresário vassourense, de quem era amigo, e tinha ligações pessoais já há algum tempo, fosse seu candidato, mas este por questões de saúde não aceitou. O contato com a família de Oteciano era antigo e Severino tornou-se também grande amigo do sobrinho dele, Ricardo Carvalheira, com quem se identificava pelo jeito de ser e de fazer caridade, e outros projetos sociais. Ricardo, em seu depoimento, informou que por ele desfrutar de uma condição financeira mais favorável que a da maioria das pessoas, sentia-se na obrigação de ajudar o próximo, até mesmo por uma questão religiosa. Então, ajudava com doações ao asilo, igrejas, entre outros, através de material de construção e quantias em dinheiro. Severino, por duas vezes, convidou Ricardo para ser seu sucessor, a primeira em 1992, como candidato a prefeito e depois em 1996, como vice, pois havia rompido com Renato Ibrahim.

Ricardo Carvalheira nos relatou, em entrevista concedida, que ficou estremecido com a proposta, mas por questões familiares e por ter comércio achou que não era momento de aceitar, de se inserir no meio político.

*“O Severino vendo aquilo, talvez tenha projetado, bom esse cara com essa visão de caridade que ele tem vai dar um excelente prefeito, acho que foi aí que começou, aí ele encostou o tio Oteciano e começou na minha cabeça todo dia. Às vezes ligava para minha casa, três horas da manhã, porque ele não dormia (...) olha prefeito de Vassouras tem que ser você, não tem outro, você é o perfil ideal, jovem, empreendedor, caridoso, bom administrador, e me enchia daquelas balelas, e eu acabei acreditando, só que eu não queria aceitar, porque eu sabia muito bem se eu aceitasse essa candidatura, eu ia me atrasar na vida profissional, porque na política não tem como a pessoa progredir pelo lado financeiro...”<sup>236</sup>*

Mesmo assim, Severino não desistiu, e num momento de impulso declarou publicamente que o próximo prefeito era Ricardo Carvalheira. Ricardo nos afirmou que

---

<sup>236</sup> Entrevista concedida por Nilo Ricardo Carvalheira a Cristiane Seabra em 07/11/2006

ficou desesperado, porque não tinha confirmado nada para o Severino e a partir desse dia passou a receber ligações de vários partidos políticos.

*“...isso não dá para mim, a pressão é muito grande, aí foi aonde eu falei com o Severino não tem jeito, aí que ele foi para o lado do Renato, ali era uma nomeação, eu achava que não era nem uma eleição, era quase uma nomeação, porque a aceitação do Severino era muito boa, a aceitação do meu nome era muito boa, eu não tinha dúvida nenhuma disso, eu não tinha um por cento de dúvida que eu perderia, só que eu não queria, eu não perderia essa eleição de jeito nenhum, eu tenho certeza, mas eu não aceitei e parei ali.”<sup>237</sup>*

Segundo Francisco Sertório, Severino Dias chegou a Renato Ibrahim, na verdade não só por falta de opção, mas porque Renato Ibrahim o procurou manifestando desejo em ser Secretário de Saúde e, não podendo atender ao pedido, porque já tinha em seu governo José Luiz Vargas, que desempenhava um excelente trabalho, Severino Dias disse que secretário não, mas se quisesse poderia ser candidato a prefeito pela legenda dele.<sup>238</sup>

Renato Ibrahim confirma a versão de Francisco Sertório. A princípio não queria, mas logo se empolgou e aceitou a missão de ser candidato a sucessão de Severino Ananias Dias.

*“Eu me inseri na política a convite do ex prefeito Severino em abril de 1992, exatamente, porque as eleições foram em 1992, fui convidado a ser candidato a prefeito por ele na residência dele, e em algum momento eu fiquei em dúvida se aceitaria ou não, porque na verdade eu nunca militei, nunca havia militado na política, refleti e conversei com minha família e ele insistiu que eu viesse a candidato e eu aceitei era um desafio a mais, e felizmente com o apoio dele alcançamos a vitória e foi assim o meu início na política.”<sup>239</sup>*

Foi-nos relatado, pelo próprio Pedro Ivo, que Severino Dias o procurou em sua residência acompanhado de outras pessoas para convidá-lo para ser candidato, mas ele não aceitou alegando motivos pessoais. Pedro Ivo nos informou ainda que indicou a Severino o nome de Renato Ibrahim, ao que Severino teria respondido como o convite para que ele fosse então o vice de Ibrahim. A princípio Severino lançou Pedro Ivo como vice. Apesar da recusa do mesmo, Pedro Ivo declarou que apoiaria e lançaram o Renato como candidato a prefeito.<sup>240</sup>

---

<sup>237</sup> Idem

<sup>238</sup> Entrevista concedida por Francisco José Sertório a Cristiane Seabra em 27/10/2006

<sup>239</sup> Entrevista concedida por Renato Antônio Ibrahim a Cristiane Seabra em 22/10/2006

<sup>240</sup> Entrevista concedida por Pedro Ivo da Costa a Cristiane Seabra em 27/10/2006



O próprio grupo do Severino Dias ficou espantado com a indicação de Renato Ibrahim como seu candidato a prefeito, porque quem eles queriam é que Pedro Ivo se candidatasse.<sup>241</sup>

Com a recusa de Pedro Ivo de lançar-se como vice, o político escolhido foi o vereador José Carlos Mendes, por indicação do vereador Randoldo Lopes Filho e com aprovação de Severino.

Por sua vez, Marcus Pullig nos relatou que tanto Narciso Silva Dias, como Pedro Ivo queriam ser candidatos a prefeito nesta eleição. Mas Pullig, na qualidade de articulador, de pronto os questionou, e quem saiu candidato foi Narciso Silva Dias que fez a exigência de que seu vice fosse César Furtado.

*“Dr. Narciso e o Pedro Ivo lançaram suas candidaturas. Ai eu falei: olha dividir não é para ganhar. (...) Mas o que aconteceu, o Dr. Narciso não quis o Pedro Ivo de vice. Nós não chegamos a convidar o Pedro Ivo, mas a nossa idéia é que um fosse vice do outro, já em 92. (...) Mas o Dr. Narciso queria o César e pressionou a maioria e eu tive que tocar. Como articulador você não pode influenciar, você pode até votar, mas não pode influenciar, porque senão você perde a confiança das pessoas que vão lá. O articulador tem que ter esse cuidado, ele não pode ficar tendencioso, porque senão você perde a confiança e o cara não vai mais lá, e você perde o principal objetivo e, na realidade, o Dr. Pedro Ivo se retirou. (...)”<sup>242</sup>*

Antes de aceitar a candidatura à vice-prefeito na chapa com Dr. Narciso, César Furtado a condicionou a uma conversa em particular com o candidato a prefeito para que as despesas de campanha fossem divididas meio-a-meio. *“E quero trabalhar no governo, eu não quero dar ordens, mas também não quero ficar em casa, quero que o senhor divida o que eu vou fazer, quero pagar metade da campanha”<sup>243</sup>*. Narciso aceitou e César ficou responsável pela organização da campanha, que tinha Marcus Pullig como organizador e também ficou acordado que, se fossem vitoriosos, três secretarias ficariam sob a responsabilidade de César.

Marcus Pullig confirma essa explanação:

*“Mas ele bateu o pé que queria o César. (...) Então o Dr. Narciso assinou um protocolo. Foi assinado um protocolo de partilha e não de absolutismo de governo, porque a nossa*

<sup>241</sup> Entrevista concedida por Jorge Iberê a Cristiane Seabra em 26/10/2006.

<sup>242</sup> Entrevista concedida por Marcus Pullig Ferreira Gomes a Cristiane Seabra em 20/01/2007.

<sup>243</sup> Entrevista concedida por César Matoso Furtado a Cristiane Seabra em 22/10/2006.

*exigência é que o Dr. Narciso sempre foi um absolutista, ele nunca governou com muita gente não, ele governava com ele mesmo. (...) Nós queríamos um governo partilhado, ele assinou, e foi eu quem fiz o protocolo de como seria articulado o governo....”<sup>244</sup>*

Eram quatro candidatos à prefeitura de Vassouras, mas o próprio César afirmou que no começo: *“Severino não tinha (candidato), éramos os únicos, tinha a Thais e o Miguel Banana, mas eram longe...”*<sup>245</sup> César analisava que Thais e Miguel Banana tinha pouca expressão política, que eles era praticamente os únicos candidatos, mas com a indicação por parte de Severino do Renato como candidato, ainda assim não acreditava que perderiam a eleição porque sua campanha estava sendo apoiada por políticos tradicionais da cidade como Xaninho, Pedro Ivo e Sylvio Leal. Na visão de César, a campanha de 1992 foi pautada nos mesmos moldes da campanha de 1988, alterando a antiga forma que era feita por Narciso.<sup>246</sup> Contudo, Marcus Pullig em seu depoimento salientou que a campanha de 1992 não se assemelhou a de 1988, porque esta teve a proposta do candidato novo, enquanto aquela não poderia usar tal argumento. Acrescentou ainda que a candidatura de Renato apoiada por Severino foi prejudicial para campanha de Narciso e César. A princípio, Renato estava mal nas pesquisas, porém Severino, utilizando-se da prerrogativa de ser prefeito e de suas características de campanha eleitoral, modificou o curso da campanha e fez Renato crescer nas pesquisas.<sup>247</sup>

Naquele momento, o articulador Marcus tendo percebido o crescimento do candidato adversário convocou uma reunião e alertou sobre a necessidade de se tomar uma providência antes que perdessem a eleição. Entretanto, Narciso teria afirmado a Marcus que: *“eu só preciso de fiscais que tomem conta dos meus votos, porque eu já decidi essa eleição.”* E acrescentou ainda que *“eu não preciso intensificar nenhuma campanha, as minhas cartas todas já foram entregues eu só preciso que fiscalizem para não me roubarem votos.”*<sup>248</sup>

Deve-se considerar também o que alguns entrevistados pensam sobre César Furtado. José Maria Caputi ponderou que César Furtado, apesar de não ser político, contribuiu

---

<sup>244</sup> Entrevista concedida por Marcus Pullig Ferreira Gomes a Cristiane Seabra em 20/01/2007.

<sup>245</sup> Entrevista concedida por César Matoso Furtado a Cristiane Seabra em 22/10/2006.

<sup>246</sup> Ibidem

<sup>247</sup> Entrevista concedida por Marcus Pullig Ferreira Gomes a Cristiane Seabra em 20/01/2007.

<sup>248</sup> Ibidem

favoravelmente.<sup>249</sup> Já Marlos França considera que César Furtado não somou votos na qualidade de vice, pelo contrário, retirou votos de Narciso, porque tinha um alto índice de rejeição. A rejeição decorria de suas atividades profissionais, que, atuando como comerciante e empresário, conquistava a simpatia de uns e a antipatia de outros.<sup>250</sup> O próprio César Furtado afirmou que considera difícil alguém de sua família ganhar alguma coisa em Vassouras, porque há muita gente que os rejeita, “*se tem Furtado no nome não vota.*”<sup>251</sup>

Marcus Pullig lembrou um fato ocorrido com um vereador, que tentava reeleger-se e desfrutava do apoio de Renato. Entretanto após uma discussão com Renato, tal vereador teria se aborrecido e manifestado desejo de mudar de lado. Renato não teria obstado a mudança desde que referido vereador ressarcisse as despesas de campanha.

*“Esse vereador que eu preferia não citar o nome, nos procurou e disse que se nós déssemos essa indenização, porque ele não tinha dinheiro para indenizar ele mudava de lado, e eu como articulador da campanha achei ótimo, primeiro porque ele era um vereador de peso, porque ele teve acima quinhentos votos e já tinha tido quatrocentos e poucos na outra. Eu achei que o investimento, isso girava em torno de um dinheiro que não era muito barato, porque ele fazia uma campanha cara. Ai eu liguei para o Dr. Narciso e ele disse liga para o César. Liguei para o César e ele achou ótimo. Liguei para o Dr. Narciso e disse o César achou um achado agora no chegada da eleição. O Dr. Narciso me respondeu simplesmente: Marcus eu não vou fazer mais essa despesa porque a eleição já está decidida.”*<sup>252</sup>

Na opinião de Marcus, a vitória de Narciso e César não ocorreu por terem perdido algumas oportunidades durante a campanha, porque Narciso havia tentado impulsionar sua campanha da maneira que já havia utilizado antigamente, mandando cartas aos eleitores e confiando no voto dos mesmos.

Renato afirma que toda sua campanha foi calcada em Severino, e quem o elegeu foi Severino, ressaltando que: “*meu nome politicamente era um nome leve, sem desgaste nenhum, e o apoio dele foi fundamental, porque foi um bom prefeito, realizou muita coisa.*” Complementou ainda que: “*Eu acho que se deveu a esses dois fatos: um nome*

---

<sup>249</sup> Entrevista concedida por José Maria Vaz Capute a Cristiane Seabra em 23/10/2006.

<sup>250</sup> Entrevista concedida por Malos Elias de França a Cristiane Seabra em 23/10/2006.

<sup>251</sup> Entrevista concedida por César Matoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006.

<sup>252</sup> Entrevista concedida por Marcus Pullig Ferreira Gomes a Cristiane Seabra em 20/01/2007.

*assim virgem na política, um nome de seriedade e o apoio dele, isso ai foram fatores determinantes*”<sup>253</sup>.

Um ponto unânime de todos os entrevistados foi que independia o nome que fosse apoiado por Severino, qualquer um se elegeria. Severino conseguiu fazer algo inédito em Vassouras e difícil de ocorrer na política que foi transferir os votos de seus eleitores para outro candidato, o que foi corroborado pelo depoimento de Américo Carvalho:

*“Mas Severino Dias foi subestimado, e ele ganhou a eleição, fez o seu sucessor, o Renato, eu sempre digo que eu não esqueço disso que no dia do resultado da eleição do Renato, quem foi carregado no colo do povo não foi o Renato, foi o Severino Dias, foi uma coisa assustadora, eu estava no Fórum na hora que desceram comemorando, o povo pegou foi Severino Dias e não Renato, o Renato caminhou ao lado do Severino e Severino Dias no ombro...”*<sup>254</sup>

O mandato de Renato iniciou-se com o apoio de Severino, tendo sido criada para ele ocupar a Secretaria de Governo. No decorrer do mandato houve o rompimento dos dois e pelas entrevistas feitas há várias versões sobre o tempo e o modo como se deu o rompimento. Em virtude disso, Severino foi obrigado a procurar uma nova forma de se manter, pois já havia saído da Manchete.

*“O motivo real do rompimento do Severino com o Renato eu não sei, e até foi uma surpresa para gente, porque a gente esperava que fosse ali, que eles tomarem conta da prefeitura como foi anteriormente, saiu o Renato entra o Severino, saia o Severino entra o Renato, nós esperávamos que fosse assim, até então não tinha reeleição, então na próxima eleição volta o Severino, e na próxima volta o Renato, ficaria aquela dobradinha ali por muito tempo, mas que infelizmente não aconteceu.”*<sup>255</sup>

De acordo com os relatos das entrevistas, o rompimento de Severino com Renato já era esperado, até porque durante a campanha Severino chegou a dizer que o político Renato havia sido criado por ele, então quem iria ser o prefeito seria ele (Severino).

*“Entrou o Renato, como era o de se prever, e o que eu não quis, eu não posso ser candidato apoiado pelo Severino, porque quem vai querer mandar aqui é o Severino, e não vai dar certo, eu não vou concordar com isso,... e o que acabou acontecendo isso, e pouco tempo depois o Renato brigou com o Severino.”*<sup>256</sup>

---

<sup>253</sup> Entrevista concedida por Renato Antônio Ibrahim a Cristiane Seabra em 22/10/2006.

<sup>254</sup> Entrevista concedida por Américo da Silva Carvalho a Cristiane Seabra em 09/11/2006

<sup>255</sup> Entrevista concedida por Jorge Iberê a Cristiane Seabra em 26/10/2006

<sup>256</sup> Entrevista concedida por Pedro Ivo da Costa a Cristiane Seabra em 27/10/2006

Uma outra entrevista sinaliza que o rompimento de Renato com Severino foi fruto de intriga que partiu de um vereador, pertencente ao grupo do Narciso, que vendo umas fotos disse ao Renato que se ele não metesse a caneta em Severino quem iria ser o prefeito era o próprio Severino. Então, Renato o exonerou.

É bem provável que o rompimento dos dois tenha ocorrido em virtude da vaidade de ambos, um porque tinha sido eleito e queria governar sozinho, sem influência de ninguém, e o outro porque o elegeu e queria poder interferir na administração. Severino foi nomeado para a Secretaria de Planejamento, criada especialmente para ele. A intenção de Severino, de acordo com os entrevistados, também era estabelecer um revezamento, já que não existia reeleição, seria um rodízio entre os dois. Esse rompimento acabou por prejudicar a carreira política de Renato. Segundo os entrevistados, Renato foi responsabilizado por ter abandonado Severino, aquele que o elegeu, situação que refletiu nos votos das eleições posteriores.

Sobre sua relação com Severino e o rompimento ocorrido, Renato Ibrahim assim afirmou:

*“Ele me apoiou no início, passaram-se as eleições, eu viajei, montamos o secretariado juntos, algumas pessoas ficaram quase até o final do governo como o Paulo Lima, mas nós dois tivemos alguns problemas, alguns desgastes no início do governo, no primeiro ano eu viajei, teve uma CPI que é de conhecimento de todos, algumas indicações que queriam fazer eu discordei na época, mas nada no campo pessoal, no campo político, houve um afastamento natural, foi isso que ocorreu, mas quase um ano, um ano e pouco ele ainda participou do governo.”<sup>257</sup>*

O relato de Marlos Elias sobre a questão também é interessante:

*“Eu me lembro que o Renato conquistou um prêmio, não tinha nem um mês de governo e conquistou um prêmio de prefeito de destaque, e foi buscar esse prêmio lá em Pernambuco, ele tinha uma liderança de Estado aqui na época, e Severino Secretário de Planejamento, fez parte dessa liderança e estava começando a puxar a extensão abastecimento de água para residência, alto, centenário, trocar a extensão e mancuvi, greco e nós fizemos uma matéria do Severino com os representantes do Estado aqui em frente ao Brasão, foi uma ciuemeira danada e porque Severino estava na matéria, eu falei ele faz parte da equipe do governo e foi ele chegar de Pernambuco e Severino foi exonerado.”<sup>258</sup>*

---

<sup>257</sup> Entrevista concedida por Renato Antonio Ibrahim a Cristiane Seabra em 22/10/2006

<sup>258</sup> Entrevista concedida por Marlos Elias de França a Cristiane Seabra em 23/10/2006

No período em que ficou fora do governo, Severino continuou a fazer sua política junto ao povo, deixando claro que viria como candidato em 1996, ao cargo de Prefeito. Esse projeto, contudo, não logrou êxito. Severino seria abruptamente assassinado e seu sonho de retornar à prefeitura não se concretizaria.

O que o grupo de Severino esperava era a formação de um grupo que se revezasse no poder, como era no passado, entra um e sai o outro.

Para o vereador Pedro Paulo Andrade dos Santos, vassourense, advogado, o rompimento foi fruto de inexperiência dos dois.

*“...No caso do Renato com o Severino, acho que houve um pouco de inexperiência das duas partes, a gente vê em outros casos. Na maioria dos casos, em que o prefeito acha que elegeu o outro e quer mandar no mandato do outro: fui eu que te elegi. Não estou dizendo no caso daqui, estou dizendo no geral e acaba o prefeito rompendo com ex-prefeito. Isso é a coisa mais natural, todos tem esse problema porque o prefeito tem que ter autoridade para administrar, porque quando ele divide esta autoridade o governo não fica coeso. O governo fica dividido, é ruim para administrar, o staff do prefeito não sabe a quem obedecer. Quem tem força? Então eu achei que esta ruptura do Renato com o Severino foi uma ruptura natural, porque o Severino tinha que manter uma distância do poder. Tinha que se colocar como subordinado, porque ele era secretário, por sua vez ele era secretário do governo, foi criada uma secretaria que não existia até então, secretaria do governo e o ex-prefeito foi convidado para fazer parte dessa secretaria. Foi secretário de governo. Só que ele como secretário de governo ele dava a impressão de ter mais força do que o próprio prefeito. Começou um duelo dentro do governo de que quem resolvia as coisas era o secretário e não o prefeito, o secretário era que resolvia. Renato acabou exonerando Severino, o secretário dele. Eu acho isso um fato natural, porque sendo um secretário tem que estar subordinado ao Prefeito. Eu acho que houve uma insubordinação. Chegou a um ponto que estava intolerável, quem é que manda, um mandava fazer uma coisa e o outro mandava fazer outra. Ele não era um fantoche, não era um boneco, era um médico, esclarecido, formado, não tinha experiência política, mas era um prefeito, foi ruim para os dois. Acho que essa ruptura foi imaturidade, na minha opinião, política, dos dois, Severino de não ficar no lugar dele, e Renato deixar-se levar pelos boatos.”<sup>259</sup>*

A partir do rompimento, Severino atravessou um período de vida pessoal difícil porque já havia saído da Rede Manchete e estava sem cargo político. Todos os entrevistados que se recordam deste momento são unânimes em dizer que Severino atravessou uma grande crise financeira. Severino não construiu um patrimônio e, conforme nos foi relatado, saiu da Prefeitura mais pobre do que quando entrou. Em seu depoimento, Tadeu informou que também rompeu com Renato por causa de Severino e penalizado com a situação que Severino se encontrava conseguiu, *“através de um deputado, uma assessoria*

---

<sup>259</sup> Entrevista concedida por Pedro Paulo Andrade a Cristiane Seabra em 17/10/2006

no Rio para ele, na Secretaria de Trabalho.”<sup>260</sup> Este episódio também foi confirmado pela ex-vereadora Olganira Carvalheira.

Já em 1995 começaram as articulações para eleição de 1996. O grupo que apoiava Severino queria lançá-lo como candidato, o que também era sua intenção, então Tadeu em sua entrevista relatou que começaram a pensar em quem poderia ser vice de Severino. Primeiro pensaram em Pedro Ivo, mas Severino teria achado que Pedro não iria aceitá-lo. Mas, em um segundo momento, veio a idéia de lançar Dr. Narciso como vice, que seria um prêmio para ele devido à idade, além de se ostentar a bandeira da ética e da honestidade. Nesse ínterim, sabendo que Marcelo de Alencar, que era presidente do Diretório Regional do PSDB, viria candidato a governador do Estado, acharam melhor se aproximar de Pedro Ivo que era do mesmo partido do Marcelo Alencar. Severino achou que não iria ser aceito no PSDB, mas houve uma reunião, onde Marcelo de Alencar participou e ficou convencido que “o cabeça de chave” da legenda seria Severino.<sup>261</sup> Fato este corroborado por Marcus Pullig e Pedro Ivo.

Carlos Roberto da Silva Ganhadeiro, articulador político do PDT nas eleições de 1996, disse que o “*sentimento que eu tinha e via algumas pessoas que tinham o mesmo sentimento é que o Severino seria prefeito, mesmo tendo como vice um “poste”, independente de quem fosse o vice.*”<sup>262</sup>

Após ter se afastado do governo, Severino manteve seus contatos pessoais na cidade e começou a pensar na candidatura de 1996. Segundo Ricardo Carvalheira:

*“O Renato ganhou e o Severino ficou naquela dificuldade financeira, perdido politicamente porque brigou com o Renato,.. uma semana antes dele morrer, se não me engano ele faleceu numa quinta feira, toda quinta eu fazia um jantar aqui em casa para um grupo de amigos, cada quinta vinha um grupo de amigos,... Então uma quinta feira estava eu aqui jantado em casa, o Severino ligou e falou assim: Vou jantar na tua casa hoje. E veio para cá, aí Anamaria fez um bacalhau, um caldo verde que ele adorava, vou lá porque eu quero conversar contigo sobre política. Eu falei, ferrou! Eu falei, Anamaria eu tenho certeza que o Severino vem aqui em casa e vai me convidar para vim, tenho certeza, aí eu falei como é que eu vou fazer isso, para sair dele, porque eu já me sentia meio responsável pela derrocada dele, porque ele não se preparou, ele foi prefeito, até um bom prefeito e como ele brigou com o Renato ele ficou sem pé e sem cabeça, sem apoio do governo do Estado, sem apoio do prefeito, sem apoio, só fazendo aquela política branca dele, porque política sem mandato é política branca. Então ele veio naquela quinta-feira e conversou com*

<sup>260</sup> Entrevista concedida por Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal a Cristiane Seabra em 16/10/2006.

<sup>261</sup> Ibidem

<sup>262</sup> Entrevista concedida por Carlos Roberto da Silva Ganhadeiro a Cristiane Seabra em 28/10/2006.

*Anamaria e chamou aqui na cozinha e conversou com ela. Nós estávamos aqui na sala eu com a Ângela, ele chorou demais e pegou a Anamaria e foi lá para dentro, e sentou com a Ana e disse deixa o Ricardo ser candidato a vice prefeito comigo, o Ricardo tem o perfil ideal, o meu sonho é ver ele prefeito. Ele não falou comigo não, só falou com Anamaria. Ai quando ele saiu eu falei Anamaria não tem jeito essa semana ou semana que vem ele vai me convidar para ser vice-prefeito e eu vou ter que aceitar, porque eu fiquei meio com uma dívida indireta com ele. Quando foi na outra quinta feira a gente jantando com um outro grupo de amigos, veio a notícia: Severino faleceu. Ai saímos daqui correndo. Foi o caos. Vamos dizer assim: abortou aquela pretensa vice-candidatura. Ai passaram-se alguns meses e começou o quadro político a se redefinir.*<sup>263</sup>

Severino morreu no dia 15/06/1995, uma quinta-feira, a conversa com a esposa de Nilo Ricardo foi exatamente no dia 08/06//1995.

A morte de Severino interrompeu todas as possíveis articulações que vinham sendo feitas, porque, diferente de 1988, os políticos não só consideravam a existência de Severino, como a força que possuía. E era esperado o momento do retorno de Severino, o povo esperava e os políticos adversários tinham consciência que se quisessem derrubá-lo teriam que efetuar uma articulação milimetricamente pensada.

Em razão da morte de Severino, Vassouras teve que remontar seu cenário político, novas articulações começaram a ser feitas. A candidatura de Pedro Ivo era sempre uma incógnita, ninguém sabia se ele seria ou não candidato. José Maria Caputi, na época vereador, visualizou a possibilidade de se candidatar a prefeito porque “*com o falecimento do Severino a cidade ficou acéfala, porque ninguém falava em sair candidato*”.<sup>264</sup>

Disputaram as eleições de 1996 os seguintes candidatos: Pedro Ivo da Costa (PTB/PMDB/PSDB), Altair Paulino de Oliveira Campos (PDT), José Maria Vaz Capute (PPB) e Paulo Sérgio Mandato (PT). Em razão de ter sido acometido por grave doença, Paulo Mandato desistiu da candidatura antes do pleito.

José Maria conta que, à época, foi feita uma votação entre os vereadores e houve empate entre o nome dele e o de Pedro Ivo, que estavam no mesmo partido. Os outros vereadores começaram a incentivar José Maria que conversou com Werneck e decidiram vir candidatos a prefeito e vice, respectivamente. Na interpretação de José Maria os

---

<sup>263</sup> Entrevista concedida por Nilo Ricardo Carvalheira a Cristiane Seabra em 07/11/2006

<sup>264</sup> Entrevista concedida por José Maria Vaz Caputi a Cristiane Seabra em 23/10/2006



vereadores que incentivaram a candidatura também viram a possibilidade de ter menos dois candidatos a vereador, com expressão, disputando as vagas da Câmara.

Há um consenso entre os entrevistados que Narciso e Pedro Ivo possuíam eleitorado diferente, um não penetrava no reduto do outro. Contudo, a união poderia promover a transferência mútua de votos.

Vale a pena transcrever a opinião de Roberto Rosa:

*“É a união para você ganhar uma eleição, quando um político vê a oportunidade de ganhar uma eleição, isso aí não quer dizer nada, você vê aí coisas do arco da velha porque, porque realmente um político sem o poder na mão ele não é nada. Então ele quer o poder na mão dele, os dois se uniram, vamos dividir o poder, mas vamos ter na nossa mão, porque saiu da nossa mão e tem que voltar.”<sup>265</sup>*

Houve de fato a união de Pedro Ivo com Narciso, que registraram candidatura para prefeito e vice e foi interpretada por muitos como junção de forças para retorno ao governo, já que havia ocorrido uma quebra em 1988 e mantida em 1992.

*“Se Severino não tivesse sido assassinado teria ganho as eleições não só de 1996, como de 2000 e 2004... Em 1996 foi o seguinte, de 1988 a 1992, e depois de 1992 a 1996, fora do poder, naquela época ficar fora do poder oito anos e ganhar as eleições era muito difícil...”<sup>266</sup>*

Renato Ibrahim lançou o seu sucessor, que por ele seria o professor de educação física e Secretário de Turismo de seu governo, Paulo Caminha de Amorim, mas por votação do partido o eleito foi Altair.

*“Na verdade o que aconteceu: eu tinha dois candidatos ali, eu tinha o Altair, que tinha sido meu Secretário de Saúde e tinha o Paulo Caminha que era o meu Secretário de Turismo, Esporte e Lazer, eram os dois nomes que eu tinha e até o último minuto, um ou outro, o meu coração mandava um e a prudência, digamos assim, mandava outro. Ai houve um movimento e o Altair seria o melhor candidato e eu acatei. Eu agi com a prudência, porque a gente precisava fazer sucessor, todo governo quer isso. Mas Altair foi um excelente secretário de saúde, quando eu falo coração não é por nada, é porque eu me identificava mais com Paulo Caminha que foi meu padrinho de casamento, também um excelente profissional, um bom professor de educação física, fez um bom trabalho. Então qualquer um dos dois em termos de confiança seriam bons candidatos.”<sup>267</sup>*

---

<sup>265</sup> Entrevista concedida por Roberto Rosa a Cristiane Seabra em 24/10/2006.

<sup>266</sup> Entrevista concedida por Paulo Roberto Arbex a Cristiane Seabra em 16/10/2006

<sup>267</sup> Entrevista concedida por Renato Antonio Ibrahim a Cristiane Seabra em 22/10/2006

Altair Paulino que era o Secretário de Saúde do governo Renato confirmou a forma como se deu a sua escolha:

*“O Renato não queria que eu fosse o candidato, o candidato era outro, ele queria que fosse o Paulo Caminha na época, mas nas pesquisas dava o meu nome, quando daí ele fez uma convenção no partido, eu que ganhei, eu fui candidato, mas perdi a eleição, até por uma margem muito pequena na época...”<sup>268</sup>*

No decorrer da campanha eleitoral quem se mantinha na frente era Pedro Ivo, mas na reta final em virtude do rompimento de Renato com Altair, houve um crescimento considerável de Altair. Na apuração dos votos, o vencedor foi Pedro Ivo e Altair alcançou a segunda colocação, ultrapassando José Maria que até então estava mais cotado que Altair.

Com relação ao rompimento de Renato com Altair há duas versões, a primeira exposta pelo próprio Altair Paulino:

Altair vendo seu crescimento na cidade, chamou Renato para uma conversa, porém os dois discutiram e romperam.

*“...Foi quando eu fui conversar com ele, ter uma reunião com ele, cobrar dele um maior apoio, porque eu achava que dava para gente ganhar a eleição. Aí ele disse que não porque eu não era candidato dele, que não ia me apoiar, ele disse que não ia me apoiar porque eu não era de Vassouras, eu não era Vassourense e ele era filho de Vassouras, aí eu disse para ele gozado eu não sou filho de Vassouras, mas me formei aqui, estudei aqui, trabalho aqui, sou, você me convidou para ser secretário de saúde, e você foi eleito por um ex-prefeito que não é de Vassouras. Quando eu falei isso para ele, ele ficou bravo. Mandou por causa disso retirar todo nosso material da rua. Esse ato dele me ajudou muito, tem um pouquinho daquela sensação da vítima, de uma certa forma me ajudou um pouquinho o rompimento com ele, pelo governo dele tá mal, pelo que ele fez comigo, me deixou foi no início de setembro, com menos de um mês para eleição, eu nunca mais me esqueço, eu tinha um comício em Ferreiros, até o ônibus ele me cortou que ia me levar para Ferreiros, nem fiz comício naquele dia.”. (...) Eu falei para ele você só foi eleito porque o Severino, porque se você não tivesse o apoio do Severino, e disse para ele que naquele momento o Severino elegia “até um poste”. Nunca mais esqueço desse dia era num domingo de manhã. Aí acabou ele disse agora você vai sozinho de vez.”<sup>269</sup>*

Já Renato discorre da seguinte maneira sobre o episódio:

*“Começamos a campanha com muitas dificuldades nós não tínhamos recursos, eu ajudando ele o tempo todo, alugamos o comitê, eu sempre à frente das coisas, e eu notei ele*

<sup>268</sup> Entrevista concedida por Altair Paulino de Oliveira Campos a Cristiane Seabra no dia 20/10/2006

<sup>269</sup> Entrevista concedida por Altair Paulino de Oliveira Campos a Cristiane Seabra em 20/10/2006.

*sempre muito acomodado, e eu tinha que está tomando a frente de tudo. Eu não podia administrar a prefeitura e administrar a campanha dele, e investir não podia, não se tinha dinheiro, o município não podia botar dinheiro, e eu saindo daquele sufoco, final do governo, muito pouco dinheiro, já começando a se esboçar as dificuldades financeiras (...). Altair não se mostrou um candidato muito aguerrido, de ir para rua pedir votos, não era aquilo que eu esperava que fosse, aí começaram os problemas ali, pela dificuldade fui conversar com ele, e o grupo começou a se dividir, uns queriam apoiar, outros não queriam apoiar, e por fim disse chega eu vou retirar o apoio, eu não posso governar a cidade e ficar apoiando um candidato que eu estou vendo que não vai a lugar nenhum, que não se mexe. Essa também era a minha visão em relação a isso, certamente ele tem outra visão, certamente ele tem outra informação para te dar, isso era como eu via na época. Por fim botei um ponto final, segue a sua candidatura que eu vou continuar tocando, retiro o meu apoio. Mas ainda assim as pessoas vieram não Renato você não pode fazer isso, as coisas estão caminhando bem, vamos relevar isso o que aconteceu, vamos passar uma borracha em cima (...) vamos ganhar a eleição, para o bem do grupo. Dois dias depois sai uma matéria dele no jornal me baixando o pau que não precisava do meu apoio, dois dias depois de eu ter tido essa conversa com ele, que eu não tinha prestígio, que estava atrapalhando, eu não sei se ele falou que eu estava atrapalhando, mas que eu não somava, então vamos ver se eu somo ou não, então peguei um grupo que me era fiel e fomos para cima do Pedro Ivo, sentamos com Pedro Ivo e retirei meu apoio do Altair e Pedro Ivo ganhou a eleição.”<sup>270</sup>*

Carlos Roberto afirmou: *“não era o voto para o Altair, era um voto de repúdio ao Renato. Votaram no Altair porque ele saiu como vítima do processo (...) e se tivesse mais dez dias de campanha talvez ele seria o suficiente para o Altair ganhar porque ele vinha crescendo.”*<sup>271</sup>

Deoswaldo de Oliveira relata também que *“eu fiz uma pesquisa para o Altair, mais dez dias de campanha ou mais dez mil reais o Altair ganhava a eleição (...), nós chegamos com o resultado e mostramos a ele, eu e o Marlos (...), não é dinheiro para comprar voto é para melhorar a campanha, mas perdeu a eleição.”*<sup>272</sup>

Renato concorda com o que acabou acontecendo:

*“Cresceu nesse momento, ele saiu como vítima, sem dúvida, foi aonde ele cresceu, teve aquela montoeira de votos, foi como vítima. Se eu fico quietinho e se eu paro de pedir, ele não ia ter aqueles votos, a minha retirada e o alarde todo que eu mesmo acabei fazendo. Mas se retiro e fico quieto e só trabalho o bastidor, ele não ia ter aqueles votos, mas como eu tornei público isso..., mas que sacanagem o cara largou o outro sozinho na última hora, isso não se faz, mas ninguém sabe o meu motivo. Na verdade aquelas placas, Altair não moveu uma palha para nada, aquilo eram coisas minhas, não tinha nada a ver com a Prefeitura, até porque não podia, aquilo não era de Prefeitura, foi coisas que eu mandei fazer, eu tirei as placas das pessoas que eu tinha pedido para colocar, eram pessoas ligadas a mim, eu acabei fortalecendo. Hoje eu vejo dessa forma, mas na hora, naquele*

<sup>270</sup> Entrevista concedida por Renato Antônio Ibrahim a Cristiane Seabra em 22/10/2006.

<sup>271</sup> Entrevista concedida por Carlos Roberto da Silva Ganhadeiro a Cristiane Seabra em 28/10/2006.

<sup>272</sup> Entrevista concedida por Deoswaldo de Oliveira Ramos a Cristiane Seabra em 30/10/2006.

*ímpeto, na verdade até nem poderia fazer, como eram coisas minhas, não eram de campanha, ele saiu como vítima naquele momento, ele cresceu ali.*<sup>273</sup>

Américo de Carvalho nos relatou o que falou para Pedro Ivo “*graças a Deus, porque se tem mais dez dias, Altair ganhava essa eleição, porque ele se transformou numa vítima, o Renato deu tudo que um político necessita se transformar em vítima ao Altair. O Altair foi a grande vítima.*”<sup>274</sup>

Diante do exposto Altair que começou uma campanha como o menos favorável, por pouco não leva a eleição de 1996, tanto que chegou em segundo lugar na frente de José Maria, que tinha realizado uma campanha maior do que os demais candidatos. Isso serviu de uma certa forma para fortalecer sua intenção de vir como candidato nas eleições seguintes.

Pedro Ivo quando se elegeu tinha intenção de fazer o sucessor e, na época, o mais indicado era Marcus Pullig, que havia sido eleito vereador e durante o mandato assumiu o cargo de Secretário de Administração do Município. Entretanto, este governo foi marcado por graves denúncias de corrupção financeira e Marcus Pullig foi apontado com um dos principais envolvidos. Em virtude do exposto, Pullig não se candidatou a nenhum cargo.

Para as eleições de 2000, disputaram José Maria Vaz Capute (PPB/PSDB/PFL/PT do B), Altair Paulino de Oliveira Campos (PDT/PV/PSC/PRTB/PSB), Renato Antônio Ibrahim (PMDB/PTB/PL) e Ana Lúcia Matoso Furtado (PT/PPS).

A votação de Ana Lucia foi inexpressiva, talvez por ter disputado a eleição filiada ao PT, partido que não desfruta de muito apoio na cidade, tanto que nunca foi eleito um vereador sequer do PT.<sup>275</sup>

O candidato José Maria, que foi apoiado pelo governo, não alcançou a vitória e pode ter sido prejudicado pelo escândalo da administração Pedro Ivo.

---

<sup>273</sup> Entrevista concedida por Renato Antônio Ibrahim a Cristiane Seabra em 22/10/2006.

<sup>274</sup> Entrevista concedida por Américo da Silva Carvalho a Cristiane Seabra em 09/11/2006.

<sup>275</sup> O fraco empenho eleitoral do PT foi discutido no Capítulo I.

Renato Antonio Ibrahim analisou que disputou as eleições de 2000 com menos condições que os demais candidatos, porque José Maria tinha o apoio do governo municipal e Altair desfrutava da simpatia do governo estadual.<sup>276</sup>

Altair vendo que saiu promissor do pleito de 1996, se preparou nos quatro anos seguintes para a eleição de 2000. Apesar de ter assumido o cargo de Secretário de Saúde na cidade vizinha, Engenheiro Paulo de Frontin, Altair manteve seu domicílio em Vassouras, mantendo-se também como médico. Ao longo dos quatro anos, aumentou sua popularidade, freqüentando eventos sociais, visitando distritos e desenvolvendo trabalhos sociais nas comunidades vassourenses.

Altair Paulino afirmou que seu “*nome passou a ser um unanimidade no partido PDT*” e definida a candidatura para prefeito, passou-se à escolha do vice que foi feita após uma eleição dentro do partido, sendo os principais nomes que disputaram os de: Ricardo Carvalheira, Wallace Tadeu e a professora Regina Goulart. O nome que apresentou menor rejeição foi o de Ricardo Carvalheira, que aceitou disputar sua primeira candidatura.<sup>277</sup>

Há quem afirme que o resultado da eleição de 2000 foi reflexo de uma mudança almejada pelo povo, devido a um repúdio ao próprio Renato, e também porque tinham dado a oportunidade do passado retornar:

*“Altair fez uma política forte de casamento, de aniversário, de está li, de estar presente em tudo, não igual ao Severino, mas apesar do Alterar ter esse lado de atendimento também, com o Severino eu não comparo a ninguém, boto ele num patamar diferente... o Altair sim ele ia em tudo, Altair fez uma política durante quatro anos, era aniversário do seu filho ele ia, no casamento ele ia, nos cinqüenta anos de boda ele ia, ele se tornou popular em Vassouras, e as pessoas já queriam dar uma guinada naquele negócio de Carlinhos Mexias, de Pedro Ivo e Narciso e as pessoas queriam uma mudança e o Altair foi a mudança, eu vou te falar o seguinte se eu não tivesse de vice do Altair, o Altair ganhava a eleição da mesma forma.”<sup>278</sup>*

Na visão de César Furtado, irmão da candidata Ana Lucia, “*Altair competiu com uns candidatos muito fracos*”.<sup>279</sup>

Sobre o resultado das eleições de 2000, Américo relatou que:

<sup>276</sup> Entrevista concedida por Renato Antônio Ibrahim a Cristiane Seabra em 22/10/2006.

<sup>277</sup> Entrevista concedida por Altair Paulino de Oliveira Campos a Cristiane Seabra em 20/10/2006.

<sup>278</sup> Entrevista concedida por Nilo Ricardo Carvalheira a Cristiane Seabra em 07/11/2006.

<sup>279</sup> Entrevista concedida por César Matoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006.

*-“Foi a eleição da mudança, da mudança de novo, experimentamos o passado, punimos o Renato e o passado não correspondeu, aí vem Altair, e concorria com o José Maria, todos representando de uma certa forma, representantes dos verdadeiros senhores políticos tradicionais e conservadores de Vassouras, Altair vence essa eleição ainda usando um pouco da traição do Renato, da covardia, que eles chamavam de covardia, mas que eu não vejo, porque eu sempre digo, discutir política é muito difícil, negociar interesses é muito difícil, por isso que a política talvez seja essa coisa um pouco porca, mas ao mesmo tempo uma coisa gostosa. Altair representou o que, olha estamos te dando, doando este legado, toma que é teu e faça a mudança e a transformação que você precisa fazer.”<sup>280</sup>*

No dia das eleições 2000, ocorreu um episódio interessante. Relatam os entrevistados que vários eleitores vestiram camisas que ostentava propaganda política de José Maria Capute. Isto provocou uma certa insegurança no grupo de Altair, porque acharam que José Maria era o favorito. No entanto, ao ocorrer a apuração, Altair recebeu mais de 50% dos votos e saiu vitorioso. *“Mostra que camisa no dia da eleição não ganha eleição, realmente assustou a gente”.*(...) *“Tinha gente com camisa do Zé Maria votando no Altair (...) Tanto é que a votação de Altair, somando a dos outros não dá a dele.”<sup>281</sup>*

Cláudio Mancusi, ex-vereador que nas eleições de 2000 apoiou José Maria, construiu seu próprio entendimento, a partir de um somatório de resultados cultivados por Altair desde a eleição de 1996.

*“Eu fiz uma justificativa na minha cabeça para esse resultado: primeiro o Altair repetiu, ele já saiu com cinco mil votos da eleição anterior, segundo encerrando o governo Renato ele foi apadrinhado pelo Coronel Jurandir (Prefeito da Cidade de Engenheiro Paulo de Frontin). Fez um assistencialismo muito grande via Paulo de Frontin com atendimento na questão da saúde. E o momento do governo de Vassouras era um momento muito frágil, a gente estava vivendo todos aqueles problemas, e você está com sua casa desarrumada, o adversário se aproveita desse momento, e ficou aquela imagem muito forte, aliada à vontade do eleitor. (...) Teve ali 51%. Vamos dizer assim que já estava votando nele, boa parte desse eleitor já estava votando meio que sem opção e quando houve esse desgaste canalizou. Então eu atribui mais dois mil e pouco votos para o Altair, já foi para quase oito mil votos. E a mudança, a mudança em si, essa foi o complemento da votação do Altair nesse sentido. Ele representou a mudança. Depois eu me deparei muito com isso, a quantidade de promessas que foram feitas também e isso aliou para que ele tivesse um crescimento. Mas na realidade o que houve aí foi a vontade de mudar mesmo, foi um governo com muitos problemas.. então o povo já não queria...”<sup>282</sup>*

Consideramos que na eleição de 2000 Altair desfrutava de um prestígio a mais que os demais candidatos, o que lhe rendeu mais de cinquenta por centos dos votos válidos. Altair, além de ter saído como vítima do processo eleitoral de 1996, estabeleceu uma campanha árdua durante os quatro anos que antecederam as eleições de 2000, utilizando-se

<sup>280</sup> Entrevista concedida por Américo da Silva Carvalho a Cristiane Seabra em 09/11/2006.

<sup>281</sup> Entrevista concedida por Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal a Cristiane Seabra em 16/10/2006.

<sup>282</sup> Entrevista concedida por Cláudio Moyses da Silva Figueiredo a Cristiane Seabra em 22/11/2006.

do cargo de Secretário de Saúde que tinha em Engenheiro Paulo de Frontin para fazer assistencialismo em Vassouras. Além do mais, o mandato de Pedro Ivo, na visão de muitos entrevistados havia sido o retorno do passado. Porém, acabou de forma desastrosa e os eleitores estavam num momento de buscar uma mudança, de ver se Vassouras teria um governo que saísse da mesmice, e fizesse a cidade crescer, acabar de uma vez por todas com o continuísmo, já que havia sido dada a oportunidade deles retornarem e nada foi feito. José Maria, de uma certa forma, acabou sendo prejudicado por ter aceitado o apoio de Pedro Ivo. Renato Ibrahim ainda colhia os frutos do rompimento com Severino, que muitos eleitores não aceitaram. E Ana Lúcia não desfrutava de popularidade e credibilidade política suficiente para se eleger.

Durante o mandato de Altair, alguns membros do Legislativo começaram a perceber que a administração do Executivo não estava atendendo aos princípios de probidade administrativa, com isso formaram dentro da Câmara um grupo de coalizão, apelidado de G8, com intuito de cassar ou frear o mandato de Altair.

*“Eu fiz parte do G8, ele não chegou a se dissipar não porque caiu a G6. Na realidade começou com o G6, depois foi para G8, porque agregou, porque no começo era eu, José Alencar, João Gomes, Jorge Barreto, Tadeu e Xopinho, e depois entrou o Gley e o Baianinho, o filho do Randolpho, o Jorge Luiz. Ai nós formamos um grupo de coalizão do G6, que depois ganhou mais esses dois membros e virou o G8 e com isso nós começamos a frear o atual governo que estava, para quem estava participando do legislativo estava vendo que as coisas estava degradingando, com gastos, com prestação de contas, ele não cumpria as determinações que a lei orgânica manda, os balancetes, ele fazia suplementação sem consultar a câmara...”* O G8 não chegou a se dissipar não porque o que aconteceu foi o seguinte, do G8 foi descoberto que tinha um elemento que estava ali fazendo o papel de X9, que foi o Jorge Luiz, o Baiano, que ele veio para o grupo com a intenção de ver o que estava se passando e levar para o outro lado, então quando isso foi descoberto a coisa, e aí voltou a ser o G6, porque o Xopinho o PDT não queria vir, estava no período pré eleitoral e ainda tinha tempo de mudar de partido ...e a idéia nossa era que o grupo lançasse um candidato a prefeito, .ainda não estava definido, e nós íamos amadurecer a idéia no grupo e íamos ver do grupo na política qual nome teria melhor aceitação.”<sup>283</sup>

Gley Gonçalves nos informou que o G8 era formado pelos seguintes membros: ele, José Alencar, Gilberto (Gibão), Wallace Tadeu, João Gomes, Jorge Luiz (Baiano), Jorge Barreto e Cláudio Mancusi.

---

<sup>283</sup> Entrevista concedida por Cláudio Moyses da Silva Figueiredo a Cristiane Seabra em 22/11/2006.

Há divergência com relação a um dos membros, mas acreditamos que tenha sido feita confusão por Mancusi ou Gley na entrevista no momento em relatar os nomes, pois um fala do Xopinho e o outro do Gibão.

Altair Paulino relata que devido ao seu crescimento, começou a sofrer retaliações em seu governo por parte do Legislativo.

“Comecei a crescer, era a primeira vez que ia ter reeleição para prefeito e ai eles começaram a se assustar, porque tinham aqueles vereadores da cidade que queriam voltar ao poder novamente ou tomar o poder novamente, e via nesse meu crescimento político-administrativo, eu já tinha sido aprovado nas urnas, o meu governo tinha uma boa aprovação, tinha reeleição. Opa!!! Vamos tirar esse cara que vai ser reeleito, vamos impedir a continuidade dele. Esse hoje esse é o meu entendimento, acho que o objetivo das pessoas era esse.”<sup>284</sup>

Em busca da reeleição, Altair se candidataria em 2004 e alcançaria seu objetivo, mas teve seu novo mandato cassado em razão de condenação em alguns processos judiciais junto ao Tribunal Regional Eleitoral e por abuso de poder econômico na campanha eleitoral. O processo encontra-se em fase de recurso no Tribunal Superior Eleitoral.

---

<sup>284</sup> Entrevista concedida por Altair Paulino de Oliveira Campos a Cristiane Seabra em 20/10/2006.



### 2.3- A imagem pública dos eleitos sob a visão dos eleitores

Alguns entrevistados classificam o eleitor vassourense como bairrista e justificam no próprio estilo de política que prevaleceu em Vassouras durante mais de vinte anos. Além disso, Vassouras é classificada como uma cidade de hábitos tradicionais por ser pequena, todo mundo se conhecer, o que gera uma reserva no comportamento.

*“...Vassouras estava acostumada, uma cidade tradicional, muito tradicional acostumada a fazer política, a eleger seus filhos, quando não era, uma ala era outra, mas sim seus filhos e Severino também foi uma renovação porque não era de Vassouras, apesar de casado com uma moça de Vassouras, ele não era de Vassouras”.*<sup>285</sup>

*“...vassourense era e continua sendo muito bairrista, faz questão e vota no pessoal daqui, a não ser quando não tenha escolha ou quando a diferença e o desnível é muito grande de um para o outro.... Pode até ter algum defeito, mas é superado em termos da convivência dele aqui em Vassouras.... “Vassourense tem orgulho de ser vassourense”.*<sup>286</sup>

*“...o Severino tinha também aquela tradicional família vassourense que não aceitava a maneira dele fazer campanha, e principalmente por ser um ilustre desconhecido que aqui chegou...”.*<sup>287</sup>

Quando Severino chegou a Vassouras apresentou hábitos diferentes do que os vassourenses julgavam como sendo o certo e isto causou impacto e um certo repúdio.

*“Quando Severino veio para Vassouras, por ele não ser de Vassouras a maior parte das pessoas da sociedade não aceitava Severino, porque achavam que ele era de fora, ele não tinha raiz, que não ia ser um bom administrador, ele realmente não deu muita importância para essas pessoas, para a sociedade. Porque ele, de um certo modo, a visão dele era fazer política para as pessoas mais carentes, para os menos favorecidos. Então ele deixou um pouco de lado. Mas eu acho que depois com a morte dele essas mesmas pessoas repensaram naquilo que tinham falado, havia muita rejeição na sociedade com o Severino, quando ele chegava em algum lugar, às vezes num lugar tinham pessoas que viravam, não davam muita atenção para ele, falavam dele, falavam coisas desagradáveis a respeito dele,*

---

<sup>285/1</sup> Entrevista concedida por Pedro Paulo Andrade dos Santos a Cristiane Seabra em 17/10/2006

<sup>286</sup> Entrevista concedida por Sylvio da Cruz Leal a Cristiane Seabra em 17/10/2006

<sup>287</sup> Entrevista concedida por César Mattoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006

*mas depois da morte dele essas mesmas pessoas começaram a repensar os conceitos que elas tinham formado sobre Severino Dias... ”<sup>288</sup>*

A articulação da vice-candidatura com Sylvio Leal serviu para dar a Severino o acesso a sociedade vassourense, já que ele não era conhecido, era o novo, e apenas era casado com uma vassourense. Gley Gonçalves afirmou que havia necessidade do vice ser alguém conhecido, pois o PFL, partido recém instalado na cidade, estava apostando numa renovação, mas ao mesmo tempo não podia causar tanto impacto.

*“...A minha presença servia de um equilíbrio para ele, ele não ir a exagero, porque eu sempre fui um pouco mais rígido, eu dizia isso não, aquilo não, isso não pode, não dá para falar. isso aqui, isso ali... Por ser de Vassouras, fui um apoio, se ele não tivesse dificilmente ele ira fazer, não especificamente com a minha pessoa, podia ter sido outra pessoa, mas pela credibilidade... ”<sup>289</sup>*

A eleitora Maria Regina do Amaral Magalhães expressou publicamente seu sentimento pela pessoa de Severino Dias em um texto publicado no jornal Tribuna do Interior, edição de 16 de junho de 2001, quando completou 06 anos de seu assassinato, com o título “Severino Ananias Dias: o sonhador”.

*“Não quero falar do Severino Dias político. Desse todo mundo já falou. Quero falar do Severino, daquele Severino que foi emblema, que foi além do comum: o artista. Quero falar de sua trajetória tortuosa, cheia de relevos, ora sombrios, ora de claridade ofuscante que o fazia vacilar e pedir apoio; do Severino que teimoso, revelou-se um idealizador e íntegro na sua essência de escola. Ele “de fora” queria a cidade dos barões e sua gente, flutuando numa atmosfera pura e perfumada, promovida por seus jardins floridos; embriagar a todos de beleza, com muito colorido, nuances, simetrias, contornos e cores. Queria também, mergulhar todo município num mar de esperanças. Eu não votei nele e me arrependo. Mas ele era “de fora”.<sup>290</sup>*

Já Roberto Rosa afirmou:

*“O voto do brasileiro não é um voto dado para a capacidade da pessoa, não é que os outros não tenham capacidade, tem também, não é dado pela capacidade, não é dado por nada, é por apadrinhamento, fulano prometeu emprego, o fulano é amigo do amigo do meu amigo, fulano é meu parente, então o povo acha que esses são realmente os valores ideais para eleger um cidadão para vereador, então a gente vê as maiores discrepâncias que existem, às vezes um homem inteligente, um homem culto não ter voto nenhum, e um homem*

<sup>288</sup> Entrevista concedida por Ângela Nogueira de Paula Dias a Cristiane Seabra em 22/10/2006

<sup>289</sup> Entrevista concedida por Sylvio da Cruz Leal a Cristiane Seabra em 17/10/2006.

<sup>290</sup> MAGALHAES, Maria Regina do Amaral. Jornal Tribuna do Interior, edição de 16/06/2001.

*que é do povo, um Zé mane qualquer ser muito votado, porque bebe cachaça junto, porque fala bobeira junto. Então eu acho que o sentido de eleição, não é visto, não por uma classe como a nossa, mas por uma classe mais baixa, não é visto realmente como um fato que possa modificar a vida dele, ele acha que entre quem quiser lá dentro é a mesma coisa, o povo não tem consciência do que pode influir na vida dele.*"<sup>291</sup>

Para Roberto Rosa o brasileiro em sua grande maioria não tem consciência da importância do voto, principalmente os de classe mais inferior, que se deixam levar por troca de favores, ou por agradecimentos, fazendo com que o voto perca seu papel num regime democrático e passe a ser disputado por quem dá mais.

Estudiosa desse fenômeno, Eli Diniz conceituou como voto personalista o voto dado levando-se em conta a pessoa, o que ela representa, o que ela pode oferecer e não sua capacidade política ou programa de governo.<sup>292</sup>

Durante o seu mandato Severino contou com a oposição de três vereadores, Pedro Paulo, Dra. Edla e D. Olganira. Vejamos a manifestação de Olganira Carvalheira utilizando-se da palavra na tribuna da Câmara dos Vereadores:

*"Enganam-se aqueles que pensam que estou tentando cassar o mandato do prefeito Severino Dias, o que desejo sinceramente, é que o chefe do Executivo melhore a sua administração o que será muito bom para toda a comunidade, e até porque se é ruim com ele, poderá ser muito pior com o vice."*<sup>293</sup>

Na entrevista, Olganira Carvalheira retificou que não se referia ao vice especificamente, mas a qualquer outra pessoa que assumisse o cargo. Explicitou que nunca foi contra a pessoa de Severino, pelo contrário, mantinham uma relação de amizade. Porém, não aceitava sua forma governar. Esclareceu que os projetos encaminhados à Câmara para votação que beneficiavam o povo ela votava a favor, mas quando eram projetos de interesses particulares ou contra a população, ela, de imediato, se opunha. Relatou, ainda, que por ocasião de uma reunião com o prefeito, estando presentes vereadores e secretários, falou para Severino que ele estava sendo manipulado por pessoas que se diziam ser seus amigos, mas que na verdade estavam ali apenas para permanecer no governo. Nesta oportunidade citou especificamente os nomes de Djalma e Alemão. Djalma Bernardes que no governo de Severino trabalhou como chefe de gabinete, já havia trabalhado no governo de Narciso. Já o vereador Alemão, segundo Olganira, pretendia se manter como presidente

---

<sup>291</sup> Entrevista concedida por Roberto Rosa a Cristiane Seabra em 24/10/2006.

<sup>292</sup> DINIZ, 1982, op cit

<sup>293</sup> Jornal Tribuna do Interior, edição de 20/06/1989

da Câmara. A entrevistada finalizou seu depoimento afirmando que Severino era uma pessoa boa, íntegra, mas que por não ser bem assessorada, deixava ser manipulado.<sup>294</sup>

Severino foi chamado por muitos de “Sassá Mutema”, numa alusão ao personagem da novela da Globo que passou no mesmo período, mas mesmo assim conseguiu se tornar querido no meio popular, pois implementou uma nova forma de fazer política, no sentido do candidato ir até o eleitor, se aproximar das classes menos favorecidas, conseguiu quebrar o continuísmo político que existia em Vassouras, mas que nenhum outro candidato teve condições de penetrar.

*“Foi uma eleição surpresa, uma eleição que mudou a política de Vassouras, pelo impacto que deu, pois ninguém esperava que Severino ganhasse a eleição, porque ele foi uma pessoa que veio de fora, desconhecido, que foi achincalhado na época daquela novela, que tinha o Sassá Mutema, ele era chamado de Sassá Mutema, até lá em Vassouras, tinha o outdoor o Sassá Mutema, de forasteiro, de árvore de rapina, de tudo isso ele era chamado,... mas era uma pessoa assim fácil de diálogo, fácil de contato, pessoa carismática, com ele não tinha inimigo, todo mundo tinha facilidade de chegar.”<sup>295</sup>*

O atual prefeito da cidade, Eurico Junior, que em 1988 foi eleito prefeito no município de Paty do Alferes, classificou Severino da seguinte forma:

*“Severino não tem a menor chance, o grupo, os candidatos todo mundo falava isso, só que ele foi conquistando o povão mesmo, mas não foi com aquilo de dar dinheiro nada, era folclore, era o jeito dele, era a forma dele entrar na casa, abrir a panela, pegar troço em um panela, de falar de igual para igual as pessoas, tratar com carinho as pessoas, não era de dar tapinha nas costas para pedir voto não, ele se colocava como ser humano mesmo, a pessoa via ele como uma pessoa boa, ele foi diferente na campanha e ganhou por causa disso e fez um governo totalmente diferente, fora de todos os padrões, os candidatos não acreditavam nisso, por ele está fora dos padrões, ele não ia conseguir reter os votos da elite de Vassouras, acabou que ele não teve, mas o povão elegeu ele... a diferença foi muito pequena, foi menos de cem votos.”<sup>296</sup>*

Nair Jordão, eleitora fiel do Pedro Ivo, em entrevista concedida afirmou não saber dizer o que aconteceu, mas que Severino conseguiu com o seu jeito reverter toda a imagem que ela tinha dele, pois ele era um homem bom, de coração puro, “xingava muito”, mas era

---

<sup>294</sup> Entrevista concedida por Olganira Espindola Mello Carvalheira a Cristiane Seabra em 29/01/2007. Olganira Carvalheira, vassourense, aposentada, foi vereadora no governo de Severino e atuou no governo de Dr. Narciso, 1983/88, como Secretária de Educação.

<sup>295</sup> Entrevista concedida por Jorge Iberê a Cristiane Seabra em 26/10/2006. Jorge Iberê, vassourense, morador de Andrade Pinto, foi vereador pela primeira vez no governo de Severino e se mantém atualmente como Sub-prefeito do distrito onde reside.

<sup>296</sup> Entrevista concedida por Eurico Pinheiro Bernardes Junior a Cristiane Seabra em 27/10/2006.

simples, amigo, e mostrou um outro lado que os outros políticos não tinham. “A morte do Severino manchou, tem uma mancha, que ninguém viu, ninguém sabe.” A imagem do Severino não morre não.”<sup>297</sup>

Antonio Chagas, maitre do Hotel Mara, nordestino, que vivia em Vassouras já há alguns anos, conheceu Severino em seu local de seu trabalho. A princípio não gostava dele, pois entrava em sua cozinha sem pedir autorização, e ele sendo também maitre não concordava com a atitude de Severino, mas depois que firmaram uma amizade e disse que igual ao Severino não existe que ele realmente modificou toda a história política de Vassouras, que ele era uma pessoa que tinha como ideal ajudar as pessoas independente de ter retorno.

*“Ele fazia politica diferente de todo mundo, aonde ele chegava ele beijava todo mundo, até apelidaram ele de beijoqueiro na época, o pessoal queria dinheiro, onde você mora, o cara falava, dinheiro eu não dou não, depois eu vou lá.”*<sup>298</sup>

*“Para ficar como prefeito aqui ele sofreu, levou vaia, sofreu discriminação, rejeição, no carnaval faziam máscara de burro e botavam na prefeitura e tinha um cara que saía de jegue na rua. ...Ele um dia falou um negócio, que eu não esqueço até hoje: “deixa Chagas deixa isso para lá, porque se o próprio jegue soubesse a força que ele tem, ninguém montava nele, é porque o jegue não sabe a força que ele tem, o que ele quis dizer com isso: que se o cara soubesse a força dele, não se metia com ele, foi o que eu entendi.”*<sup>299</sup>

O eleitor Waldir Nicolau Marinho exalta a popularidade de Severino.

*“Sinceramente o Severino ganhou essa eleição pelo carisma dele. Como eu já disse, era uma pessoa que tinha facilidade para conversar com as pessoas, aonde ele chegava, ele fazia amigos, ele abraçava e beijava homem e mulher, não tinha diferença... Ele gostava de ficar, estar aonde tinha pessoas menos favorecidas. Os outros candidatos com certeza no começo eles o viam como um peixe fora da água, mas no decorrer da campanha, ...aí foi se vendo que aonde o Severino fosse, se ele fosse no Grecco, aqui em baixo se tivesse com ele 10 pessoas, chegava lá em cima tinha 100.”*<sup>300</sup>

A eleitora Leda Xavier Brandão, vassourense, casada, manicure, expressou o porque do seu voto em Severino:

*“Nas eleições de 1988 votei no Severino Dias, pelo partido dele. Eu às vezes ia nos comícios dele e gostava do plano de governo. Não cogitei em votar no Pedro Ivo, eu já*

<sup>297</sup> Entrevista concedida por Nair Moraes Jordão a Cristiane Seabra em 26/10/2006. Nair Jordão, conhecida por todos por ser proprietária de uma pensão destinada a estudantes de medicina, tornou-se amiga íntima de Severino, após sua eleição.

<sup>298</sup> Entrevista concedida por Antonio Chagas de Araújo a Cristiane Seabra em 26/10/2006.

<sup>299</sup> Ibidem

<sup>300</sup> Entrevista concedida por Waldir Nicolau Marinho a Cristiane Seabra em 24/10/2006.

*estava cansada, eu nunca gostei muito de reeleição, eu acho que tem que dar chance para outro, para mudar,... para renovar, dar chance para outro fazer um outro trabalho, um outro plano de governo.... mas mesmo sem conhecê-lo votei nele. Acompanhei o trabalho dele todinho, e na época achei que ele fez muita coisa por Vassoura. Na época ele deu uma mudança boa em Vassouras, até que todo mundo falava daquelas rodas, pichava muito, mas eu achei que aquele trabalho dele ali foi bom. Você vê que não muda, estão mantendo até hoje, mudou o trânsito, deu certo, o que eu mais me lembro. Fez mais coisas, o que eu mais me lembro, até que ficou com o nome aquela roda de Severino.*<sup>301</sup>

Severino realizou duas obras para melhorar o trânsito no centro da cidade de Vassouras, construindo dois retornos para facilitar o fluxo dos automóveis. Na época houve muita crítica por acharem desnecessária a referida construção, além de ser um projeto considerado “louco” por muitos. A obra seria batizada mais tarde como “rodas do Severino”. Para Maria de Lourdes Ribeiro Loureiro, vassourense, engenheira, a construção representou um avanço, tanto que se mantêm até hoje e há projeto para construção de outros dois.<sup>302</sup>

Depois de sua morte, na concepção de todos os entrevistados, foi deixada em Vassouras uma lacuna na parte política que os grupos políticos locais tiveram que reconstituir, até porque todos se sentiram em certo sentido “órfãos”.

Altair conseguiu através do seu jeito conquistar a população, que via nele a mudança, ou seja, acabar com o triângulo político (Carlos Mexias, Pedro Ivo e Dr. Narciso) que durante anos existiu em Vassouras.

Alguns entrevistados consideraram Altair um grande administrador que fez Vassouras crescer, desenvolver, em razão do apoio que tinha do governo estadual, e da facilidade de conseguir verbas para a cidade, além de ter administrado Vassouras após a Constituição de 1988 que liberou mais orçamentos para os municípios. Conseguiu, ainda, atingir parte da camada que Severino penetrava, ou seja, os distritos.

*“Vassouras teve uma política até 88 e uma totalmente diferente, fora do padrão após 88 com Severino Dias, que se tornou um mito e esse mito tão cedo não vai se apagar, em 2000 ele conseguiu, mas ali seria a volta do Severino, mas como não existia a pessoa do Severino, e os distritos não queriam em hipótese nenhuma o candidato apoiado pelo Pedro Ivo, nem o Renato, e acabou o Altair não foi só no centro da cidade, mas ganhou em todos os distritos, não perdeu em nenhuma localidade.*<sup>303</sup>

<sup>301</sup> Entrevista concedida por Leda Xavier Brandão a Cristiane Seabra em 21/10/2006.

<sup>302</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes Ribeiro Loureiro a Cristiane Seabra em 02/11/2006

<sup>303</sup> Entrevista concedida por Eurico Pinheiro Bernardes Junior a Cristiane Seabra em 27/10/2006

A proposta de César em 1988 era o eleitor ter a oportunidade de votar em um eleitor novo. Contudo, na análise de Marcus Pullig o candidato César obteve votos que ele considera como voto consciente, pois já naquela época os eleitores estavam mais interessados em votar em um político que lhe oferecesse algum favor, algum benefício.

Na visão do comerciante Paulo Roberto Arbex, mais conhecido como Pupu, o povo escolheu Severino e Altair porque desejavam que ocorresse uma mudança na política de Vassouras.

*“O povão tem critério para votação. (...)O povo quando votou em Altair em massa queria uma mudança., (...) o povo de Vassouras estava carente de tudo (...) Em 2000 o povo acreditava nele e queria uma mudança. (...) “Eu caracterizaria as eleições de 1988 e de 2000 como mudança”..”Até hoje o povo gosta de Severino, virou um mito “ ... O melhor prefeito para o povo foi Severino, mas para a cidade foi Pedro Ivo...”<sup>304</sup>*

Xaninho salientou que Severino implementou uma forma de se fazer política que hoje é passível de ser copiada. *“O perfil do Severino mostrou que dá para eleger e eles aprenderam”*.<sup>305</sup>

Wallace Tadeu, que está em seu 5º mandato como vereador, afirmou que as campanhas e articulações devem estar atentas à vontade do povo. *“Você tem que enxergar, ter o felling, enxergar o que o povo esta desejando, graças a Deus esses anos eu tenho conseguido enxergar.”*<sup>306</sup> E relatou ainda que:

*“Nas eleições de 1988 se você somar os votos de todos, ... se você ver a votação de Severino não chega a 30% por cento, o povo não queria Severino,... se você somar as oligarquias, se você somar os meus votos com a do César, nos éramos quem ganhávamos as eleições, era o que o povo queria.... O povo queria uma mudança, uma renovação. “Nas eleições de 1988 o povo queria uma renovação, não foi o Severino, quase que não dá Severino, quase que dá continuísmo, se nos tivéssemos nos unidos (César e Tadeu), ...nos ganhávamos a eleição. Eu tenho certeza que meus votos somariam a ele e os dele somariam a mim, eram votos iguais, tiravam adesivo meus e colocaram o dele,... fizeram o voto útil no César na reta final, tinha pesquisa.....se tivéssemos feito a união nós estávamos ai, a história política teria mudado, talvez Severino não tivesse morrido”. A história política mudou por um acaso.”<sup>307</sup>*

<sup>304</sup> Entrevista concedida por Paulo Roberto Arbex a Cristiane Seabra em 16/10/2006.

<sup>305</sup> Entrevista concedida por Maximiano Fraga de Souza a Cristiane Seabra em 15/10/2007

<sup>306</sup> Ibidem

<sup>307</sup> Ibidem

Na análise de Tadeu, os eleitores preferiram votar em César ao invés de eleger-lo. O que ele chamou de “voto útil”. Se formos analisar o sentido da expressão voto útil, podemos levar em conta o que, às vezes, os eleitores falam sobre a relação candidato/voto. Muitas vezes ouvimos falar: “Perdi meu voto”. Esta afirmativa retrata a situação do eleitor que votou em candidato que não se elegeu, logo interpreta-se que o voto foi perdido. Então, alguns eleitores preferem votar em quem está com mais chances de ganhar para não amargar o sentimento de perda de seu voto.

Na opinião da eleitora Célia de Almeida Pereira, *“Vassouras não tem mais um grupo como tinha no passado, hoje qualquer um que entrar, o povo não espera fulano vai ser candidato,...só sei que se chegar alguém, pode ser.”*<sup>308</sup>

Grande maioria dos entrevistados interpreta que Vassouras teve dois momentos políticos marcantes, a eleição de 88, que representou uma ruptura, e a eleição de 2000 que representou a mudança. Afirmam ainda que Vassouras teve um tipo de política até 1988 e outra a partir daí:

*“...encaro como renovadora, o povo esperava uma mudança total, é o momento da ruptura. Tem uma política antes de 88 e outra após 88. A de 2000 acho que é uma tentativa também de mudança, o povo queria uma mudança...”*<sup>309</sup>

A partir de *“1988 foi uma eleição para cá e um eleição para lá, fez tipo uma ruptura com as oligarquias, não respeitaram mais as oligarquias”*, na visão de Tadeu.<sup>310</sup>

*“As eleições de 88 foi o divisor, era o antes e o depois, e em 2000 o povo queria uma mudança, porque eles não tinham entendido 1996.” Então quando eles viram Pedro Ivo apoiando José Maria, e José Maria foi bem votado, teve cinco mil e poucos votos, mas é porque o outro teve dobro. Foi justamente a mudança radical*<sup>311</sup>

*“Em 88 votei no Severino para acabar com aquele continuísmo. Em 2000 votei no Altair por causa de uma mudança. A de 88 foi, a de 2000 não. Eu não vi mudanças, honestidades, o que se esperava que acontecesse, não aconteceu. Se o Severino não tivesse morrido eu continuaria votando dele. O governo do Severino foi lento, lerdo, mas estava acontecendo alguma coisa.”*<sup>312</sup>

---

<sup>308</sup> Entrevista concedida por Célia de Almeida Pereira a Cristiane Seabra em 01/11/2006

<sup>309</sup> Ibidem

<sup>310</sup> Entrevista concedida por Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal a Cristiane Seabra em 16/10/2006.

<sup>311</sup> Entrevista concedida por Fernando Antônio do Amaral a Cristiane Seabra em 22/10/2006

<sup>312</sup> Entrevista concedida por Tânia Rodrigues a Cristiane Seabra em 27/10/2006.



*“A eleição de 2000 foi o povo com a vontade de recuperar o tempo perdido, e votar num candidato que pudesse modificar alguma coisa.”<sup>313</sup>*

*“Vassouras teve uma política até 88 e uma outra depois, a mudança foi radical, eu acho que não volta mais.”<sup>314</sup>*

Pedro Paulo Andrade, vereador, e Maria de Lourdes Loureiro, atualmente chefe do cartório eleitoral, acrescentam que:

*“ Sofreu uma mudança significativa, a eleição de Severino foi um marco, foi um divisor de águas, porque qualquer cidadão pode ser prefeito de Vassouras, rompeu o continuísmo, rompeu o tradicionalismo, só filho de Vassouras, só de família tradicional pode ser prefeito de Vassouras, não, hoje qualquer cidadão pode ser prefeito de Vassouras, desde que convença a população, acho que quebrou esse o continuísmo, quebrou o tradicionalismo que é mais difícil, é mais enraizado, mais difícil de quebrar e de romper. A eleição do Altair trás uma pouco do Severino sim, talvez se o Severino se estivesse vivo, talvez não existisse Altair. Não existisse quero dizer eleito, ele poderia ter sido candidato, ser candidato outra vez e não ter logrado êxito com Severino vivo. Com o Severino falecido acho que ele conseguiu chamar para si essa votação, esse carisma, esse carinho, que o povo mais simples, principalmente mais humilde tinham com o Severino, não só nos distritos, mas a cidade também. Altair é uma pessoa muito querida. Concordo plenamente, podemos dizer que temos uma política até em 1988 e uma nova política a partir de 1988, e outra política, completamente diferente, volto a dizer você tinha de ser de família tradicional, tinha que ser nascido em Vassouras, para ser prefeito, você pega os quadros dos prefeitos de Vassouras lá na Câmara, um por uma e você vai ver, todos de família tradicional, todos nascidos em Vassouras, todos de Vassouras, de repente entra um Severino da vida e de repente entra um Altair da vida, que vão destoar<sup>315</sup>*

*“A eleição de 88 não tem só um ponto, é uma nova forma de fazer política porque atingiu a um eleitorado, que hoje o pessoal é mais preocupado, qualquer candidato é mais preocupado de convencer a sua empregada de que convencer a você. Isso é uma forma, a outra é que eles achavam que o Severino era um mané que não ia conseguir nada, ele ganhou pelo povo (...). Você tem que está imbuído e querer fazer, você tem que ter a intenção. Vassouras teve uma política até 88 e depois mudou, a população acha que é excelente, que mantém, teve uma tentativa de mudança com o Altair, que eu acredito que em 2000 ele não comprou votos, se comprou foi muito pouco...e em 2000 foi a mudança, mas que acabou e ele não correspondeu, e se ele teve dez mil votos em 2000, ele tinha o dever moral de em 2004 não ter candidato para concorrer com ele.”<sup>316</sup>*

Os ex-prefeitos de Vassouras, Pedro Ivo, Renato Ibrahim e Altair Paulino encaram as eleições de 1988 e 2000 como:

<sup>313</sup> Entrevista concedida por Raul de Ávila Martins a Cristiane Seabra em 11/11/2006.

<sup>314</sup> Entrevista concedida por Arthur de Ávila Freire a Cristiane Seabra em 31/10/2006.

<sup>315</sup> Entrevista concedida por Pedro Paulo Andrade dos Santos a Cristiane Seabra em 17/10/2006.

<sup>316</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes Ribeiro Loureiro a Cristiane Seabra em 02/11/2006.

*“A eleição de 88 foi considerada a mudança do estilo de fazer política, a de 2000 o povo mudou que queria uma mudança.”<sup>317</sup>*

*“Como considera as eleições de 1988 e 2000: “Eu acho que foi um marco político da consciência do povo Vassourense de mudança.”<sup>318</sup>*

*“A eleição que Altair ganhou já era certa, eu caracterizo como uma mudança, o povo queria uma mudança. Comparo com a de 1988 como uma mudança também.”<sup>319</sup>*

Sertório acrescenta:

*“Vassouras teve uma política até 88 e outra depois de 88, os atos políticos são diferenciados, a partir de 88. Em 2000 o povo foi para o lado do Altair devido ao desgaste do Pedro Ivo, ...o Pedro Ivo se desgastou em função de ter deixado o Marcus Pullig aqui, era o gestor da causa pública municipal era o Marcus Pulig.”<sup>320</sup>*

Na visão de D. Nair e Antonio Chagas, o que aconteceu foi o seguinte:

*“Concordam plenamente que tinha uma política antes de Severino e outra pós Severino. E a eleição do Altair foi uma mudança, mas ele se estragou porque ele foi bem votado, mas não soube aproveitar, e em vez dele se preocupar em fazer o trabalho dele como Severino trabalhava, de como tem que ser um trabalho político, ele foi jogar sujo, e hoje em dia o pessoal, o eleitor não quer mais sujeira debaixo do tapete não. O povo de Vassouras, vota diferente, e que o Severino implementou uma nova forma de fazer política. Severino começou na roça e levantou o distrito, começou em Ferreiros e Andrade de Pinto. A campanha feita pelo Pedro Ivo, pelo Dr. Narciso se preocupavam mais com o centro. ...Não ligavam muito para os distritos não, quem ligou foi Severino de Ananias Dias..., cada dia nós íamos para um distrito,.. e no entanto foi Andrade Pinto que Severino se elegeu.... Porque a política anteriormente era feita só no centro, ...ninguém ligava, foi o Severino quem pegou Ferreiros, Andrade de Pinto, Andrade de Pinto que o elegeu, foi Severino quem fez com que os políticos se preocupassem com os distritos.”<sup>321</sup>*

Já na visão de Roberto Rosa:

*.. “A eleição de 2000 foi uma mudança, mas não foi uma mudança provocada pelo político e sim pela opinião do povo, porque há uma diferença quando o político faz a mudança e quando é o povo. A eleição de 88, foi o homem, foi o Severino que mudou, e a de 2000 foi o povo, muito voltado para o episódio Severino.”<sup>322</sup>*

Na visão de Wallace Tadeu a ruptura não ocorreu em 1988, mas em 1992. Vejamos:

---

<sup>317</sup> Entrevista concedida por Pedro Ivo da Costa a Cristiane Seabra em 27/10/2006.

<sup>318</sup> Entrevista Concedida por Altair Paulino de Oliveira Campos a Cristiane Seabra em 20/10/2006

<sup>319</sup> entrevista concedida por Renato Antônio Ibrahim a Cristiane Seabra em 22/10/2006.

<sup>320</sup> Entrevista concedida por Francisco Sertório Filho a Cristiane Seabra em 27/10/2006.

<sup>321</sup> Entrevista concedida por Nair Moraes Jordão e Antônio Chagas de Araújo a Cristiane Seabra em 26/10/2006

<sup>322</sup> Entrevista concedida por Roberto Rosa a Cristiane Seabra em 24/10/2006.

*“Quando em 1992..., Narciso perdeu para Renato Ibrahim, a maior ruptura foi, ali ceifou mesmo a ruptura, lá o cara passou a faquinha do barbante e deixou ele puido em 1988 e em 1992 passou o barbante. Aquilo ninguém dizia que Renato ia ganhar, nós elegemos sete vereadores, o PDT que apoiava o Renato. Ninguém acreditava, nós fizemos a maior bancada. A ruptura foi ali. Lá passou só a giletinha e deixou pendurada, em 1988 começou e em 1992 fez assim, porque ali é o resquício do Severino.”<sup>323</sup>*

Em que pese a detida observação do vereador Wallace Tadeu, tendemos a discordar, pois o candidato Renato Ibrahim foi vitorioso, em grande medida, em razão do apoio recebido por parte de Severino, que implementou uma ruptura já em 1988.

Segundo Jorge Iberê, o resultado das eleições de 2000 causou surpresa, devido ao número de votos que Altair Paulino recebeu. Ele como candidato a vereador pelo partido de José Maria, considerava que a eleição estaria equilibrada.

*“Eu acho que essa votação para qualquer um foi surpreendente devido o número de votos, eu achei que a eleição fosse uma eleição mais páreo a páreo, foi uma diferença muito grande, foi uma votação histórica, foi a maior votação, não houve outra. Não acredito que o Altair tentou copiar o Severino. “Isso aí para mim é inexplicável, porque ele tinha o apoio do prefeito e a maior parte dos vereadores estava com o José Maria, eu não sei se houve facilidade, acreditou que ganharia devido a esse apoio e o Altair começou a fazer o corpo a corpo e isso aí também influi muito.”<sup>324</sup>*

Altair explica como foi feito o seu mandato, bem como o caminho para a primeira reeleição em Vassouras:

*“Como eu vinha fazendo um bom trabalho, era a primeira vez que ia ter reeleição, olha como era a história política de Vassouras, Severino quebrou aquele mito do vai e volta, ele morre e eu ocupo este espaço, me elejo com aquela votação esmagadora, de fora, sempre me chamaram de forasteiro, a oposição sempre me chamou de forasteiro, assim como chamavam a Severino de forasteiro, esse era o adjetivo que eles usavam para mim. Como eu vinha crescendo, eu tinha um bom relacionamento com do governo do Estado, só com os recursos de Vassouras, não dá para fazer um bom governo, trazia muitos recursos, diferente do Severino que não tinha o apoio do governo e eu tinha o apoio do governo estadual e sabia como buscar no Governo Federal. Trazia recursos tanto do Estado como do Governo Federal.”<sup>325</sup>*

---

<sup>323</sup> Entrevista concedida por Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal a Cristiane Seabra em 16/10/2006

<sup>324</sup> Entrevista concedida por Jorge Iberê a Cristiane Seabra em 26/10/2006.

<sup>325</sup> Entrevista concedida por Altair Paulino de Oliveira Campos a Cristiane Seabra em 20/10/2006.

Justificando a existência do assistencialismo, Ricardo Carvalheira pontuou que esse tipo de prática é mesmo necessária, devido a dificuldade de administrar o Município em razão de sua grande extensão territorial:

*“Precisa de um assistencialismo, precisa, e o que o Severino fazia era uma boa política para a nossa região, para a nossa cidade, nós temos uma cidade com quinhentos e cinquenta mais ou menos quilômetros quadrado, com divisa, com o dedo dentro de oito municípios, Ipiranga é dentro de Barra do Pirai, Andrade de Costa é dentro de Paraíba do Sul, Vargem é dentro de Miguel Pereira, e assim sucessivamente, Lacerda é dentro de Valença, então são braços, ...Vassouras tem três por cento da arrecadação de Volta Redonda e eles com dez por cento só da nossa parte física. Administrar Vassouras é uma pedreira, parece fácil, a gente critica que está fora, mas não é mole quando está lá dentro. Só quando está lá dentro e aí Altair deu um banho, Altair fez a diferença. Um ia trabalhar só com o pobre e outros trabalhar só com os recursos. Aí que acho que é o diferencial dos dois eu acho que os maiores políticos de Vassouras foram o Altair nessa área e o Severino na outra.”<sup>326</sup>*

Por ter sido amigo de Severino Dias e vice-prefeito do governo Altair Paulino, Ricardo Carvalheira analisou que se tivesse ocorrido a união entre a maneira de administrar de Altair e o assistencialismo de Severino Dias, o município só teria a ganhar.

Roberto Rosa pontua que a postura dos eleitores favorece o assistencialismo.

*“Infelizmente a gente pensa que a corrupção maior é dos políticos, é maior em dinheiro, em número de dinheiro, mas em quantidade dentro do povo a corrupção é muito maior, porque o povo se deixa vender. Porque no Brasil nós não perdemos a eleição pessoalmente é o sistema que nos derrota, quando eu ia nos debates públicos eu era muito aplaudido, eu tive pessoas e parentes, inclusive do Pedro Ivo, que me parabenizavam na rua pelo programa que eu apresentava, um dia eu inclusive falei você está me parabenizando, então você vai votar em mim, não eu não posso sou parente do outro candidato. O voto do brasileiro não é um voto dado para a capacidade da pessoa, não é que os outros não tenham capacidade, tem também, não é dado pela capacidade, não é dado por nada, é por apadrinhagem, fulano prometeu emprego, o fulano é amigo do amigo do meu amigo, fulano é meu parente, então o povo acha que esses são realmente os valores ideais para eleger um cidadão para vereador, então a gente vê as maiores discrepâncias que existem, às vezes um homem inteligente, um homem culto não ter voto nenhum, e um homem que é do povo, um Zé mane qualquer ser muito votado, porque bebe cachaça junto, porque fala bobeira junto. Então eu acho que o sentido de eleição, não é visto, não por uma classe como a nossa, mas por uma classe mais baixa, não é visto realmente como um fato que possa modificar a vida dele, ele*

*acha que entre quem quiser lá dentro é a mesma coisa, o povo não tem consciência do que pode influir na vida dele.”<sup>327</sup>*

<sup>326</sup> Entrevista concedida por Nilo Ricardo Carvalheira a Cristiane Seabra em 07/11/2006.

<sup>327</sup> Entrevista concedida por Roberto Rosa a Cristiane Seabra em 24/10/2006.

O depoimento de Roberto Rosa reforça a idéia do voto como moeda de troca. Segundo o entrevistado, o eleitor brasileiro não tem a real noção da importância de seu voto, comprometendo-se a votar em alguém em razão de laços de afetividade, parentesco ou porque lhe foi prometido algum favor. Concordamos com o pensamento de Roberto Rosa, porque perceber que eleitores negociam seus votos é não tarefa difícil, mesmo porque muitas vezes estes confessam seus interesses a qualquer um. Há também eleitores que não acreditam na política, mas como são obrigados a votar escolhem um candidato que melhor os afeioe ou que estejam se destacando em determinada conjuntura. Quantas pessoas, por exemplo, votaram no político Enéas porque estavam envolvidas pelo bordão “Meu nome é Enéas?” Ou ainda, quantos eleitores da cidade do Rio de Janeiro votaram no macaco Tião que vivia no zoológico daquele município e fazia muito sucesso entre seus visitantes? Ao votar em ambos o eleitor demonstrou sua insatisfação com os candidatos que disputavam o pleito.

Na visão de Roberto Rosa, o brasileiro tem uma tendência ao voto oposicionista, ou melhor, ao voto contra, às vezes até mesmo sem justificativa.

*“A mania do brasileiro, e Vassouras está dentro dessa também, o brasileiro adora votar contra. ...Você não vê ninguém dizer vou votar no fulano porque ele é muito bom. Você vê a maioria dizendo eu vou votar contra fulano. Não é só em Vassouras, de uma forma geral você consegue muito mais votos contra alguém, contra alguma coisa do que a favor ...o brasileiro vota contra.”<sup>328</sup>*

Já César Furtado atribui que Vassouras precisa crescer economicamente para começar a votar de forma mais consciente.

*“Eu ainda não estou consciente que o povo tenha essa visão, que a maioria do povo tenha uma visão que vai votar numa pessoa que vai trazer um desenvolvimento, a cidade precisa crescer um pouco mais, precisa de um outro órgão empregador como a universidade, é preciso que alguém fale eu vou trazer para cá uma fábrica de fazer biscoito, que vai dá 500 empregos, e a cidade vai girar em função dessa fábrica de biscoito, esse político eu não vejo em Vassouras, então eu votaria numa pessoa que trouxesse para gente essa esperança, eu não vejo isso. O único que ainda resta, que tem o clientelismo, é o Pedro Ivo, se o Pedro Ivo retornar ele tem os votos dele que ele teve em todas as fases que ele se candidatou e foi eleito prefeito de Vassouras. Eu considero que ele é o candidato. Se Severino não tivesse morrido, ele continuava sem dúvida, eu considero o Severino o mais popular de todos.”<sup>329</sup>*

---

<sup>328</sup> Ibidem

<sup>329</sup> Entrevista concedida por César Matoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006.

Tanto Roberto Rosa quanto César Furtado são enfáticos na questão da consciência do voto. Os entrevistados percebem que os eleitores não analisam a real capacidade do candidato, se os projetos de sua campanha são viáveis, se através deles é possível algum desenvolvimento. Opinião que também comungamos.

Pedro Ivo, Roberto Rosa e Arthur Freire entendem que o clientelismo crescente é extremamente prejudicial para a política:

*“A política era mais saudável, muito mais difícil talvez seja hoje, hoje é muito profissional, você não vê idealismo, o cara que saber quanto é o orçamento, quanto eu vou ganhar, o candidato vereador quer saber quanto ganha um vereador....”<sup>330</sup>*

*“Precisamos que exista uma mudança, que fortaleça os partidos, que o mandato seja do partido e não nosso, pois o clientelismos está forte....a ideologia partidária acabou.”<sup>331</sup>*

*“O clientelismo sempre houve em todo e qualquer lugar, até hoje você vê as negociações que se fazem para ganhar uma eleição, os pedidos de secretaria, eu te apoio, mas você tem que me dar a secretaria tal,.. então isso já desfigurou, mas é o que você vê hoje em dia, um político com influencia apoiando uma secretaria para dar apoio a um candidato, então quando o candidato ganha a administração dele fica desfigurada, não adianta fazer um programa, porque quando ele chega ao governo ele tanto compromisso, que ele não tem como cumprir e fazer o governo como ele queria, porque ele se ele não fizer esses acordos ele não tem condições de ganhar eleição nenhuma, isso em todas as camadas estadual, federal em tudo.”<sup>332</sup>*

Conforme foi visto ao longo desse capítulo, Vassouras durante esses vinte anos (1980-2000) passou por transições políticas impactantes. A princípio, a política girava em torno da permanência de um forte triângulo político, depois com o surgimento de novos atores políticos este triângulo começou a se enfraquecer. Para uns o enfraquecimento começou em 1982, com a candidatura de Marlos França e Américo Carvalho e para outros em 1988, com a vinda do PFL, que lançou Severino Dias. Devemos considerar também a concorrência de outros candidatos como César Furtado que teve sua candidatura calcada na implementação de algo novo, ou seja, não foi formada por pessoas que tivessem sido candidatos anteriormente. Severino Dias, apesar das críticas que sofreu, conseguiu fazer seu sucessor, além de marcar sua passagem meteórica por Vassouras. A vitória de Pedro Ivo nas eleições de 1996 reacendeu a intenção da manutenção do poder, mas para isso era

<sup>330</sup> Entrevista concedida por Pedro Ivo da Costa a Cristiane Seabra em 27/10/2006.

<sup>331</sup> Entrevista concedida por Arthur de Ávila Freire a Cristiane Seabra 31/10/2006.

<sup>332</sup> Entrevista concedida por Roberto Rosa a Cristiane Seabra em 24/10/2006.

preciso lançar um novo candidato. Entretanto, essa intenção se dissipou com o surgimento de Altair Paulino que representaria uma mudança que todos os vassourenses ansiavam.

A política de Vassouras assumiu características diferentes e atualmente não existe um tradicionalismo dominante e as lideranças existentes permanecem em constante articulação tentando evitar surpresas que possam ocorrer por ocasião das eleições. Entretanto, o poder de decidir quem governa ainda é do povo.

Encerramos com um trecho da entrevista de Américo Carvalho quando cita o Senador Francisco Dornelles, para quem *“a política é arte de saber engolir sapos, adversários de antes, aliados de hoje. Então na política você nunca pode estabelecer que fulano é inimigo de sicrano, porque quando os interesses se unem, se aglutinam, os adversários se unem.”*<sup>333</sup>

## CONCLUSÃO

---

<sup>333</sup> Entrevista concedida por Américo da Silva Carvalho a Cristiane Seabra em 09/11/2006.

Ao iniciar a construção desta dissertação foi evidenciado que existe uma grande lacuna no que diz respeito à história política contemporânea de Vassouras. Através de uma pesquisa com recortes precisos, foi possível a construção deste trabalho, cujo objetivo central é contribuir para a escrita desta história.

Para viabilizar esta proposta, o capítulo I abordou a política nacional e estadual implementadas em nosso País, entre 1980 e 2000. Nele foi elaborado um item voltado para a análise das eleições em Vassouras, no qual são organizados e examinados dados estatísticos de cada eleição do período proposto. Já no capítulo II, iniciado com as biografias de Severino Dias e Altair Paulino foram analisados os bastidores da política vassourense.

Ao longo da dissertação foi possível perceber a dinâmica eleitoral local, compreendida no período de 1980 a 2000. A problemática que conduziu esta dissertação pautou-se em dois momentos singulares na política do município. O primeiro momento configurou-se com a vitória do candidato Severino Dias para prefeito nas eleições de 1988. Conforme foi demonstrado, tal vitória não se deu exatamente em razão do repúdio da população aos outros candidatos, foi antes produto de subestimação dos próprios adversários políticos de Severino. O segundo momento ocorreu nas eleições municipais de 2000, quando o candidato Altair Paulino de Oliveira Campos obteve expressiva votação, o que foi interpretado neste trabalho como um anseio de mudança na política local por grande parte da população.

Até então, a política em Vassouras seguia uma dinâmica particular. Desde a época dos barões do café é possível identificar um determinado grupo se revezando no poder. Carlos Eugênio Mexias, Pedro Ivo da Costa e Narciso Silva Dias mantiveram um poder estruturado durante mais de 20 anos. E nesta questão, vale a pena lembrar o que Marcus Pullig, um dos entrevistados nesta pesquisa pontuou: “Era um revezamento, não era uma alternância de poder.”<sup>334</sup> Opinião que comungamos porque os governos seguiam uma mesma linha e, em que pese a existência de algumas divergências políticas e até mesmo pessoais, havia um comportamento político cavalheiro, bem como a forma de se fazer política se assemelhava. Talvez este comportamento esteja relacionado à impossibilidade

---

<sup>334</sup> Entrevista concedida por Marcus Pullig Ferreira Gomes a Cristiane Seabra em 20/01/2007.



de inexistir reeleição e também pela ausência de outras lideranças políticas que representassem risco ao esquema em funcionamento. As lideranças estavam bem delineadas, todos no município conheciam bem a figura dos políticos Mexias, Pedro Ivo e Narciso, não havia espaço para outros. Mas porque não havia espaço?

Consideramos, a partir das entrevistas realizadas, que as lideranças políticas do município, além do prestígio pessoal que desfrutavam, lançavam mão de práticas clientelísticas o que lhes garantiam votos em troca de benefícios pessoais concedidos aos eleitores. Através da estrutura política em funcionamento, do acesso aos órgãos públicos, os políticos beneficiavam seus eleitores, agilizando internações em hospitais, benefícios previdenciários, aposentadoria, pendências judiciais, bolsas de estudo, entre outros.

Historiadores e cientistas políticos nacionais e estrangeiros há muito estudam e tentam explicar o clientelismo nas suas mais diferentes formas. Mais especificamente no estado do Rio de Janeiro, o clientelismo foi alvo de um aprofundado estudo realizado por Eli Diniz que mostrou a influência do partido oposicionista MDB, surgido em 1965 com a implementação do bipartidarismo, a partir da política de clientela.

Em Vassouras, os representantes do MDB, que após 1979 passou a ser PMDB, eram Carlos Eugenio Mexias, mais conhecido como Carlinhos Mexias, e Pedro Ivo da Costa. Ambos tabeliães de Ofício de Justiça e envolvidos com trabalhos sociais, acabaram desenvolvendo um vínculo com seus eleitores, no qual funcionavam como mediadores, o que substituíam o acesso direto do eleitor a órgãos públicos, por exemplo, estabelecendo dessa forma uma relação de favor e proteção. Por outro lado, Narciso Silva Dias, filiado ao partido governista PDS, posteriormente ARENA, era professor e proprietário de um colégio em Vassouras, muito conhecido pelo seu primeiro nome Ginásio de Vassouras. Segundo relatos dos entrevistados, Narciso Silva Dias, através da concessão de bolsas de estudo, teria conquistado a lealdade e compromisso da família de muitos de seus alunos. Naquele período, estes eram os atores políticos que se destacavam no Executivo municipal.

Não havia abertura para outras pessoas penetrarem nesta seara a não ser que fossem convidadas.

Após o fim do bipartidarismo em 1979, contudo, começou a surgir de forma inibida novas legendas partidárias e novos atores políticos, que perceberam a possibilidade de disputar um espaço na política local.

Esta movimentação começou a ocorrer em todo o país e em Vassouras não foi diferente. O Estado do Rio de Janeiro foi pioneiro e logo nas eleições estaduais de 1982 os reflexos foram sentidos com a eleição de Leonel Brizola. Vassouras, no entanto, manteve a tradição até 1988, quando na eleição municipal elegeu um “ilustre desconhecido”<sup>335</sup>, assim denominado por muitos.

Levando-se em conta pelo menos 20 anos de revezamento ininterrupto, era pouco provável para os tradicionais políticos da época que alguém conseguisse quebrar tal hegemonia. Carlos Eugenio Mexias, Pedro Ivo da Costa e Narciso Silva Dias eram os políticos que se revezavam e não se sentiam ameaçados por outros políticos que porventura surgissem.

Em 1982 surgiram dois novos atores políticos que registraram suas candidaturas e disputaram o governo municipal, tratava-se de Marlos Elias França e Américo de Carvalho. Ambos não obtiveram êxito em suas tentativas, mas mostraram que era possível tentar. A candidatura de Marlos França e Américo de Carvalho sequer abalou a tradicional política vassourense.

Em 1988, contudo, os desdobramentos foram diferentes. Surgiram outros políticos interessados em disputar espaço com os grupos que tradicionalmente ocupavam o poder. Parte da classe média da sociedade apoiava dois novos candidatos, César Furtado e Wallace Tadeu. A camada menos favorecida empolgou-se com Severino Dias, um nordestino recém chegado na cidade, a quem a maioria da população desconhecia. Já os eleitores que seguiam à política tradicional ficaram com Pedro Ivo da Costa.

Ingressar na política vassourense não parecia tarefa fácil, tanto que, a campanha de Severino Dias foi regada de favores e benefícios pessoais. Conforme foi visto, Severino Dias é considerado por muitos dos entrevistados como um político que teria inovado na forma de fazer política, sobretudo no seu contato direto com os eleitores mais pobres. Mas,

---

<sup>335</sup> Entrevista concedida por César Mattoso Furtado a Cristiane Seabra em 21/10/2006.

é importante ressaltar, ao colocar-se mais próximo da população, reduzindo vocabulário, apresentando comportamentos mais humildes, tentando mostrar-se como uma pessoa do povo, ele acionou as mesmas práticas clientelísticas utilizadas pelos políticos que tradicionalmente se revezavam no poder, talvez com um pouco mais de carisma.

O resultado inesperado deu a Severino a vitória e ao tradicional grupo atuante no município a surpresa da primeira derrota após 20 anos de controle da política local.

Severino e seu partido político se valeram da política de clientela para conseguir penetrar em um campo quase intransponível, mantido ao longo de 20 anos. O ex-cozinheiro da Manchete usou as mesmas estratégias acionadas por seus adversários políticos. Além da existência de um certo repúdio da população aos candidatos que se revezavam no governo municipal e o anseio de mudança, deve-se considerar principalmente o fato de Severino ter sido subestimado por seus adversários. Em que pese, hoje, algumas lideranças políticas da época negarem ter havido subestimação, os próprios relatos dos entrevistados levam a crer que havia no mínimo uma despreocupação com o candidato que, dentre vários apelidos, o mais comum era cozinheiro, sua profissão anterior. Para os tradicionais políticos vassourenses a perda de uma eleição para alguém que não tivesse um estruturado passado político e quanto mais alguém com uma profissão tão singela era uma possibilidade remota.

No decorrer da campanha, a força de Severino começou a ser mostrada na cidade. A princípio, o cozinheiro, semi-analfabeto, nordestino, que supostamente não oferecia perigo começou a se tornar um adversário preocupante. Quanto à política assistencialista de Severino, esta era uma de suas estratégias feita de forma aberta, todos viam, todos sabiam. Semelhante explicitação não era realizada pelos políticos tradicionais que também se valiam dos benefícios da barganha de votos, entretanto de forma velada e, como disse o entrevistado Carlos Roberto Ganhadeiro, *“antes as pessoas compravam (voto), mas era a elite, ninguém pode falar, a elite é imaculada”*<sup>336</sup>.

Outro político apontado por empreender práticas barganhas foi Narciso da Silva Dias. Através do colégio de que era proprietário Narciso da Silva Dias construiu uma rede de relações com os alunos e seus respectivos pais que envolvia concessão de bolsas de estudo. Não havia necessariamente o envolvimento da máquina pública, mas havia uma

---

<sup>336</sup> Entrevista concedida por Carlos Roberto da Silva Ganhadeiro a Cristiane Seabra em 28/10/2006

ampla abertura desta política de relacionamento, todos tinham noção de que havia uma grande distribuição de bolsas de estudo. Tal prática gerou um sentimento de agradecimento e fidelidade dos pais e alunos e todas as vezes que Narciso Silva Dias se candidatava, eram emitidas cartas comunicando sua candidatura.

A política de distribuição de benesses e favores também foi acionada por Carlos Mexias e Pedro Ivo que seguiram as linhas do clientelismo propriamente dito, porque a vinculação ocorria junto aos órgãos públicos.

Os adeptos da política tradicional iniciaram um movimento de repúdio ao prefeito eleito e também preparatório para as próximas eleições, em 1992. Não foram frutíferos mais uma vez. Severino Dias, com sua popularidade, conseguiu fazer seu sucessor, Renato Ibrahim.

O governo de Renato Ibrahim foi marcado pelo rompimento repentino com Severino Dias. Aos olhos dos entrevistados foi um governo que, nos dois primeiros anos, foi avaliado positivamente pelos eleitores, o mesmo não ocorrendo no restante do mandato.

O assassinato de Severino Dias mudaria mais uma vez os rumos da política local. Com este fato as articulações políticas em Vassouras tomariam um novo rumo, novos atores surgiriam e a união de dois antigos rivais, Pedro Ivo da Costa e Narciso da Silva Dias, foi utilizada para o retorno dos grupos tradicionalmente atuantes ao poder, porém com a idéia de se constituir um sucessor. Apesar do grupo tradicional ter sido vitorioso no pleito de 1996, não desenvolveu um governo que pudesse ser sustentáculo para manter-se no poder. O governo foi marcado por uma grande corrupção financeira que maculou a imagem de alguns representantes do grupo tradicional e, por consequência, o candidato apoiado pelo governo não obteve sucesso nas urnas.

Altair, que havia saído como vítima da eleição de 1996, conseguiu durante os quatro anos seguintes estruturar uma campanha nos moldes de Severino e atingir boa parte da população vassourense, valendo-se ainda do desprestígio experimentado pelos políticos envolvidos no governo Pedro Ivo.

A eleição de 2000 pode ser encarada tanto como uma resposta dos eleitores às acusações de corrupção do governo anterior quanto um profundo anseio de mudança com

toda política anteriormente experimentada. Altair se mostrou com idéias inovadoras, era jovem, não fazia parte do grupo tradicional, desfrutava do crédito de ter sido considerado bom secretário de saúde no governo Renato Ibrahim, além de ter implementado uma campanha que atingiu tanto as classes mais baixas quanto a mais alta.

Ao analisar as hipóteses levantadas nesta pesquisa nos deparamos com outros questionamentos, pois apesar de vários entrevistados afirmarem que Severino foi subestimado pelos seus adversários, os concorrentes dele na época insistem em dizer que temiam a ele, que sabiam do seu potencial, e alegam que sua vitória somente ocorreu devido à nova forma de política introduzida pelo mesmo na cidade, qual seja, a compra de votos. Altair Paulino também foi alvo de valer-se de uma política assistencialista e em razão disso, alcançou o poder.

Conforme foi visto, essas afirmações não procedem. Evidenciou-se que a política de Vassouras, tradicionalmente vem sendo marcada por troca de favores. Talvez a grande diferença resida no fato de que durante muito tempo, e sobretudo pela elite política local, práticas de natureza clientelísticas eram acionadas de forma velada, por debaixo dos panos, como se diz popularmente. E o ingresso de novos atores na política local, longe de ter rompido com barganhas dessa natureza as tornaram mais explícitas.

A sedução do eleitor geralmente se inicia quando este resolve se alistar como tal. Há uma facilitação por parte dos políticos que providenciam cópias dos documentos necessários e até levam os pretensos eleitores até a Justiça Eleitoral para que possam ter seu título de eleitor emitido. Em Vassouras, é muito comum esta prática principalmente junto aos moradores da zona rural que tem a falsa noção de que o acesso é difícil, seja por medo de entrar em uma repartição pública ou em razão da escassez de meios de transporte. A partir deste momento inicia-se todo um relacionamento que põe em risco a construção de um pensamento voltado para as ideologias político-partidárias.

Os eleitores submetidos a esses esquemas deixam de exercer direitos garantidos pela Constituição Federal e fazem de seu voto uma moeda de troca, principalmente a parte da população de poder econômico mais baixo e com menor grau de escolaridade.

Essas práticas geram graves conseqüências para a efetivação do modelo democrático, uma vez que o voto não representa a tradução de escolhas baseadas em afinidade ideológicas.

Da mesma forma, esta dinâmica embora não inviabilize, condiciona a experiência dos partidos políticos que, muitas vezes, sequer contam com um diretório municipal permanente com um local para atendimento e esclarecimento de seus adeptos. As filiações partidárias assim são feitas no último prazo para as eleições. Sem contar que por muitas vezes o mesmo grupo de pessoas comanda diferentes partidos políticos, em que pese os próprios políticos admitirem que esta prática vai de encontro ao objetivo da entidade partidária e, apesar de contribuírem para tal, não se definem com apreciadores.

Deve-se considerar também que Vassouras trabalha com a existência de grupos políticos, ou melhor definindo, uma elite política. O candidato que pretende ter sucesso nas eleições necessita filiar-se a um desses grupos políticos. A candidatura independente por um partido isolado não existe. O maior exemplo disto foi a coligação do PT a outros partidos cujas ideologias são dessemelhantes.

Outro fator muito comum é o troca-troca de filiação partidária no meio político. Num primeiro, momento para garantir a eleição. Os políticos milimetricamente analisam as chances de votos em cada partido, levando-se em conta quem está mais forte ou o partido que está mais em voga, fazendo as coligações consideradas mais vantajosas. Após eleição, percebe-se claramente que o objetivo é estar no partido que acompanhe a tendência estadual, no intuito de obter o apoio do governo.

Recentemente, o Tribunal Superior Eleitoral respondendo a uma consulta feita pelo Partido da Frente Liberal – PFL deliberou que o mandato pertence ao partido e não ao candidato. A decisão não foi inovadora, apenas confirmou e consolidou o entendimento já definido na Constituição Federal e em leis ordinárias. Caso efetivamente ela seja posta em prática, é de se esperar a valorização dos partidos e das ideologias partidárias, o respeito por parte dos políticos em relação à sigla que os elegeram e a mudança do papel do voto por parte dos eleitores.

Através das entrevistas realizadas conseguimos perceber uma ansiedade com relação ao destino político da cidade de Vassouras nas próximas eleições.

Tal ansiedade funda-se nos acontecimentos das eleições de 2004, que não foram objeto de nosso estudo.

O político Altair Paulino conseguiu reeleger-se em 2004, entretanto teve seu mandato cassado e foi decretada sua inelegibilidade por três anos a contar da data da eleição. Vários recursos foram interpostos nos processos que geraram a cassação, culminando com decisão do Tribunal Superior Eleitoral, em fevereiro de 2006, confirmando a sentença que cassou o mandato de Altair Paulino. Quem assumiu o cargo de prefeito da cidade foi Eurico Bernardes Junior, ex-prefeito da cidade de Paty do Alferes.

Em 2004, houve a primeira reeleição de um candidato na história de Vassouras, porém esta foi interrompida. Especula-se atualmente se Altair Paulino tentará novamente a candidatura a prefeito da cidade e também se Eurico Junior, principal adversário de Altair Paulino, concorrerá à reeleição.

Visualizamos hoje dois grupos políticos atuando na cidade, o grupo de Altair Paulino, que sofreu facções em razão de sua cassação, e o grupo de Eurico Junior. Vale ressaltar que parte dos representantes da política tradicional apóiam Eurico Junior, como por exemplo Pedro Ivo da Costa.

O resultado do próximo pleito e os rumos que a política municipal tomará é ainda uma página em branco a ser escrita.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Fontes Primárias:

Imprensa:

Jornal Tribuna do Interior

Jornal Tempos

Jornal O Visual

Jornal O momento (João Pessoa – PB)

Jornal do Brasil

Jornal de Hoje

Jornal de Vassouras

Arquivo particular de Ângela Nogueira de Paula Dias:

KUBITSCHEK, Sarah. Carta a Severino Ananias Dias. [Rio de Janeiro]. [s.n.].1980.

Livro de Atas da 41ª Zona Eleitoral – Comarca de Vassouras.

Site do TSE - Tribunal Superior Eleitoral: <[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br)>

Entrevistas:

Altair Paulino de Oliveira Campos (ex-prefeito), em 20/10/2006.

Américo da Silva Carvalho (presidente da USS, ex-candidato a prefeito), em 09/11/2006.

Ângela Nogueira de Paula Dias (viúva de Severino Ananias Dias), em 22/10/2006.

Antonio Chagas de Araújo (maitre), em 26/10/2006.

Arthur de Ávila Freire (ex-vereador), em 31/10/2006.

Carla da Silva Dias Valente (dentista, neta de Narciso da Silva Dias), em 12/10/2006.

Carlos Roberto da Silva Ganhadeiro (coordenador de campanha eleitoral), em 28/10/2006.

César Matoso Furtado (empresário, ex-candidato a prefeito), em 21/10/2006.

Célia de Almeida Pereira (funcionária pública municipal), em 01/11/2006.

Cláudio Moysés da Silva Figueiredo (ex-vereador), em 22/11/2006.

Deoswaldo de Oliveira Ramos (coordenador de campanha eleitoral), em 30/10/2006.

Eurico Pinheiro Bernardes Junior (ex-vereador e atual prefeito), em 27/10/2006.

Fernando Antônio do Amaral (eleitor), em 22/10/2006.

Fernando Mattoso Bittencourt (eleitor), em 28/10/2006.

Francisco Sertório Filho (ex-vereador), em 27/10/2006.

Gley Geraldo Gonçalves (ex-vereador), em 07/11/2006.



Jorge Iberê (ex-vereador), em 26/10/2006.

José Maria Vaz Capute (ex-vereador e ex-candidato a prefeito), em 23/10/2006.

José Werneck Machado Filho (ex -vereador e ex-candidato a vice-prefeito), em 27/10/2006.

Leda Xavier Brandão (eleitora), em 21/10/2006.

Lucia Maria Werneck da Silva Dias (viúva de Narciso da Silva Dias), em 02/02/2007.

Marcus Pullig Ferreira Gomes (ex-vereador e articulador político), em 20/01/2007

Maria de Lourdes Ribeiro Loureiro (eleitora), em 02/11/2006.

Marlos Elias de França (proprietário do jornal Tribuna do Interior e ex-candidato a prefeito), em 23/10/2006.

Maximiano Fraga de Souza (ex-vereador), em 15/10/2006.

Nair Moraes Jordão (eleitora), em 26/10/2006.

Nilo Ricardo Carvalheira (ex-vice-prefeito), em 07/11/2006.

Olganira Espíndola Mello Carvalheira (ex-vereadora), em 29/01/2007.

Paulo Roberto Arbex (eleitor), em 16/10/2006.

Pedro Ivo da Costa (ex-prefeito), em 27/10/2006.

Pedro Paulo Andrade dos Santos (vereador), em 17/10/2006.

Raul de Ávila Martins (eleitor), em 11/11/2006.

Renato Antonio Ibrahim (ex-prefeito), em 22/10/2006.

Roberto Rosa (ex-candidato a prefeito e colunista de jornal), em 24/10/2006.

Sylvio da Cruz Leal (ex-vice-prefeito), em 17/10/2006

Tânia Rodrigues (eleitora), em 27/10/2006.

Waldir Nicolau Marinho (eleitor), em 24/10/2006.

Wallace Tadeu de Vasconcellos Leal (vereador), em 16/10/2006.

#### Fontes Secundárias:

ABREU, Alzira Alves de. et al. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Pós-1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em história. Da escolha do tema ao quadro teórico*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BEZERRA, Marcus Otávio. *Em nome das "bases": política, favor e dependência pessoal*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11ª ed. Brasília: UnB, 1998, vol. 2.

BRAGA, Greenhalgh H. Faria. *Vassouras de Ontem*. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1975.

BRASIL. *Código Eleitoral Anotado e Legislação Complementar*. 6ª ed. Brasília: TSE/SDI, 2004. ISBN 85-86611-27-1.

BRASIL. Ato Complementar nº 7, de 31 de janeiro de 1966. Disponível em: <[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br)>

BRASIL. Resolução nº 7902, de 23 de agosto de 1966. Instruções sobre as sublegendas. Disponível em: <[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br)>

BRASIL. Lei 5433, de 14 de junho de 1968. Institui o sistema de sublegendas e dá outras providências. Disponível em: <[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br)>

BRASIL. Ato Complementar nº 61, de 14 de agosto de 1969. Disponível em: <[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br)>

BRASIL. Decreto-lei 1541, de 14 de abril de 1977. Institui sublegendas para as eleições de senador e prefeito e dá outras providências. Disponível em: <[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br)>

BRASIL. Lei 6978, de 19 de janeiro de 1982. Estabelece normas para a realização de eleições em 1982, e dá outras providências.

BRASIL. Lei 6988, de 13 de abril de 1982. Altera a redação do parágrafo único do artigo 17 da Lei 6448, de 11 de outubro de 1977, que dispõe sobre a organização política e administrativa dos Municípios dos Territórios Federais, e dá outras providências. Disponível em: <[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br)>

BRASIL. Lei 7493, de 17 de junho de 1986. Estabelece normas para a realização de eleições em 1986 e dá outras providências. Disponível em: <[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br)>

BRASIL. Lei 7551, de 12 de dezembro de 1986. Revoga o Decreto-lei nº 1541 de 14 de abril de 1977 (Lei das Sublegendas). Disponível em: <[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br)>

CAMPANHOLE, Adriano; CAMPANHOLE, Hilton Lobo. *Constituições do Brasil: 1824 a 1969*. 9ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e Bordados: Escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999,

- \_\_\_\_\_. *Teatro das Sombras: A Política Imperial*. São Paulo: Vértice/IUPERJ, 1988.
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004, vol 3.
- DINIZ, Eli. *Crise política, eleições e dinâmica partidária no Brasil: um balanço histórico*. In: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1989, vol. 32, nº 03.
- \_\_\_\_\_. *Voto e Máquina Política: Patronagem e Clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1992, vol. 5, nº. 10.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 5ª ed., 2002.
- FIGUEIREDO, Marcus; ALDÉ, Alessandra; DIAS, Heloisa, JORGE, Vladimyr L. *Estratégias de persuasão em eleições majoritárias: Uma proposta metodológica para o estudo a propaganda eleitoral*, Rio de Janeiro: IUPERJ (mimeo).
- GRYNSZPAN, Mário, “A teoria das Elites e sua Genealogia Consagrada”. In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1996, vol. 41.
- KINZO, Maria D’Alva Gil. *Oposição e Autoritarismo: Gênese e Trajetória do MDB*. São Paulo: Vértice, 1988.
- LAMOUNIER, Bolívar. *Partidos e Utopias: O Brasil no limiar dos anos 90*. São Paulo: Loyola, 1989.
- LAVAREDA, Antonio (org). *A vitória de Arraes*. Recife: Inojosa, 1987.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. Rio de Janeiro: Forense, 1948.
- LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de. SCHMITT, Rogério Augusto. NICOLAU, Jairo César Marconi. “A produção brasileira recente sobre partidos, eleições e comportamento político: balanço bibliográfico. In: *BIB*. Rio de Janeiro, 1992, nº 34, 2º semestre.
- LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de. *Partidos Políticos Brasileiros: A experiência federal e regional (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Graal. 1983.
- \_\_\_\_\_. *O balanço do poder: formas de dominação e representação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo. 1990.
- \_\_\_\_\_. *O sistema eleitoral brasileiro: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

\_\_\_\_\_. *O sistema partidário brasileiro: diversidade e tendências, 1982-1994*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

MARTINS, Antônio. *Vereadores de Vassouras do Império à Nova República*. Vassouras: Edição Particular, 1993.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Introdução à História dos Partidos Políticos Brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

NEVES, Maria Manuela R. de N. *Elites Políticas: Competição e Dinâmica Partidário-Eleitoral (caso de Mato Grosso)*. São Paulo: Vértice, 1988.

NICOLAU, Jairo Marconi. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

PEREIRA, Alexandre Bellinassi; SIMÕES, Janaína Machado; PIERANTI, Octávio Penna. *Personalismo e atividade política: a relação entre partidos e vereadores de Vassouras – RJ*. [Rio de Janeiro]. [s.n.]. 2005.

PINTO, Jorge. *Fastos Vassourenses*. Vassouras: Fundação 1º de Maio, 1935.

PINTO, Surama Conde Sá. “Descobrimo “novos” caminhos: o historiador e a abordagem da cultura política”. In: Revista PHINIX. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2001.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Revistas Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 1992. vol 5, nº 10.

RAPOSO, Ignácio. *História de Vassouras*. Niterói: SEEC, 1978.

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. *A decadência do escravismo colonial: Vassouras, 1860-1880*. Vassouras: USS, 2001 (Dissertação de Mestrado).

REMOND, René. "Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução." In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 5ª ed., 2002.

REMOND, René. *Por uma História Política*. 2º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SCHIMITT, Rogério Augusto. In: LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de (org). *O sistema partidário brasileiro: diversidade e tendências, 1982-94*. Rio de Janeiro: FGV. 1997.

SILVA, De Plácido e. *Vocabulário Jurídico*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Forense. 2002.

STEIN, Stanley J. *Vassouras: um município brasileiro do café - 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)